



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Ana Carolina Miranda Pereira

RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA DE ENSINO
SUPERVISIONADA

Crise: concepções da criança e reflexos na sua estabilidade emocional

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico

Área do Estudo do Meio Social

Trabalho efetuado sob a orientação de

Doutor Gonçalo Maia Marques

Maio de 2013

*Quem não sabe preocupar-se com o seu meio
e não vive apaixonadamente os problemas do seu tempo,
não é um verdadeiro educador. (Bruno Ciari, 1979)*

(Jares, 2006, p.39)

AGRADECIMENTOS

Neste espaço pretendo homenagear aqueles cuja contribuição foi importante para a realização do presente trabalho, pelo apoio e ajuda prestada ao longo de todo este percurso. A todos, presto aqui o meu sincero agradecimento.

Agradeço primordialmente ao meu orientador, Professor Doutor Gonçalo Maia Marques, pelo seu profissionalismo, dedicação e sabedoria. Um excelente ser humano que, para além do apoio e auxílio prestado ao longo do trabalho, me motivou sempre com uma palavra positiva, em momentos de menor inspiração.

Agradeço profundamente aos meus pais pelo seu apoio absoluto, pelo seu encorajamento e reconforto. Por serem os meus melhores ouvintes e conselheiros. Por constituírem o grande pilar da minha vida, por tudo.

Agradeço à minha irmã, Nini, por ser a minha companheira e melhor amiga.

Agradeço ao Rui por todo o carinho, ajuda, compreensão e incentivo em todos os momentos.

Agradeço à Educadora Raquel Amorim e Professora Laurinda Figueiras, com quem tive o prazer de realizar a minha prática pedagógica. Agradeço a ambas a sua generosidade na partilha de saberes e experiências. Foi um privilégio poder trabalhar com estas profissionais de exceção e pessoas com excelentes qualidades humanas.

Agradeço a todas as crianças com quem trabalhei, pela forma calorosa com que me acolheram, por todo o carinho que me prestaram. Agradeço-lhes por terem reforçado o meu gosto e vocação por esta profissão.

Agradeço aos meus amigos de sempre e para sempre, presentes em todas as circunstâncias da minha vida.

RESUMO

Atualmente a palavra crise é frequentemente utilizada pela generalidade da nossa sociedade, traduzindo-se pela grave crise financeira, económica, política e social que o nosso país cruza.

O grande foco do trabalho é conhecer as concepções e visões das crianças em relação a este tema e tentar perceber se, de facto, esta problemática afeta a sua estabilidade emocional. Consequência deste objetivo surge o papel que a família e a escola poderão desenvolver no sentido de contribuir para um maior apoio na estrutura e desenvolvimento cognitivo, psíquico e social da criança.

A metodologia utilizada no estudo teve como base uma abordagem qualitativa, aliada ao método de investigação-ação.

O presente relatório, de âmbito social, foi realizado a partir da Prática de Ensino Supervisionada II (PES II), inserida no curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. Foi realizado durante um semestre e contou com a participação de 25 crianças, inseridas numa turma do 4º ano de escolaridade e com a colaboração de pais/encarregados de educação e professores.

Apresenta como título **“Crise: concepções da criança e reflexos na sua estabilidade emocional”**.

Palavras-chave: Crise; Criança; Família; Escola.

ABSTRACT

Nowadays the word crisis is frequently used by most of our society, due to the financial, economical, political and social crisis our country faces.

The main purposes of this work are to know the children's vision and representation regarding this theme and try to understand if this crisis indeed influences their emotional stability. This lead to the need to better understand the roles that family and the educational system play and in which manner they can contribute to improve children's social, cognitive and psychological development.

The methodology used in this study had a qualitative approach combined with the investigation-action method.

This social context report was performed using Prática de Ensino Supervisionada II (PES II) within the context of the Masters in Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico during a six month extent with the participation of 25 children of a 4th grade class and their parents and teachers.

The title for this report is: **“Crisis: children's representation and consequences on their emotional stability”**

Keywords: Crisis, Children, Family, School.

ÍNDICE

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	1
1.1. - Características do contexto educativo.....	2
1.2.- Características sociais	4
1.3. - Características sociológicas.....	5
1.4.- Características educativas.....	7
CAPÍTULO II – ORIENTAÇÃO PARA O PROBLEMA.....	9
2.1. - Razão para a escolha do tema	10
2.2. - Pertinência do estudo	12
2.3. – Questões/objetivos da investigação	15
CAPÍTULO III – METODOLOGIA.....	17
3.1. – Metodologia utilizada.....	18
3.1.1. – Investigação-ação.....	18
3.1.2. – Investigação qualitativa.....	20
3.2. – Participantes da investigação.....	21
3.3. – Instrumentos de recolha de dados.....	22
3.3.1. – Observação participante	22
3.3.2. – Inquéritos	23
3.3.2.1. – <i>Inquérito por questionário</i>	23
3.3.2.2. - <i>Inquérito por entrevista</i>	24
3.3.3. - Documentos não escritos/registos audiovisuais.....	25
3.3.4. – Trabalhos dos alunos.....	26
3.3.5. – Transcrições.....	26
3.4. – Questões éticas	27
3.5. – Plano de ação do estudo	28
CAPÍTULO IV – REVISÃO DA LITERATURA.....	29
4.1. – A atual crise em Portugal	30

4.2. – A crise e as crianças.....	34
4.3. – O papel da família.....	36
4.4. – O papel da escola	39
4.4.1. – Educar para a cidadania	41
4.5. - O papel da comunicação social.....	42
CAPÍTULO V – SELEÇÃO CRITERIOSA E JUSTIFICADA DE TAREFAS DESENVOLVIDAS	45
5.1. – Exploração da história “Natal no hipermercado”	46
5.2. – Explicação breve do que é a crise.....	47
5.3. – Exploração da história “Pais à escolha num centro comercial perto de ti”	49
5.4. – Tarefa “Malinhas da emigração”	50
CAPÍTULO VI – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	53
6.1. – TAREFA 1 – Gravação áudio/vídeo das concepções dos alunos.....	55
6.1.1. – Objetivos:	55
6.1.2. - Descrição da Tarefa:.....	55
6.1.3. - Análise dos dados da tarefa:	56
6.2. – TAREFA 2 – Preenchimento de inquérito pelos alunos.....	64
6.2.1. – Objetivos:	64
6.2.2. – Descrição da tarefa:.....	64
6.2.3. – Análise dos dados da tarefa:	65
6.3. – TAREFA 3 – Preenchimento de Inquérito pelos pais/ encarregados de educação	70
6.3.1. – Objetivos:	70
6.3.2. – Descrição da tarefa:.....	70
6.3.3. – Análise dos dados da tarefa:	71
6.4. – TAREFA 4 - Realização de um <i>brainstorming</i> a partir da palavra família	78
6.4.1. – Objetivos:	78
6.4.2. – Descrição da tarefa:.....	78
6.4.3. – Análise dos dados da tarefa:	79

6.5. – TAREFA 5 – Realização de um texto expositivo sobre a importância da sua família	81
6.5.1. – Objetivos:	81
6.5.2. – Descrição da tarefa:.....	81
6.5.3. – Análise dos dados da tarefa:	81
6.6. – TAREFA 6 – Divisão das despesas mensais.....	84
6.6.1. – Objetivos:	84
6.6.2. – Descrição da tarefa:.....	84
6.6.3. – Análise dos dados da tarefa:	84
6.7. – TAREFA 7 - Preenchimento de Inquérito pelos professores do Centro Escolar	90
6.7.1. – Objetivos:	90
6.7.2. – Descrição da tarefa:.....	90
6.7.3. – Análise dos dados da tarefa:	90
6.8. – TAREFA 8 - Realização de um <i>brainstorming</i> a partir da palavra crise	92
6.8.1. – Objetivos:	92
6.8.2. – Descrição da tarefa:.....	92
6.8.3. – Análise dos dados da tarefa:	92
6.9. – Análise global	95
CAPÍTULO VII – CONCLUSÕES	97
CAPÍTULO VIII – REFLEXÃO FINAL.....	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	113
ANEXOS	117

ÍNDICE DE IMAGENS

Imagem 1 - <i>Espaço interior do Centro Escolar</i>	3
Imagem 2 - <i>Espaço exterior do Centro Escolar</i>	3
Imagem 3 – <i>A turma</i>	8
Imagem 4 - <i>Os direitos das crianças nos processos de investigação</i>	27
Imagem 5 - <i>“Crise”</i>	43
Imagem 6 - <i>Livro “Há sempre uma estrela no Natal”</i>	47
Imagem 7 - <i>Livro “Pais à escolha num centro comercial perto de ti”</i>	50
Imagem 8 – <i>“Malinhas” distribuídas aos alunos</i>	51
Imagem 9 – <i>“Malinha” decorada por um aluno</i>	51
Imagem 10 – <i>“Malinha” decorada por um aluno</i>	51
Imagem 11 – <i>“Malinha” decorada por um aluno</i>	51
Imagem 12 – <i>Pesquisa de países no globo</i>	52
Imagem 13 – <i>Exemplo da folha de registo, distribuída a cada aluno</i>	78
Imagem 14 – <i>Registo de palavras de um aluno</i>	79
Imagem 15 – <i>Registo de palavras de um aluno</i>	79
Imagem 16 - <i>Elementos da “Família Neiva”</i>	86
Imagem 17 - <i>Elementos da “Família Resende Dias”</i>	87
Imagem 18 - <i>Elementos da “Família Pereira”</i>	87
Imagem 19 - <i>Elementos da “Família Parente”</i>	88
Imagem 20 - <i>Elementos da “Família Feliz</i>	88

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - <i>Recursos e espaços existentes no Centro Escolar</i>	2
Quadro 2 - <i>Pontos importantes das Metas de aprendizagem e Programa do 1º Ciclo, relacionados com o tema</i>	13
Quadro 3 - <i>Referencial de educação financeira do 1º Ciclo do Ensino Básico</i>	14
Quadro 4 - <i>Plano de ação</i>	28
Quadro 5 - <i>Tarefas realizadas e data de implementação</i>	54
Quadro 6 - <i>Palavras relacionadas com a família</i>	80
Quadro 7 - <i>Informação da “Família Neiva”</i>	86
Quadro 8 - <i>Informação da “Família Resende Dias”</i>	87
Quadro 9 - <i>Informação da “Família Pereira”</i>	87
Quadro 10 - <i>Informação da “Família Parente”</i>	88
Quadro 11 - <i>Informação da “Família Feliz”</i>	88
Quadro 12 - <i>Palavras relacionadas com a crise</i>	93

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - <i>Número de Irmãos por Aluno</i>	5
Gráfico 2 - <i>Situação Atual de Emprego dos Pais</i>	6
Gráfico 3 - <i>Habilitações Literárias dos Pais</i>	6
Gráfico 4 – <i>Setores de Atividades dos Pais</i>	7

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1: Exemplar do questionário realizado aos alunos	118
Anexo 2: Exemplar do questionário realizado aos docentes do Centro Escolar.....	119
Anexo 3: Exemplar do questionário realizado aos pais/encarregados de educação.....	120
Anexo 4: Exemplar do pedido de autorização aos pais/ encarregados de educação para a recolha de dados junto dos seus educandos	121
Anexo 5: Exemplar da ficha destinada aos pais/encarregados de educação (profissão, habilitações literárias e situação atual de emprego)	122
Anexo 6: Versão digital das planificações e reflexões semanais do período de estágio no 1º Ciclo e Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada	123

LISTA DE ABREVIATURAS

PES – Prática de Ensino Supervisionada

LUSA – Agência de Notícias de Portugal, SA

UNICEF – United Nations International Children Emergency Fund

REF – Referencial de Educação Financeira

FMI – Fundo Monetário Internacional

IAC – Instituto de Apoio à Criança

PERA – Programa Escolar de Reforço Alimentar

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Este primeiro capítulo destina-se à apresentação de todo o contexto educativo, no qual se desenvolveu a Prática Pedagógica, nomeadamente a caracterização do Centro Escolar, dos alunos e das suas famílias.

As crianças não podem permanecer incólumes aos contextos em que se movem. Tal como os contextos se moldam à sua presença, as crianças e os seus contextos influenciam-se mutuamente.

(Graue & Walsh, 2003, p.24)

1.1. - Características do contexto educativo

A Prática de Ensino Supervisionada II (PES II) e o presente relatório foram realizados num Centro Escolar público, numa freguesia pertencente ao concelho de Viana do Castelo, inserido num dos Agrupamentos de Escola do mesmo concelho.

O edifício referido, com dois pisos, foi inaugurado em 2010, possuindo ótimas e confortáveis instalações, conforme o seguinte quadro apresenta.

1º Piso	Rés-do-chão
• Hall de entrada/ Secretaria	• Duas salas de aula (1º e 4º ano)
• Biblioteca (livros, jogos e filmes)	• Duas salas livres
• Duas salas de aula (2º e 3º ano)	• Pavilhão polivalente
• Casas de banho (alunos e professores)	• Casas de banho (alunos e professores)
• Arrumos	• Arrumos
• Cantina	
• Uma sala livre	

Quadro 1 - Recursos e espaços existentes no Centro Escolar

As salas ocupadas por cada turma, para além do decorrer normal das aulas, são utilizadas também para realização das atividades extracurriculares, neste caso, música, inglês e apoio ao estudo. As restantes salas são, por vezes, utilizadas para a realização de trabalhos manuais, de testes, entre outras atividades. Todas elas são revestidas a cortiça, o que possibilita, de uma forma simples, a colocação de diversos materiais e trabalhos dos alunos. A nível de equipamento tecnológico, mais especificamente na sala de aula destinada ao 4º ano, esta possui um quadro interativo, um quadro branco, um projetor, um computador portátil e um rádio.

O pavilhão polivalente é destinado para as aulas de educação físico-motora e quaisquer outras atividades que requeiram um espaço amplo.

A nível exterior, o centro escolar comporta um recreio amplo, seguro e agradável, com alguns espaços verdes, mas pouco equipado com materiais e objetos para as crianças brincarem e utilizarem durante o tempo livre.



Imagem 1 - Espaço interior do Centro Escolar



Imagem 2 - Espaço exterior do Centro Escolar

1.2.- Características sociais

Relativamente à turma onde foi realizada toda a Prática Pedagógica e que deu formação ao presente relatório, é constituída por 25 alunos, todos matriculados no 4º ano de escolaridade pela primeira vez. Existem 9 crianças do sexo feminino e 16 crianças do sexo masculino, todos com 9 anos de idade. A grande parte dos alunos é natural da freguesia referida que, apesar de estar classificada como semi-urbana, ainda mantém muitas características de um meio iminentemente rural. Torna-se pertinente citar uma aluna da turma que numa das tarefas realizadas (ver capítulo VI), em que foi proposto falarem das suas famílias, referiu:

Eu gosto onde vivo, no meio de espaços verdes, cearas, moinhos, leiras, gado, animais de capoeira, coelhos...Para dizer isto só em quatro palavras é: meio rural e Natureza!

A turma é caracterizada por crianças educadas e muito sociáveis, interagindo facilmente uns com os outros e com a restante comunidade escolar, designadamente professores e auxiliares.

No geral, a nível de aproveitamento, a turma não evidencia grandes dificuldades na aprendizagem. No entanto, destacam-se três alunos que apresentam dificuldades de concentração e de atenção, o que origina diferentes ritmos de trabalho e níveis de desempenho distintos na sala de aula.

Um dos alunos caracteriza-se por ser pouco comunicativo, com um vocabulário reduzido e com um ritmo de aprendizagem mais lento que a restante turma. As suas principais dificuldades concentram-se no português, na interpretação e na expressão escrita e estas refletem-se nas outras áreas curriculares.

Um outro aluno apresenta algumas limitações na fala, principalmente na articulação das palavras, necessitando de uma maior atenção em exercícios de articulação fonológica e na escrita, nomeadamente na organização de ideias e criação de textos. A sua caligrafia é, por vezes, de difícil perceção.

O terceiro aluno está diagnosticado como sendo portador da Perturbação do Espectro do Autismo – “Síndrome de Asperger”. O aluno não está a beneficiar de apoio direto da Educação Especial sendo apoiado pela professora titular de turma e de apoio

educativo duas horas por semana. Este aluno apresenta dificuldades a nível da meta comunicação, regras sociais, interpretação do segundo sentido e défices na grafomotricidade e coordenação motora.

1.3. - Características sociológicas

Os pais/ encarregados de educação demonstram um grande interesse e preocupação pelo percurso escolar e pessoal de cada educando, acompanhando de perto o seu desenvolvimento. Os contactos com a professora titular são, em alguns casos, diários, embora curtos, quando levam os filhos à escola; outros fazem-no por via telefónica, devido à falta de horário compatível com o da escola ou, então, nas reuniões para as quais são convocados.

A estrutura familiar dos alunos caracteriza-se, maioritariamente, como nuclear, sendo que muitos deles, para além dos pais e dos irmãos, vivem com os avós. Relativamente ao número de irmãos de cada aluno, verifica-se uma grande predominância de alunos com apenas um irmão, conforme indica o gráfico que segue.

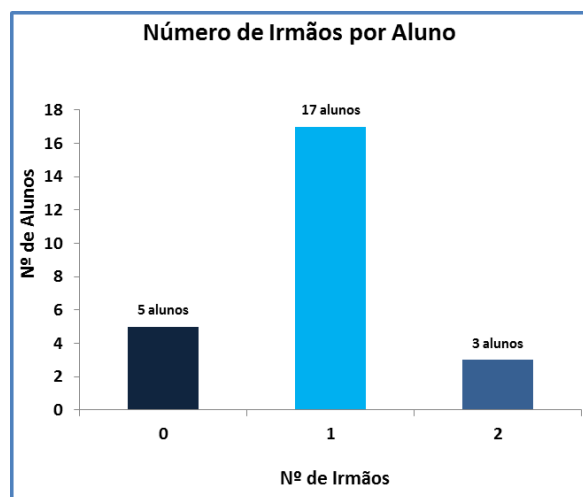


Gráfico 1 - *Número de Irmãos por Aluno*¹

¹ Gráfico elaborado com informação fornecida pelas crianças.

No campo socioeconómico, constata-se que a grande maioria dos pais possui, como habilitações literárias, entre o 7º e o 10º ano de escolaridade, sendo de realçar que, com estudos superiores, existe uma maioria de mães. Curiosamente, são estas que apresentam um maior número de desempregados.

Quanto à atividade profissional dos progenitores, constata-se que a maioria pertence ao setor terciário, não se verificando qualquer situação de trabalho no setor primário. Estas realidades confirmam-se nos seguintes gráficos²:

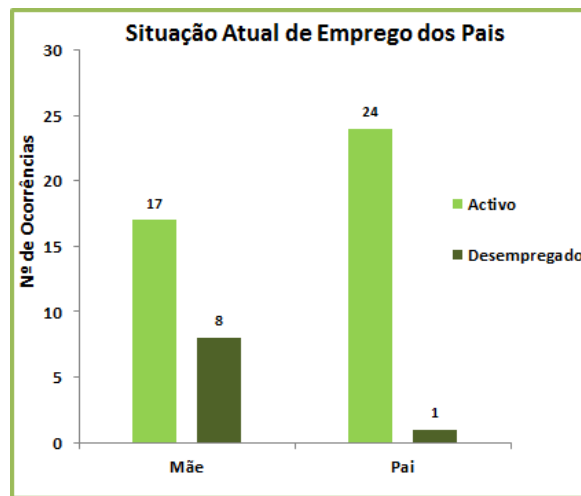


Gráfico 2 - *Situação Atual de Emprego dos Pais*

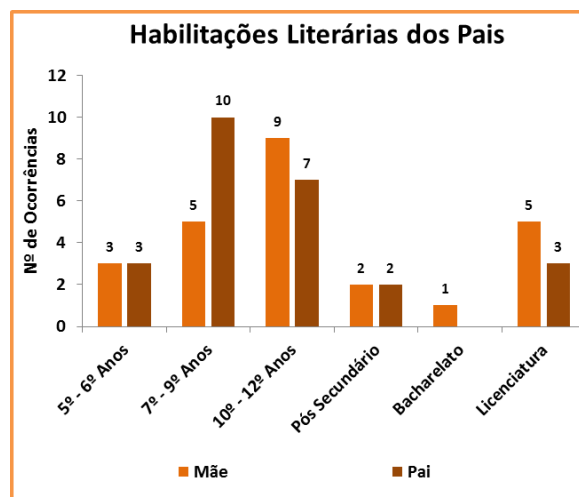


Gráfico 3 - *Habilitações Literárias dos Pais*

² Gráfico elaborado a partir dos inquéritos realizados aos pais.

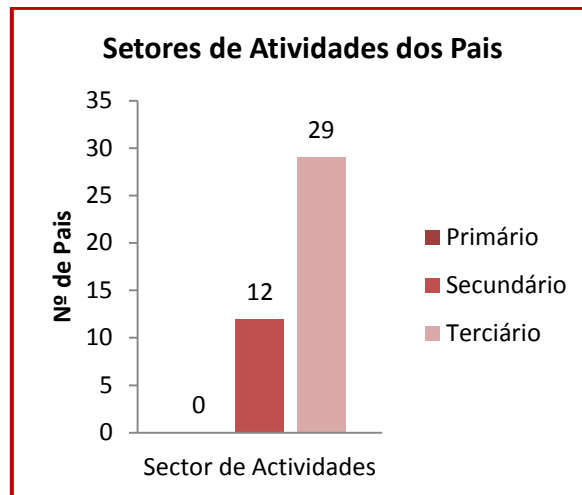


Gráfico 4 – Setores de Atividades dos Pais

1.4.- Características educativas

A turma é composta por alunos que denotam uma boa base e estrutura familiar, demonstrando uma preferência pelas brincadeiras em grupo, pelos jogos de computador e pesquisas na internet, leitura de livros relacionados com aventuras e com a natureza. Por outro lado, como é natural nesta faixa etária, a diferença no desenvolvimento intelectual e físico entre as meninas e os meninos é já evidente, estando as alunas mais desenvolvidas. Este facto verifica-se, no tipo de conversas que mantêm entre si, o tipo de atitudes em certas situações e ainda na escolha de algumas brincadeiras/ atividades.

Quanto às dificuldades na aprendizagem, estas diferem conforme as áreas curriculares³:

- Português - A maioria dos alunos revela facilidade em comunicar oralmente, exprimindo as suas ideias com clareza. A maioria faz uma leitura fluente, mas nem sempre expressiva. Ao nível da expressão escrita, a maioria escreve com letra legível, desenhada corretamente e proporcionada. Quanto à interpretação escrita, por vezes, não apresentam respostas completas e corretas a questões relativas a textos. Já na produção de textos, constata-se alguma dificuldade ao nível da

³ Alguma informação foi retirada do Plano de Turma.

ortografia, embora revelem muita criatividade e imaginação. Apesar das dificuldades apresentadas, o nível de desempenho da turma na área do Português é satisfatório.

- Matemática – A turma, na generalidade, demonstra facilidade na leitura e escrita de números, na compreensão de grandezas e medidas e nas noções básicas de geometria, bem como no domínio das técnicas de cálculo (da adição, da subtração e da multiplicação). No entanto, alguns alunos revelam alguma dificuldade ao nível do cálculo mental e na interpretação/resolução de problemas. É nesta área onde se verifica uma maior heterogeneidade entre os alunos.
- Estudo do Meio – É nesta área curricular onde se nota um maior interesse e entusiasmo por parte dos alunos no desenvolvimento das diversas atividades, independentemente do conteúdo abordado. Realizam as tarefas com grande motivação e o resultado é normalmente muito positivo.
- Expressões – As quatro áreas curriculares que compõem as expressões são muito apreciadas pelos alunos, que demonstram grande criatividade nas tarefas a realizar.



Imagem 3 – A turma

CAPÍTULO II – ORIENTAÇÃO PARA O PROBLEMA

Neste capítulo, são descritas as razões para a escolha do tema central do estudo, bem como as questões orientadoras/ objetivos do mesmo. É ainda mencionada a pertinência do estudo, com base em documentos oficiais.

2.1. - Razão para a escolha do tema

Uma crise, por definição, é algo que sempre nos desagrada. Há pessoas a sofrer, e a sofrer gravemente, sérias dificuldades, perdas, carências, tumultos, protestos. Como estes últimos anos têm mostrado, uma crise é sempre um fenómeno perturbador. (Neves, 2011, p. 32)

Presentemente o nosso país atravessa uma grave crise económica que, consequentemente, tem gerado grande instabilidade social e política. Essa instabilidade não afeta todos do mesmo modo. No entanto, é geral a incerteza e angústia que muitas famílias vivem. A taxa de desemprego é das mais altas da União Europeia e a mais alta dos últimos anos no nosso país, afetando milhares de famílias. Toda esta problemática prejudica também o sistema de ensino e, por estas e por todas as razões que já aqui apontamos, esta crise afeta inevitavelmente todas as faixas etárias, desde as crianças, aos mais idosos.

No sistema de ensino a crise tem-se manifestado de várias formas, quer na carência de meios disponíveis das próprias escolas, quer no aumento de alunos pertencentes a famílias com graves problemas económicos.

A comunicação social é, sem dúvida, o grande instrumento que faz com que as pessoas conheçam e se mantenham informadas acerca deste tema. Todos os dias, ouvimos falar da crise, crise, crise e todas as notícias circulam à volta desse assunto. Também os debates surgem, nesta altura, muito frequentemente, discutindo-se as causas, razões, efeitos e problemas que a crise envolve. É certo que das crianças pouco se fala. E as crianças? Não são afetadas? Será que elas percebem o que se passa? Em que medida? Como já referi anteriormente, esta fase afeta todas as faixas etárias, e um exemplo disso são as crianças, mais vulneráveis e sensíveis a determinadas consequências que possam vir a surgir. Nas famílias que vivem graves crises económicas é natural que as pessoas se sintam mais deprimidas, angustiadas e inseguras e todas essas emoções são transmitidas inevitavelmente para as crianças.

Tal como referiu recentemente à LUSA Sofia Nunes da Silva, psicóloga clínica da Unidade de Psiquiatria da Infância e da Adolescência do Departamento de Pediatria do Hospital Santa Maria, “Nota-se uma maior preocupação das crianças em relação aos pais. Há

uma espécie de inversão de papéis. A atual situação está a obrigar a mudanças de hábitos e, para muitas famílias, esta é a primeira crise económica que estão a viver. As pessoas andam mais tensas, mais deprimidas e preocupadas.”⁴

Creio que ao explicarmos às crianças, de acordo com a sua faixa etária, o que se passa no nosso país, para além de ficarem mais informadas, compreenderão mais facilmente tanto o que ouvem na televisão como o que se passa à sua volta.

Por outro lado, é de primordial importância darmos voz às crianças, ouvindo a sua opinião, as suas preocupações e dúvidas. A convenção dos direitos das crianças, da UNICEF, no seu artº 12, nº1 refere precisamente que “Os Estados Partes garantem à criança com capacidade de discernimento o direito de exprimir livremente a sua opinião sobre as questões que lhe respeitem, sendo devidamente tomadas em consideração as opiniões da criança, de acordo com a sua idade e maturidade.”

Com este trabalho, pretendo também aquilatar qual o papel correto que a família deve ter, nomeadamente se deve dar uma imagem real aos seus filhos, ou mitigá-la um pouco, de modo a não causar um alarme desnecessário. É consensual entre os especialistas que se debruçam sobre esta temática, que a estabilidade familiar, a segurança, o afeto e a atenção recebidos são fatores preponderantes para que a estrutura cognitiva da criança funcione de modo a que o seu interesse e empenho na vida escolar sejam maiores, bem como em todos os aspetos da sua vida.

Neste âmbito, é importante perceber que papel poderá ter a escola na gestão da situação, designadamente no esclarecimento de dúvidas que os alunos possam apresentar e o apoio em situações mais delicadas, mesmo considerando que a escola não é alheia aos problemas do país. Neste contexto, a instituição escolar representa um papel crucial na vida da criança, devendo os professores estar atentos às situações mais delicadas e promover questões de cidadania, valores e contributos para a nossa sociedade. “As escolas são estabelecimentos aos quais está confiada uma missão de serviço público, que consiste em dotar todos e cada um dos cidadãos das competências e conhecimentos que lhes permitam explorar plenamente as suas capacidades, integrar-se activamente na sociedade e dar um contributo para a vida económica, social e cultural do País.” (Decreto-Lei nº75/2008 de 22 de Abril, p. 2341) No mesmo decreto, Artigo 4º, refere ainda que a escola

⁴ Semanário Sol (2012), retirado de: http://sol.sapo.pt/inicio/Sociedade/Interior.aspx?content_id=59727

deve “promover a equidade social, criando condições para a concretização da igualdade e oportunidade para todos.”

Foi ao aperceber-me desta realidade, por ser um assunto tão atual, e ao ler algumas opiniões recentes de psicólogos e sociólogos que defendem claramente que a crise vivida no nosso país afeta a vida e o comportamento das crianças, que decidi abordar este tema no meu relatório final da prática de ensino supervisionada.

2.2. - Pertinência do estudo

O estudo, para além de apresentar um assunto atual e real da nossa sociedade, constitui um tema transversal a várias áreas curriculares do 1º Ciclo do Ensino Básico, com clara predominância para o Estudo do Meio.

Assim sendo, o quadro que se segue apresenta aspetos contidos no Programa do 1º Ciclo e Metas de aprendizagem onde se constata essa realidade:

Metas de aprendizagem 1º Ciclo do Ensino Básico – Estudo do Meio	
Meta final 5)	O aluno identifica mudanças e permanências ao longo do tempo pessoal, local e nacional, reconhecendo diferentes ritmos (mudança gradual ou de ruptura) e direções (progresso, ciclo, permanência, simultaneidade).
Meta final 15)	O aluno reconhece e respeita identidades sociais e culturais à luz do passado próximo e longínquo, tendo em conta o contributo dos diversos patrimónios e culturais para a vida social, presente e futura.
Meta final 16)	O aluno mobiliza e integra vocabulário e conceitos substantivos específicos dos diversos conteúdos, temas e problemas explorados.
Meta final 18)	O aluno utiliza adequadamente diversas formas de comunicação e expressão relacionadas com o meio natural e social, no presente e no passado.
Programa do 1º Ciclo do Ensino Básico ⁵ – Estudo do Meio	
Bloco 2 – À descoberta dos outros e das instituições	Reconhecer a importância da família.
Bloco 6 - À descoberta das inter-relações entre a natureza e a sociedade	- Reconhecer a agricultura, pecuária, silvicultura, pesca, indústria, comércio e serviços como actividades económicas importantes em Portugal. - Perceber a importância das atividades produtivas de Portugal como factores de desenvolvimento e crescimento do país, nomeadamente na criação de emprego.

Quadro 2 - Pontos importantes das Metas de aprendizagem e Programa do 1º Ciclo, relacionados com o tema

A Direção-Geral da Educação lançou, em Outubro de 2012⁶, uma proposta de Referencial de Educação Financeira (REF) para a Educação Pré-Escolar, o Ensino Básico e Secundário e Formação de Adultos. “Pretende-se que o REF constitua, no quadro da Educação para a Cidadania, o documento orientador para a implementação da Educação Financeira em contexto educativo e formativo, contribuindo para elevar o nível de conhecimentos financeiros da população escolar e para a adoção de comportamentos financeiros adequados.”

⁵ Adaptado.

⁶ Ministério da Educação (2012) retirado de: www.dgidec.min-edu.pt/index.php?s=noticias¬icia=459

Apesar de ser uma proposta e não estar a ser posta em prática atualmente, este referencial apresenta vários pontos que se revelam muito pertinentes para o estudo em questão, assim:

Referencial de educação financeira do 1º Ciclo do Ensino Básico (Proposta em Discussão Pública)	
Necessidades e desejos	• Compreender a diferença entre o necessário e o supérfluo. • Estabelecer a diferença entre “necessitar” e “querer”. • Distinguir e exemplificar despesas necessárias e despesas supérfluas. • Compreender que gastar mais do que necessário pode comprometer a satisfação de necessidades no futuro, exemplificando situações.
Despesas e rendimentos	• Relacionar despesas e rendimentos. • Distinguir e exemplificar despesas realizadas com o rendimento familiar e com a mesada/semanada. • Estabelecer a relação entre rendimento e despesas, evidenciando a noção de saldo. • Elaborar um orçamento, identificando rendimentos e despesas e apurando o respectivo saldo. • Tomar decisões tendo em conta que o rendimento é limitado.
Objetivos de poupança	• Saber o que é poupança e quais os seus objetivos. • Calcular a necessidade de poupança para comprar determinado bem ou para acumular património num determinado período de tempo. • Entender a função da poupança como precaução contra o risco, fazendo face a oscilações previstas e imprevistas de rendimento ou despesa.

Quadro 3 - Referencial de educação financeira do 1º Ciclo do Ensino Básico

2.3. – Questões/objetivos da investigação

A identificação de um problema ou suposição surge, na maioria das vezes, paralelamente a uma dúvida/questão. Assim, e de modo a organizar e sistematizar a investigação, foi necessária a criação de algumas questões orientadoras, que se traduzem também nos objetivos do estudo.

Neste âmbito, surgem com acuidade as questões centrais da investigação, às quais se pretende dar a resposta no final do estudo:

- I. Quais as concepções das crianças em relação à crise?*
 - a. Qual é a noção das crianças relativamente às despesas familiares?*
 - b. Qual a importância que as crianças atribuem às suas famílias em momentos difíceis?*
 - c. De que forma este problema social se reflete na sua estabilidade emocional?*
- II. Qual o papel da família enquanto elemento estabilizador?*
 - a. Deverá ocultar-se a verdade às crianças?*
- III. Que papel poderá ter a escola neste contexto?*

CAPÍTULO III – METODOLOGIA

Neste capítulo faremos referência à metodologia adotada no estudo, bem como aos instrumentos de recolha de dados utilizados. São também referidos os participantes do estudo.

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação reflexão.

Paulo Freire

3.1. – Metodologia utilizada

O presente trabalho partiu, como já foi referido, pela identificação de um problema, que originou a criação de questões/objetivos para, no final do relatório escrito, essas questões iniciais sejam objetivamente esclarecidas. Para tal, as tarefas implementadas junto dos participantes, neste caso, os alunos, foram realizadas com o desígnio de o seu resultado e conteúdo darem resposta às questões já mencionadas. Todo esse trabalho de investigação teve, como base de sustentação, uma abordagem predominantemente qualitativa, estando inteiramente relacionada com o método de investigação-ação. Esta opção metodológica é inerente ao tema central do relatório.

3.1.1. – Investigação-ação

(...) todo o professor verdadeiramente merecedor deste nome é, no seu fundo, um investigador e a sua investigação tem íntima relação com a sua função de professor.

(Alarcão, 2001, p.6)

Especificando, a **investigação-ação** traduz-se por uma metodologia essencialmente prática, em que o investigador apresenta um papel ativo na investigação, existindo uma grande proximidade entre si e os intervenientes. O investigador torna-se um agente reflexivo sobre aquilo que observa e sobre toda a envolvimento da sua prática. A investigação-ação pode definir-se “como um estudo de uma situação social que tem como objectivo melhorar a qualidade de acção dentro da mesma.” (Elliot, 1993). (Coutinho, Sousa, Dias, Bessa, Ferreira & Vieira, 2009, p. 360)

Vários autores apresentam diferentes perspetivas da investigação-ação. Porém, tentamos salientar aquelas que mais se destacam no nosso estudo e na metodologia utilizada. Larrote (2003) considera que o propósito elementar da investigação-ação não é

tanto gerar conhecimento mas sim argumentar as práticas sociais e os valores que as completam com o objetivo de explicá-los. (Coutinho, Sousa, Dias, Bessa, Ferreira & Vieira, 2009, p. 363)

Por outro lado, Stenhouse (1983) defende que a investigação-ação “sendo caracterizada por um maior dinamismo na forma de encarar a realidade, maior interactividade social, maior proximidade do real pela predominância da praxis, da participação e da reflexão crítica, e intencionalidade transformadora, torna-se num verdadeiro esteio onde acabam por vir apoiar-se muitos dos investigadores que desenvolvem os seus estudos no seio das ciências sociais em geral e da educação em particular.” (Stenhouse, 1983). (Coutinho, Sousa, Dias, Bessa, Ferreira & Vieira, 2009, p. 357)

Outro aspeto característico deste método é referente ao papel que o investigador assume, ao mesmo tempo que exerce a sua atividade profissional, como professor. Desta forma, o investigador assume um duplo papel de **professor/investigador**, permitindo-lhe, ao mesmo tempo que investiga, compreender melhor a sua prática educativa e encontrar soluções para problemas que surjam. Daí a importância que a figura do professor detém “(...) como uma entidade que possui privilégios únicos na capacidade de planificar, agir, analisar, observar e avaliar as situações decorrentes do acto educativo, podendo assim reflectir sobre as suas próprias acções e fazer das suas práticas e estratégias verdadeiros berços de teorias de acção.” (Schon, 1983). (Coutinho, Sousa, Dias, Bessa, Ferreira & Vieira, 2009, p. 357)

No nosso estudo investigativo, esta duplicidade de papéis foi exercida, neste caso, por mim, professora estagiária e ao mesmo tempo investigadora de todo o processo de pesquisa, observação, reflexão, recolha e análise dos dados. “A investigação-acção é intencional, na medida em que é orientada pelos propósitos de desenvolvimento do ensino e dos professores enquanto profissionais.” (Esteves, 2008, p.38)

De modo conclusivo destacamos a importância da investigação-ação e do conceito de professor-investigador, salientando Alarcão (2001) que defende que interligado a esta metodologia surge com grande destaque conceitos relativos à qualidade da educação, investigação, desenvolvimento profissional e institucional e inovação.

3.1.2. – Investigação qualitativa

Como já referimos, o método qualitativo ou como Erickson⁷ propõe, interpretativo, foi o método utilizado no nosso estudo, designadamente na interpretação e análise dos dados recolhidos.

Bogdan e Biklen (1994) definem a **investigação qualitativa** em cinco pontos essenciais que se revelam, na sua generalidade, importantes características do nosso estudo:

- *Na investigação qualitativa a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal.*
- *A investigação qualitativa é descritiva.*
- *Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos.*
- *Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva.*
- *O significado é de importância vital na abordagem qualitativa.*

O investigador qualitativo distingue-se pela proximidade do ambiente real do estudo, traduzindo-se pela recolha de informação através de um contacto directo com os factos e com os participantes. Independentemente do tipo de instrumento de dados utilizado, o contexto e as circunstâncias do estudo são considerados factores cruciais na percepção de determinados dados recolhidos. “Os investigadores que adoptam uma perspectiva qualitativa estão mais interessados em compreender as percepções individuais do mundo. Procuram compreensão, em vez de análise estatística.” (Beel, 1997, p. 20)

Os dados qualitativos são considerados descritivos, no sentido de abordarem os resultados de uma forma interpretativa utilizando a palavra como meio de tradução da informação obtida. Enquanto na investigação quantitativa, os investigadores atribuem grande destaque aos resultados finais - dados estatísticos -, a investigação qualitativa concede uma visível importância ao desenrolar de todo o processo investigativo. Considera-se que este método é indutivo na forma como analisa os dados pois, o

⁷ Citado em Graue e Walsh – Investigação Etnográfica Com Crianças (2003, p. 34)

investigador tenta tirar conclusões e entendimentos a partir dos dados obtidos e não confirmar ou testar dados para comprovar teorias, modelos ou hipóteses premeditadas.

Aliada à investigação qualitativa, surge em conformidade a investigação etnográfica, que visa compreender a vida e cultura de determinadas populações. Como tal, o investigador está presente no contexto de estudo e observa diretamente os factos em concreto, assim como aconteceu no nosso estudo.

3.2. – Participantes da investigação

A decisão na seleção dos participantes do estudo surgiu a par da escolha do tema. Desde a fase inicial do trabalho que se considerou necessário inserir todos os alunos da turma no estudo, designadamente na realização das tarefas apresentadas e na análise dos dados obtidos por cada um. Esta opção prendeu-se com o facto do tema do trabalho, apesar de ser superficialmente conhecido por todas as crianças, ser susceptível de opiniões e entendimentos diferentes, de criança para criança e da experiência e vivência de cada uma. Num universo de crianças mais extenso, a informação e os dados obtidos, possibilitou-nos assim uma melhor comparação entre os resultados das diversas tarefas e consequentemente conclusões mais válidas e fiáveis. Deste modo, o estudo contou com a participação de 25 crianças do 4º ano de escolaridade, todas com 9 anos de idade.

É ainda importante referir que o estudo teve a valiosa colaboração dos pais/ encarregados de educação, sendo apenas de registar um caso de recusa no preenchimento do inquérito proposto. Apesar do estudo ter como público-alvo apenas uma turma, achamos pertinente, para além de inquirir a professora titular da turma referida, recolher também a opinião do restante corpo docente (3 professoras).

3.3. – Instrumentos de recolha de dados

Os dados são simultaneamente as provas e as pistas. Coligidos cuidadosamente, servem como factos inegáveis que protegem a escrita que possa ser feita de uma especulação não fundamentada.

(Bogdan & Biklen, 1994, p.149)

3.3.1. – Observação participante

Tal como o nome indica, a observação participante é um método de recolha de dados inteiramente relacionado com a investigação qualitativa, pois caracteriza-se de igual forma pela proximidade do investigador que observa presencialmente o fenómeno em estudo. A observação, no quadro da metodologia qualitativa, “trata-se de um olhar implicado, participante e não do olhar distante e frio da observação sistemática.” (Estrela & Ferreira, 2001, p.66)

No nosso caso, a observação foi um método permanentemente utilizado ao longo de todo o estudo. Na sua fase inicial, permitiu-nos analisar e conhecer os alunos, de modo a compreendermos melhor o público-alvo e o contexto no qual iríamos intervir numa fase posterior. Ao longo da implementação das tarefas propostas, permitiu-nos perceber o sucesso das tarefas, não só a partir do feedback revelado por parte dos alunos, mas também a partir dos resultados obtidos. “A observação ajuda a compreender os contextos, as pessoas que nele se movimentam e as suas interações.” (Esteves, 2008, p.87)

A reflexão surge, assim, subjacente a este instrumento de recolha de dados, pois a partir da observação e da análise atenta dos acontecimentos, pudemos refletir sobre o observado e tirar conclusões relevantes.

3.3.2. – Inquéritos

3.3.2.1. – Inquérito por questionário

A investigação por questionário é uma maneira alternativa muito fiável para a investigação em ciências sociais. Se for correctamente aplicado e devidamente tratado poderá dar grandes avanços neste campo da investigação. (Miranda, 2011, p. 15)

O inquérito por questionário foi o método utilizado mais abrangente no estudo, pois possibilitou de uma forma simplificada e eficaz a recolha de dados quer dos alunos (Anexo 1), professores (Anexo 2) e pais/encarregados de educação (Anexo 3). No entanto, as questões e o número de questões, o modo como abordamos cada público foram, obviamente, diferentes. Contudo, existem aspetos característicos deste instrumento de investigação que abrangeram os três tipos de questionários utilizados no trabalho, os quais passaremos a especificar.

As questões colocadas em cada questionário foram construídas, analisadas e reformuladas, de modo a que estas fossem o mais claras possível quanto à sua interpretação e que os resultados das mesmas pudessem dar resposta aos objetivos do trabalho. Tendo em conta ainda a sensibilidade social do tema (a crise), a confidencialidade e a privacidade de cada inquirido foi respeitada na sua totalidade.

A linguagem utilizada foi cuidadosamente revista, de modo a ser compreensível por todos os indivíduos. Relativamente ao número de perguntas de cada questionário, tentamos que este não fosse muito extenso, de modo a não entediar os participantes.

Os questionários fornecidos apresentaram questões abertas, com o objetivo de possibilitar aos inquiridos autonomia em cada resposta. Segundo Albarello, Digneffe, Hiernaux, Maroy, Ruquoy e Saint-Georges (1997), esta opção caracteriza-se precisamente pela resposta não estar prevista, ou seja, a pessoa interrogada exprime-se livremente. Este tipo de questões pode resultar numa riqueza de respostas, enquanto produto investigativo. Porém a sua análise pode ser bastante complexa devido à sua subjetividade e interpretação formada.

Os questionários destinados aos pais/ encarregados de educação foram entregues pelos respetivos educandos, sendo que a sua recolha foi feita de forma faseada, conforme a disponibilidade manifestada por cada um para o seu preenchimento. Os questionários destinados aos alunos foram realizados individualmente na sala de aula, sendo que a sua recolha foi imediatamente feita após o fim do seu preenchimento. Este apresentou questões semelhantes às colocadas na entrevista realizada anteriormente, de modo a complementar e sustentar essa mesma tarefa. Apesar de terem sido realizados na sala de aula, não houve qualquer tipo de troca de ideias entre os alunos e a professora, mantendo-se assim a fidelidade total da informação. Os questionários atribuídos às professoras foram entregues pela professora estagiária que, previamente forneceu uma breve explicação sobre os mesmos.

3.3.2.2. - *Inquérito por entrevista*

Outro instrumento de recolha de dados utilizado no estudo foi a entrevista, método com o qual se iniciaram as tarefas junto dos alunos. Cada um foi entrevistado individualmente, de modo a que, num ambiente de proximidade entre o entrevistador e o entrevistado, a sua opinião acerca das questões colocadas fossem genuínas e sinceras. *As boas entrevistas caracterizam-se pelo facto de os sujeitos estarem à vontade e falarem livremente sobre os seus pontos de vista.* (Bogdan & Biklen, 1994, p. 136) Quando os alunos entravam na sala, na qual iam decorrer as entrevistas, eram surpreendidos por um cartaz com a palavra crise escrita de diferentes cores e caligrafias. O tema central das entrevistas foi, desta forma, introduzido a par, obviamente, duma breve explicação por parte da professora estagiária.

Relativamente à sua estrutura, podemos classificar as entrevistas realizadas como sendo semi-estruturadas, ou seja, “o entrevistador faz sempre certas perguntas principais mas é livre de alterar a sua sequência ou introduzir novas questões em busca de mais informação. O entrevistador tem, assim, possibilidade de adaptar este instrumento de pesquisa ao nível de compreensão e receptibilidade do entrevistado.” (Moreira, 1994, p. 133)

Foi ainda proposto que cada aluno finalizasse a sua entrevista com um comentário/ frase sobre a crise, que achasse pertinente.

“O objetivo das entrevistas é obter respostas sobre o tema, problema ou tópico de interesse nos termos, a linguagem e a perspectiva do entrevistado (“em suas próprias palavras”).” (Sampieri, Collado & Lucio, 2006, p. 381)

3.3.3. - Documentos não escritos/registos audiovisuais

Em certas fases do estudo houve necessidade de registar situações a nível fotográfico e vídeo, sendo que uma das grandes vantagens da utilização de registos audiovisuais é a possibilidade de rever e relembrar momentos importantes da recolha de dados. Exemplo disso foram, por exemplo, as entrevistas realizadas aos alunos que foram gravadas em vídeo e registo áudio, possibilitando assim a revisão não só dos diálogos mas também da postura e comportamento dos alunos perante as questões apresentadas. A nível fotográfico, pudemos registar algumas tarefas implementadas, bem como materiais que as complementaram.

“A fotografia é uma técnica de excelência na Investigação-Ação, na medida em que se converte em documentos de prova da conduta humana com características retrospectivas e muito fiáveis do ponto de vista da credibilidade” (Coutinho, 2008) A mesma autora, refere que o vídeo é igualmente importante pois reúne a imagem em movimento ao som, o que possibilita ao investigador obter a repetição da realidade.

A utilização destes objetos junto das crianças pode criar alguma agitação e alteração dos seus comportamentos. No entanto, no nosso caso, os alunos por estarem algo habituados à presença de câmaras – utilizadas esporadicamente no decurso das aulas - mostraram-se à vontade e descontraídos nos diversos momentos.

3.3.4. – Trabalhos dos alunos

Os trabalhos escritos pelos alunos revelaram-se um instrumento de recolha de dados imprescindível na obtenção dos resultados do estudo. Para além dos questionários, estes trabalhos traduziram-se em textos escritos, *brainstormings* ou campo lexical de determinadas palavras e registos escritos da realização de certas tarefas. Este tipo de dados permitiu-nos ter uma melhor perceção sobre a opinião e visão das crianças em assuntos relacionados com a crise mas também nos possibilitou compreender a relação que as crianças têm com a sua família e a importância que atribuem à vida e relação familiar.

Este método de recolha de dados constitui uma enorme riqueza a nível de resultados pois o seu conteúdo é único e autêntico, revelando os conhecimentos das crianças, pelas suas próprias palavras e formas de escrita. Por esse motivo, as transcrições insertas no capítulo referente à análise de dados são cópia fiel dos seus escritos, daí a existência de alguns erros ortográficos.

3.3.5. – Transcrições

Ao longo da apresentação e análise de dados, foi essencial a transcrição de partes retiradas das entrevistas, inquéritos e trabalhos executados pelos alunos. Através delas conseguimos documentar os resultados da análise realizada, dando a conhecer as partes mais relevantes dessa recolha de dados. Por esse motivo, e de modo a dar um retrato mais fiel e autêntico dos trabalhos recolhidos, foram transcritos um grande número desses testemunhos. No caso das entrevistas, embora cientes que a transcrição nunca é tão autêntica como o relato original, esta foi a solução que achamos ser mais adequada para apresentar os resultados.

3.4. – Questões éticas

Por problemas éticos devem entender-se os que surgem quando temos de decidir entre um ou outro tipo de actuação, não em termos de eficiência mas em referência ao que é considerado moralmente certo ou errado.

(Barnes, 1979). (Moreira, 1994, p.66)

Num trabalho investigativo, onde contactamos e recolhemos dados e informações pessoais dos participantes, é crucial que a identidade dos mesmos seja totalmente protegida. Numa outra vertente, revela-se essencial a sinceridade do investigador perante os intervenientes e, nesse sentido, o esclarecimento de alguma dúvida ou situação que possa surgir, deve ser prestado com honestidade. No nosso caso, tentamos sempre ter presente este aspeto, dialogando de uma forma clara e explícita com os alunos e professores envolvidos, bem como obtendo as necessárias autorizações dos encarregados de educação/pais para a utilização dos dados dos seus educandos. A ideia da confidencialidade e da proteção da intimidade em geral, foi resumida por Oliveira-Formosinho (2005), conforme o quadro que segue:

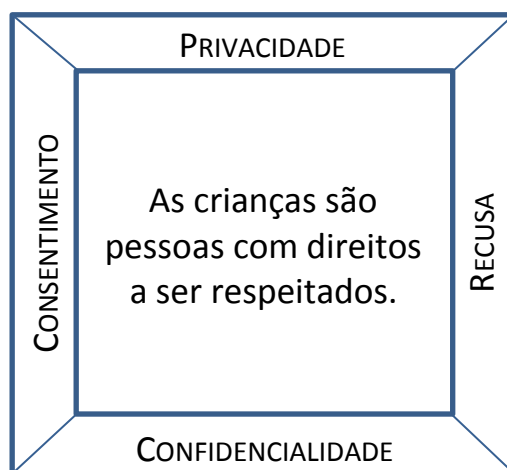


Imagem 4 - Os direitos das crianças nos processos de investigação ⁸

⁸ Citado por Oliveira-Formosinho (2005) “A Escola Vista pelas Crianças” (2008,p.26)

No capítulo referente à análise de dados iremos abordar informação que recolhemos junto dos participantes que, de modo a garantir a confidencialidade, serão diferenciados por letras.

3.5. – Plano de ação do estudo

O quadro que se segue apresenta todas as etapas concretizadas ao longo da investigação, junto do período de tempo nas quais estas foram realizadas. A sequência do plano do trabalho permitiu-nos, de uma forma metódica, organizar e estruturar o estudo. “A redacção de um trabalho (...) é um processo constituído por várias etapas, as quais devem ser registadas à medida que forem sendo concluídas.” (Bell, 1997, p. 187)

Meses 2012/2013	Plano de ação
Outubro	• Escolha do tema da investigação • Formulação das questões/objetivos • Início da pesquisa bibliográfica
Novembro	• Proposta das tarefas a implementar
Dezembro	• Planificação das tarefas • Início das implementações das tarefas (recolha de dados)
Janeiro	• Pedido de autorização aos encarregados de educação dos alunos • Fim das implementações das tarefas (recolha de dados)
Fevereiro/Março/Abril/Maio	• Início da análise de dados recolhidos • Elaboração do relatório final

Quadro 4 - Plano de ação

CAPÍTULO IV – REVISÃO DA LITERATURA

A revisão de literatura pretende fazer uma breve contextualização do tema central da investigação, com base em autores, revistas, relatórios e trabalhos realizados por profissionais conhecedores da área do estudo. Este capítulo caracteriza-se, efetivamente, pela apresentação da análise e interpretação bibliográfica, de modo a sustentar melhor o nosso trabalho.

Uma boa teoria é uma narrativa coerente que nos permite ver uma parcela do mundo por outros olhos. A teoria é um mapa, um guia.
(Graue & Walsh, 2003, p.42)

4.1. – A atual crise em Portugal

A palavra crise pode ter vários significados, dependendo do contexto/tema a que se refere. No entanto é consensual, que a palavra significa algo que está mal, algo desconfortável e difícil de lidar. Conforme o dicionário *Houaiss* (2003) e, de forma resumida, associados à palavra crise estão conceitos como adversidade, ataque, insulto, escassez, estagnação e perturbação.

Presentemente, em Portugal, falar de crise tornou-se um fenómeno banal em que não é necessário explicar de que crise se trata, porque é do conhecimento de todos que se refere à crise financeira e económica e consequente crise política e social que o nosso país atravessa. É certo que esta problemática afeta milhares de pessoas e a agitação social que se vive é facilmente perceptível, designadamente nas notícias veiculadas pelos órgãos de comunicação social.

Porém, Portugal já atravessou e superou outras crises que, inevitavelmente, marcaram a história do nosso país. Eça de Queiroz, no ano de 1891, comentou: *Que fazer? Que esperar? Portugal tem atravessado crises igualmente más: - mas nelas nunca nos faltaram nem homens de valor e carácter, nem dinheiro ou crédito. Hoje crédito não temos, dinheiro também não – pelos menos o Estado não tem: - e homens não os há, ou os raros que há são postos na sombra pela Política. De sorte que esta crise me parece a pior – e sem cura.* Efetivamente, o seu desagrado relativamente à grave crise financeira que se viveu nessa época residia, além do mais, no facto de, no espaço de 40 anos “a dívida total do Estado mais que quintuplicou”. (Neves, 2011, p.152)

Já no século seguinte, depois do 25 de Abril, Portugal foi intervencionado pelo FMI (Fundo Monetário Internacional) no ano de 1977 e em 1983, em que para ultrapassar as dificuldades económicas sentidas, adotou o programa de estabilização económica recomendado, que se pautou sobretudo pela desvalorização da moeda (escudo).

Todavia, Pereira (2011) refere que Portugal enfrenta atualmente a crise de um século, temos *o pior crescimento económico médio desde a Primeira Guerra Mundial, a taxa de desemprego mais elevada dos últimos 80 anos, a maior dívida pública dos últimos 160 anos (isto é, desde que há registos), a maior dívida externa dos últimos 120 anos (quando tivemos de declarar uma bancarrota), a emigração voltou em força e estamos já passar pela segunda maior vaga emigratória dos últimos 160 anos, a nossa taxa de natalidade atingiu mínimos históricos (...)* (Pereira, 2011, p.533). O conhecimento desta realidade permite uma melhor perceção do problema que vivemos e das suas graves repercussões na nossa sociedade.

Apesar dos dados acima mencionados, definir esta crise pode ser uma tarefa bastante complexa, dependendo do parecer de cada um e da forma como interpreta determinados acontecimentos ocorridos ao longo dos últimos anos, não só no nosso país mas a nível europeu e mundial.

Foquemo-nos em três autores, de diferentes áreas profissionais que apresentam as suas perspetivas em relação a este tema⁹, com uma visão predominantemente sociológica:

O fantasma que assombra hoje os portugueses tem um nome: a luz ao fundo do túnel. Por agora, os portugueses não podem saber se essa luz é a luz diurna do ar livre ou o farol de um comboio que corre velozmente em sua direção. Sejam de direita ou de esquerda, ou nem uma coisa nem outra, os portugueses gostariam que a luz que imaginam fosse a primeira, mas temem que seja a segunda. Este é o fantasma português e domina por inteiro o sistema político. Há também os portugueses que não veem qualquer luz e a que gostariam de ver não seria ao fim do túnel e sim dentro do túnel, para não baterem com a cabeça nas paredes enquanto caminham. Estes são os portugueses/fantasma de que o sistema político não se ocupa. (Boaventura de Sousa Santos, sociólogo) ("Ao fundo do túnel" Revista Visão nº956, 2011, p.24)

O nosso país atravessa hoje a maior crise de que guardamos memória: uma economia de rastos; uma dívida pública gigantesca; uma dívida externa bruta que durante muito tempo será uma pesada causa do nosso empobrecimento; uma

⁹ Os aspetos sublinhados a negrito são sublinhados nossos para reforçar a importância das citações dos autores.

taxa de desemprego que supera tudo o que consta nos registos existentes; uma justiça tornada inútil pela sua lentidão; um ensino sem presente nem futuro; uma corrupção sustentada pela intencional ausência de medidas tomadas pelo poder político; uma emigração salvadora dos próprios mas fatal para a Nação.(...) A nossa actual crise é muito profunda e não é apenas económica e financeira; é também política, porque o sistema se mostra inapto para vencer as dificuldades, e a sociedade descrê cada vez mais das instituições e de quem as integra; é igualmente social, pelo volume do desemprego, pela remota possibilidade de reduzi-lo em termos suficientes, pela destruição de uma larga faixa da classe média e pela pobreza crescente que notamos; e é também uma crise moral, pelos comportamentos ilícitos, ou como tal pressentidos, e nunca esclarecidos. (Medina Carreira, advogado e ex-ministro das Finanças) (Carreira, 2011, p. 13 - 15)

*Uma crise é sempre um fenómeno sumamente perturbador que cria confusão, alarme, sofrimento. Por isso, nestas alturas é fácil esquecer a estrutura básica da realidade, os princípios do raciocínio, os valores fundamentais. Daí resultam acusações iradas, discussões ociosas, zangas sem sentido. **Talvez a frase mais profunda que alguma vez se escreveu sobre as crises seja o velho ditado «Casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão».** (...) Antes de pisarmos o terreno concreto daquilo que nos aflige, é bom começar por reafirmar algumas ideias centrais sobre a realidade económica, a actividade financeira e o nosso sistema social. Por muito que o desespero nos tente a abandonar esses conceitos, sabemos que ficaremos muito piores sem eles. **Serenidade e bom senso são os produtos mais escassos durante as crises.** Pelo contrário, pululam os espíritos quentes, indignados, acusadores, violentos. Por isso o regresso às razões que suportam os nossos princípios é o mais necessário, ainda que seja o mais desprezado. (João César das Neves, economista) (Neves, 2011,p. 11)*

A descrição feita pelo primeiro autor, que apresenta como anseio dos portugueses “a luz ao fundo do túnel”, sem poderem saber se essa luz é a luz diurna do ar livre ou a luz do farol de um comboio “vinda na nossa direção”, parece-nos uma descrição perfeita da incerteza e insegurança que a nossa população vive nos dias de hoje. Independentemente

do seu partido, da sua opinião e postura perante assuntos políticos, é certo que toda a gente sente a crise.

De igual modo, Medina Carreira, aponta esta crise como a maior dos últimos tempos, enumerando várias consequências, que se tornam, em cada palavra lida, assustadoras. Para além da crise económica e financeira, destaca ainda a crise política, social e moral como se de um ciclo se tratasse, evidenciando essa relação.

Numa altura de grande fragilidade, o pessimismo e a desistência tornam-se fortes barreiras para o contorno da situação e a luta por qualquer melhoria. João César das Neves destaca o velho ditado «Casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão», precisamente por, nestas ocasiões, a tendência para o alarmismo e desordem, sempre desaconselháveis, serem frequentes. É certo que, em algumas famílias, o desespero, decorrente de uma situação económica extremamente precária, ganha grandes e compreensíveis proporções.

Neste contexto, muitos autores defendem que a crise é também um momento de oportunidades de mudança, em que o otimismo e a esperança não se devem perder de vista. Segundo Oliveira e Oliveira (2012), é nas alturas difíceis, de incerteza, que saímos da nossa “zona de conforto”, que nos podemos encorajar e mudar o rumo das nossas vidas de uma forma positiva. É importante que as pessoas e as famílias se unam e tentem ultrapassar os seus problemas de uma forma não derrotista.

A verdadeira medida de um homem não é como ele se comporta em momentos de conforto e conveniência, mas como ele se mantém em tempos de controvérsia e desafio.

Martin Luther King

4.2. – A crise e as crianças

A UNICEF (2012) no relatório referente à medição da pobreza infantil releva dados sobre a privação de crianças desde o nascimento até aos 16 anos (dados relativos a 2009). Essa privação, que aqui apontamos de forma resumida, passa por aspetos relacionados com a alimentação; livros adequados à idade e ao nível de desenvolvimento de cada criança; artigos e atividades de entretenimento; jogos educativos; dinheiro para participar em passeios e atividades da escola; um espaço tranquilo e luz suficiente para estudar; ligação à internet; algumas peças de roupas novas e não usadas; dois pares de sapatos do tamanho correto; possibilidade de convidar um amigo para brincar e comer em sua casa e a oportunidade de festejar acontecimentos especiais, designadamente o seu aniversário. Neste âmbito, Portugal encontra-se em vigésimo quarto lugar, num universo de 29 países europeus, estudados. Este resultado leva-nos a refletir sobre as condições de vida em que muitas das crianças do nosso país vivem atualmente, tendo em conta que já em 2009 ocupávamos um lugar muito abaixo da média europeia.

De igual modo, e de acordo com o recente relatório da Caritas Europa intitulado *“A study of the impact of the crisis and austerity on people, with a special focus on Greece, Ireland, Italy, Portugal and Spain”*, Portugal apresenta uma taxa de pobreza infantil acima da média dos países constituintes da União Europeia. No mesmo âmbito, o Comissário para os Direitos Humanos do Conselho da Europa, Nils Muižnieks, referiu que as consequências da crise têm aumentado a pobreza entre muitas famílias portuguesas.

Também o Instituto de Apoio à Criança (IAC) revelou recentemente que os pedidos de ajuda aumentaram significativamente, entre Janeiro e Setembro de 2012¹⁰. São as próprias crianças que ligam a pedir ajuda, mostrando grande preocupação com os pais, nomeadamente com a situação instável de emprego, dificuldades económicas na aquisição de material escolar e bens alimentares.

Efetivamente, as dificuldades que muitas famílias vivem, são sentidas pela população mais frágil e vulnerável - as crianças. Este facto torna-se um problema real e

¹⁰ Informação contida no blog do Instituto de Apoio à Criança (2012) *“Crianças a torto e a Direitos”*, retirado de: <http://criancasatortoeadireitos.wordpress.com/2012/10/18/criancas-pedem-cada-vez-mais-ajuda-pelos-pais/>

socialmente grave que pode vir a comprometer o saudável desenvolvimento e crescimento da criança.

Neste momento, é visível o desânimo em muitos rostos. Nos velhos, porque as promessas de tranquilidade para os últimos anos de vida, estão agora ameaçadas por cortes nas reformas e nos apoios sociais. Nos ativos de meia-idade, porque o desemprego alastra e não são raras as ameaças de despedimento. Nos jovens, onde encontro vontade de emigrar e falta de entusiasmo em ser português. Nas crianças, que a tudo assistem com angústia crescente. (Sampaio, 2011, p.165)

Neste contexto, torna-se essencial que a família, a escola e a sociedade em geral, garantam uma boa qualidade de vida, protejam e apoiem as crianças nas mais diversas vertentes. A sua saúde não passa apenas por carências alimentares mas pela estabilidade emocional a que as crianças estão sujeitas. “As perturbações emocionais implicam, por definição, alterações emocionais e preocupações de longo prazo.” (Williams, Watts, Macleod & Mathews, 2000, p. 23) É importante transmitir-lhes segurança e esperança num mundo melhor. É durante a infância que *as crianças podem aprender a participar no seu mundo e a contribuir para ele com a sua criatividade, sensibilidade e espírito crítico*. Podemos assim, *contar com cidadãos emancipados, autênticos na interação que estabelecem com o mundo, emocionalmente saudáveis, com uma atitude fortemente exploratória, abertos ao mundo externo e interno, com um sentido de pertença e uma forte motivação para contribuir para a qualidade de vida, respeitando o homem, a natureza, o mundo físico e conceptual.* (Portugal, 2009, p.33)

No relatório publicado pela UNICEF (2007) “Pobreza Infantil em perspectiva: Visão de conjunto do bem-estar da criança nos países ricos” realça como nota introdutória que “A verdadeira medida do estado de uma nação está na forma como cuida das suas crianças – da sua saúde e protecção, da sua segurança material, da sua educação e socialização, e do modo como se sentem amadas, valorizadas e integradas nas famílias e sociedades onde nasceram.”

As emoções vividas no quotidiano da criança são também aspetos que, naturalmente, influenciam o seu desenvolvimento e sucesso escolar. *Se emocionalmente seguras, naturalmente as crianças exploram o seu contexto e estão altamente motivadas para novas descobertas e para a busca de informação.* (Portugal, 2009, p.49)

Neste contexto, Abraham Maslow¹¹, sugeriu que existe uma ordem definida de necessidades elementares para que as pessoas se sintam motivadas. Muitos dos pontos dessa hierarquia adequam-se claramente às necessidades que uma criança precisa para ter um bom desempenho na sua vida escolar. Enumeramos aqui aquelas que mais se adaptam:

1. *Necessidades fisiológicas: comida, bebida, abrigo.*
2. *Necessidades de segurança: segurança, ordem, protecção e estabilidade familiar.*
3. *Necessidades de amor: afeição, afiliação do grupo e aceitação pessoal.*
4. *Necessidades de estima: respeito próprio, prestígio, reputação.*
5. *Necessidades de auto-realização: sucesso, satisfação e realização das metas, talentos pessoais.*

4.3. – O papel da família

A criança sente confusamente tudo o que tem a ver consigo e o que tem a ver com os pais, incluindo o que não sabe conscientemente. Se for privada de explicações, de informações, de palavras, todos os silêncios, todos os “brancos”, todos os não-ditos lhe pesarão e poderão causar desregulamentos diversos: ansiedade, agressividade, perturbações alimentares, do sono e do comportamento. (Brunschwig, 2008, p.154)

Com o avançar dos tempos, as mudanças e alterações das sociedades são constantes, embora a família continue a ser a célula-base do desenvolvimento e educação das crianças. O comportamento da criança depende do meio e ambiente em que está inserida e com quem se relaciona. A sua maneira de estar é fruto daquilo que ouve, daquilo que observa, dos hábitos e rotinas a que está sujeita no seu dia-a-dia. É neste contexto que a família apresenta um papel crucial no desenvolvimento e bem-estar da criança. Assim sendo, deve garantir-lhe o acesso a bens essenciais, como a alimentação, vestuário, alojamento, cuidados de saúde e à sua formação e educação.

“As populações juvenis que vivem em contextos socioeconómicos mais fragilizados, marcados pela fractura de vários mundos, com menos protecção e menos modelos, deparam-se

¹¹ Citado por Sprinthall e Sprinthall (1993) “Psicologia Educacional” (p.508)

com a obrigação de serem elas mesmas e, não conseguindo, na maioria das vezes, mobilizar os referentes e identificações mais tradicionais, parecem flutuar em mundos onde não existem lógicas imperativas.” (Silva, 2008, p.33)

Por outro lado, deve proporcionar-lhe também uma estabilidade e segurança emocional, requisitos fundamentais para um crescimento saudável. Os problemas familiares, sejam de que natureza for, se não forem bem “geridos”, são transmitidos inevitavelmente para os mais novos, mesmo que estes não se apercebam disso. “(...) Os filhos absorvem as mensagens dos pais. Quando são pequenas, as crianças, transformam o que os pais dizem em verdades universais, que contribuem para formar um sistema de valores que molda a sua personalidade. Além de proteger os descendentes do sofrimento emocional, os pais devem preocupar-se com a transmissão de valores que definam um código ético para o seu futuro.” (Sampaio, 2011, p. 52-53)

De facto, é fundamental que os pais conversem com os filhos, esclareçam aspetos que os preocupem, não dramatizando as situações mas não as ocultando por completo. *(...) a criança deve saber o que é a realidade, mas claro que deve ter o seu refúgio de fantasia.* (Gomes, 2010). Além de fazerem com que os filhos não interpretem conversas ou situações de forma errada, ao esclarecê-los, transmitem valores e aprendizagens fundamentais para o desenvolvimento da sua personalidade.

Falar da crise - muitas vezes a partir de questões que as crianças colocam - de uma forma adequada e de fácil perceção para os mais novos, pode contribuir para que estes se sintam mais úteis nas decisões familiares, mesmo que não tenham grande influência na realidade. Podem ainda desenvolver valores morais como a solidariedade, a partilha, a responsabilidade, a igualdade, a tolerância, entre outros. Segundo Caeiro, Secretária de Estado da Segurança Social (2005), a estabilidade e uma estrutura familiar forte está inteiramente ligada com o progresso das nossas sociedades.

Os pais podem ainda aproveitar este momento para abordar com os seus filhos questões relacionadas com o dinheiro, ajudando-os a desenvolver conhecimentos financeiros. É um facto que *a turbulência económica que se faz sentir no mundo ocidental desde 2008 impulsionou grandes alterações comportamentais por parte da população, nomeadamente reforço dos hábitos de poupança, menor recurso ao crédito e eliminação de desperdício.* (Ferreira, 2013, p.21) As próprias famílias criam novos hábitos na gestão das

economias domésticas e, com alguma prudência, podem envolver as crianças nessa administração, de uma forma simples e sem, obviamente, causar preocupações desnecessárias.

Ferreira (2013) propõe alguns desafios relacionados com a educação financeira, em função da idade. No quadro seguinte apresentamos apenas os pontos referentes às idades compreendidas entre os 7 e os 10 anos:

Idades	Características Comportamentais	Estratégias Sugeridas
Dos 7 aos 10 anos	Os conhecimentos matemáticos expandem-se, nomeadamente a capacidade de quantificação e cálculo; Compreensão dos diferentes papéis na sociedade.	- Reforçar a envolvimento dos filhos nas finanças da família, promovendo o diálogo sobre aspectos financeiros simples, reforço do trabalho como fonte de receita, ênfase na necessidade em se efectuarem escolhas e evitar o desperdício. Ainda relacionado com o trabalho, salientar a necessidade de perspectivar o futuro (profissão) e a necessidade de empenho e estudo para se atingirem os objectivos e sonhos; - Envolver as crianças na elaboração de um orçamento simples: de uma viagem, por exemplo; - Envolver as crianças em tarefas inerentes ao orçamento familiar, com metas intermédias simples para que a criança ganhe motivação ao concretizar certos objectivos; - Entre os 7 e 11 anos: conceito semana começa a fazer sentido (mas é sempre uma decisão individual dos pais); - Idas ao supermercado (meramente para fins educacionais): percepção do valor do dinheiro e que este é limitado.

Quadro 4 – *Educação financeira em função da idade* (Ferreira, 2013, p. 64)

4.4. – O papel da escola

A escola, a par da família, surge como uma outra estrutura fundamental na vida da criança. Para além da oportunidade formativa e educativa, possibilita a convivência e interação com os outros, contribuindo assim para um crescimento intelectual e social da criança. A escola é um dos agentes sociais em que os sujeitos *desenvolvem a sua personalidade; estabelecem as bases de relação entre eles mesmos e a sociedade, entre eles mesmos e a cultura; representam o próprio contexto na relação que este mantém com a escola, numa perspectiva dinâmica de intercâmbio mútuo de influências de todo o tipo.* (Zabalza, 1987, p.37)

Segundo Papalia, Olds e Feldman (2001), as crianças, no período escolar¹², passam mais tempo fora de casa, longe dos seus familiares, do que quando eram mais novas. A escola e os professores assumem assim, também, um papel crucial na vida da criança, devendo criar relações de afeto, confiança e proximidade com os seus alunos. É no período em que as crianças estão na escola, que os professores podem observar diferentes situações e atitudes e detetar problemas de diferentes índoles. “A maior parte dos educadores reconhece, espontaneamente, a influência primordial das disposições afectivas e da motivação, sobretudo no percurso escolar dos alunos e no seu desenvolvimento intelectual. (...) a sua acção pedagógica, embora prioritariamente destinada ao desenvolvimento intelectual e à aquisição de aptidões, tem repercussões sobre essas outras componentes da personalidade do aluno que são as atitudes, os valores, os interesses, os sentimentos e a motivação.” (Morissette & Gingras, 1999, p.13).

A relação escola-família assume também um papel muito significativo neste contexto. As famílias devem participar ativamente na vida escolar dos seus filhos, mantendo uma relação próxima com os professores, de modo a partilharem os seus problemas, preocupações, saberes e experiências.

Relativamente à problemática da crise, que temos vindo a realçar, o nosso sistema educativo tem evidenciado alguma atenção com a situação do nosso país, como constata o recente Despacho n.º 11886-A/2012, “O Governo através do Ministério da Educação e Ciência acompanha com preocupação, a actual situação económica e social das famílias, bem como

¹² Designado como o período dos 6 aos 11 anos, em que a escola compõe a experiência central desta fase.

as condições das crianças e jovens que frequentam a rede de escolas que integram o sistema de oferta pública do Ministério da Educação e Ciência.” (Decreto-Lei nº11886-A/2012 de 6 de Setembro, p. 30914) Apesar das contenções exigidas pelo Estado, não obstante o orçamento do Ministério da Educação¹³ para o 1º Ciclo, entre 2001 e 2011, ter sido reduzido em quase 5%, mantém a intenção de dar continuidade aos apoios sociais já implementados em anos anteriores, designadamente, a comparticipação com despesas de alimentação, transportes, manuais escolares, entre outros. Mais recentemente, a criação do Programa Escolar de Reforço Alimentar (PERA), implementado no presente ano letivo, vem reforçar essa necessidade de auxílio aos alunos mais carenciados. Este programa tem como principais objetivos quatro pontos, que aqui assinalamos¹⁴:

- Reforço alimentar – Disponibilizar aos(as) alunos(as) em situação de carência alimentar, identificados(as) pelas escolas, uma primeira refeição do dia;
- Sensibilização familiar – Sensibilizar os(as) alunos(as) e as famílias para uma alimentação saudável e para a importância do pequeno-almoço tomado em casa;
- Encaminhamento Familiar - Encaminhar as famílias dos(as) alunos(as) carenciados(as) para estruturas locais de apoio alimentar;
- Solidariedade – Implementar campanhas de solidariedade locais e nacionais. A nível nacional será lançado o apoio à campanha iniciada pelos Bancos Alimentares – “Papel por Alimentos”.

É consensual que a escola deve acompanhar o desenvolvimento do mundo, entre os quais os problemas vividos no presente. É importante não ignorar a realidade da nossa sociedade e partilhar e debater com os alunos assuntos que lhes permitam ter um maior conhecimento do seu país e do mundo. A escola deve estimular os alunos a desenvolverem o seu espírito crítico e a terem uma noção objetiva da realidade.

A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe.

Jean Piaget

¹³ Dados retirados do relatório “Estado da Educação 2012 – Autonomia e Descentralização” – Conselho Nacional da Educação

¹⁴ Pontos retirados do programa referido (2012). Retirado de: <http://www.portugal.gov.pt/media/783616/20121129-MEC-PERA.pdf>

4.4.1. – Educar para a cidadania

Para além do evidente apoio que a instituição e toda a comunidade escolar deve prestar às crianças mais carenciadas ou com problemas de outra ordem, esta é uma fase em que a educação para a cidadania emerge com grande pertinência no dia-a-dia da escola. A cidadania “traduz-se numa atitude e num comportamento, num modo de estar em sociedade que tem como referência os direitos humanos, nomeadamente os valores da igualdade, da democracia e da justiça social.” (Ministério da Educação, Linhas orientadoras da educação para a cidadania, 2012, p.1)

É importante o contributo da escola na formação intelectual e moral das crianças, sabendo transmitir-lhes valores e a consciência do seu papel na sociedade, designadamente dos seus direitos e das suas obrigações. São estes conceitos que, muitas vezes os alunos têm presentes depois, ao longo das suas vidas. Crianças bem formadas serão, inevitavelmente, adultos mais conscientes e responsáveis.

O que importa acima de tudo é que as nossas escolas sejam capazes de contribuir para a formação de pessoas livres, autónomas, criativas e empreendedoras, cultas, responsáveis e que disponham de um quadro cívico de referência que as leve a serem exigentes consigo mesmas e com os outros, e sobretudo interessadas em se valorizarem e em contribuírem para a construção de uma sociedade mais próspera e mais justa, mais aberta e mais responsável. (Grilo, 2010, p. 54)

Neste âmbito, uma das componentes da educação para a cidadania - a educação financeira – revela-se de extrema importância. A par da família, como já referimos, a escola deve, paulatinamente, desenvolver junto dos alunos, ações que os motivem para a aprendizagem de matérias relacionadas com as finanças pessoais e da família. “A educação financeira dos mais novos é fundamental em termos de formação pessoal, permitindo preparar as crianças para o mundo que as rodeia, adaptar comportamentos e atitudes.” (Ferreira, 2013, p.26)

4.5. - O papel da comunicação social

A comunicação social, com destaque para a televisão, constitui o grande sistema de informação presente no dia-a-dia da maioria das pessoas. *A televisão torna possível atingir multidões, a sua acção não tem comparação com a dos outros media.* (Lurçat, 1995, p.15) É a partir deste meio de comunicação que as pessoas se mantêm informadas sobre as atualidades, ocupam o seu tempo livre e se entretêm. De facto, a televisão é um óptimo veículo de informação e cultura, embora o espectador deva ter sempre um espírito crítico relativamente aquilo que lhe é transmitido, não considerando toda a informação como verdade absoluta. Na realidade, a necessidade de captar audiências, leva a que muitos dos conteúdos transmitidos sejam sensacionalistas e, por vezes, pouco fiáveis. *A televisão oferece-nos modelos de vida, exemplos e contra-exemplos.* (Savater, Castillo, Crato & Damião, 2010, p.25)

Uns espectadores muito fiéis da televisão são, sem dúvida, as crianças. Assim, os pais devem protegê-las de certos programas e conteúdos televisivos uma vez que, *a investigação realizada sugere que a televisão exerce uma influência significativa e potencialmente a longo prazo no desenvolvimento social das crianças.* (Spodek, 2002, p.587)

Sobretudo em tempos de crise, é de primordial importância que os conteúdos televisivos sejam devidamente tratados e assentes em factos verídicos. Porém, verifica-se uma tendência excessiva para o negativismo, a insegurança, a inquietação e o dramatismo. Nesse contexto, os pais devem tentar suavizar a situação, abordando e debatendo o assunto com os seus filhos, de forma a que fiquem bem informados e não os preocupando demasiado. Segundo Spodek (2002), a atenção e compreensão do que é visto pelas crianças depende de diferentes fatores, como por exemplo, o seu nível de desenvolvimento. Contudo, cabe não só aos pais mas também aos professores exercerem um papel ativo como mediadores, de modo a mitigar eventuais excessos na informação.

Também o apelo ao consumo, traduzido na publicidade que muitas vezes é passada em doses massivas, pode contribuir para que as crianças exagerem nos pedidos que fazem aos pais. Ora, em tempo de crise, poderá questionar-se se será ético esse

tratamento televisivo, uma vez que *as crianças são especialmente vulneráveis ao apelo da publicidade televisiva*. (Spodek, 2002, p. 566)

“Os adultos – sobretudo os familiares – são sempre a fonte imprescindível da formação moral e o reservatório decisivo para a construção do conhecimento. É por estas razões que não devemos expulsar as crianças da sala, sempre que haja oportunidade de conversar. No momento em que vivemos, a «educação» pelos ecrãs arrisca-se a tomar a dianteira.” (Sampaio, 2011, p.36)



Imagem 5 - “Crise” ¹⁵

¹⁵ De Bruna Rei Illustration (2013) retirado de: <http://planetamiador.blogspot.pt/>

CAPÍTULO V – SELEÇÃO CRITERIOSA E JUSTIFICADA DE TAREFAS DESENVOLVIDAS

Para além das tarefas realizadas com o fim de obter informação relevante para a realização do estudo, foram ainda desenvolvidas outras tarefas complementares. Neste capítulo são apresentadas essas tarefas, as quais foram essenciais no enquadramento do tema do estudo, contribuindo também para a aquisição de novas aprendizagens.

As tarefas realizadas, descritas no próximo capítulo (capítulo VI), constituíram um instrumento fundamental na recolha de dados e na obtenção de informação essencial e exclusiva. Devido à importância dos dados para a realização do estudo, as tarefas foram planeadas minuciosamente, tendo em conta os objetivos do trabalho, o programa de estudo do meio direccionado para o 4ºano e obviamente as características do público-alvo. Tivemos a preocupação de propor a realização de trabalhos que, apesar da seriedade do tema, fossem apelativos e que cativassem o interesse dos alunos.

Para além dessas tarefas, propostas com fim de recolher dados para a realização do estudo, foram realizadas ainda outras de modo a complementar as anteriores.

Estão nesse caso as tarefas que seguem, realizadas sem o propósito de recolher/obter informação necessária para dar resposta aos objetivos do estudo, mas sim de forma a contextualizar melhor o tema, obtendo deste modo uma conexão em todos os conteúdos abordados.

5.1. – Exploração da história “Natal no hipermercado”

Ainda sem abordar o assunto da crise com os alunos, aproveitamos a época Natalícia, para explorar a história “Natal no hipermercado”, retirada do livro “Há Sempre uma Estrela no Natal” de Luisa Ducla Soares que narra a história de um menino chamado Rodrigo. Esta personagem, com tanta indecisão ao escolher os presentes para o Natal, decidiu enviar ao Pai Natal uma grande caixa cheia de catálogos de hipermercados que, para além de um grande número de brinquedos, continham também guloseimas, refrigerantes, relógios, material escolar, uma imensidade de coisas. No dia de Natal, o Pai Natal convidou o Rodrigo a passar a consoada num hipermercado, dado que, com tantos pedidos, lhe pareceu o mais acertado. O Rodrigo achou uma ótima ideia, já que no fim da noite poderia levar para casa, o que quisesse. Quando chegou ao hipermercado, começou a brincar com tudo o que lá havia, ao mesmo tempo que se deliciava com as guloseimas existentes. Ao fim de algum tempo, começou a sentir-se pouco confortável naquele espaço, com frio, dores de barriga, sozinho e aborrecido. Enquanto deambulava pelos

corredores, na tentativa de sair dali, acabou por cair num depósito de lixo, das embalagens e caixotes velhos. Cheio de medo, ouviu miar e encontrou, no meio da barafunda, um gatinho com quem criou logo uma grande amizade. Quando o Pai Natal regressou ao hipermercado para ir buscar o Rodrigo, conforme o combinado, o menino, surpreendentemente, apenas escolheu o gatinho para levar consigo.

Com a exploração desta história pudemos abordar o conceito de consumismo excessivo, associando a sentimentos como o egoísmo, irresponsabilidade e futilidade.

No final ressalta o valor de sentimentos como a amizade, solidariedade e partilha. Muitos dos alunos referiram, instintivamente, a falta de consciência do menino ao não se lembrar de outros que não iriam ter presentes, realçando o facto do Pai Natal “não ser rico” e ao oferecer-lhe tudo o que ele pretendia, deixava de poder dar a outras crianças.



Imagem 6 - Livro “Há sempre uma estrela no Natal”

5.2. – Explicação breve do que é a crise

Ao abordamos o assunto crise com os alunos em diversos momentos, achamos que seria fundamental fazer uma breve explicação sobre o assunto. Não faria sentido realizar algumas tarefas, nomeadamente as entrevistas e os inquéritos, sobre um tema delicado e pouco dominado por eles e, posteriormente, não esclarecermos algumas das

dúvidas que naturalmente surgiram. Nesse sentido, construímos um pequeno vídeo, com a junção de excertos das entrevistas dos alunos e, de seguida, criando um diálogo com a turma, a professora estagiária explicou de uma forma clara e compreensível o que é a crise. Como guião dessa conversa construímos um texto¹⁶ simples e de fácil perceção para as crianças:

Antes de mais quero dizer-vos que a palavra crise é usada em muitas situações. Normalmente é quando algo está mal, ou não corre bem. É um período de mudança e transformação. Com certeza já ouviram dizer que alguém teve “uma crise de rins” – isto quer dizer que teve uma dor renal. Ou, por exemplo, que “o casamento dela está em crise” – que significa que o casamento não está a correr bem (estão zangados). Neste caso, quando falamos da “crise que o país atravessa”, estamos a pensar nos problemas económicos e financeiros que enfrentamos; Por palavras simples, podemos dizer que, quer o governo, quer as famílias e as empresas têm pouco dinheiro. E porque temos pouco dinheiro? Porque, ao longo do tempo, não temos sabido poupar o suficiente e recorremos muitas vezes ao crédito (pedimos dinheiro emprestado aos bancos). Como é sabido, quando pedimos dinheiro emprestado, temos depois que o devolver acrescido dos juros (que é a quantia que ganha quem nos empresta, pelo tempo que passou). No caso português, o Estado gastou muito dinheiro sem que houvesse necessidade disso. Para vocês perceberem vejam, como exemplo, os estádios de futebol que foram construídos há alguns anos; o Estado gastou muito dinheiro e, parte deles, já não tem qualquer utilização. A mesma coisa se passa com as auto-estradas. Esta situação foi agravada, a nível nacional e internacional, com maus negócios que alguns banqueiros desonestos fizeram (assunto que não vamos analisar aqui por ser muito complexo). Enfim, tudo isto levou a que o governo, para poder pagar as despesas com a saúde, a educação, a segurança, etc, tivesse que pedir cada vez mais dinheiro e, por isso, pagar cada vez mais juros (já vimos o que isso era). Para poder devolver o dinheiro que pediu emprestado e pagar os juros, o governo teve de aumentar os impostos e, assim, as pessoas passaram a ter menos dinheiro. Ora, com pouco dinheiro, as pessoas não podem fazer muitas compras e, então, os comerciantes e industriais vendem menos coisas e ganham menos dinheiro. Isto é muito grave porque, como são vendidos menos produtos, o trabalho no comércio e na indústria diminui, fazendo com que os patrões não precisem ou não possam pagar a todos os trabalhadores. É por isso que há muito desemprego. É claro que, desde sempre, as

¹⁶ Proposta didática elaborada por Ana Carolina Miranda Pereira, 2012.

peessoas têm encontrado soluções para as crises que surgem. Neste caso, vamos ter todos esperança que a crise não demore muito tempo a passar, para voltarmos a viver todos melhor. Até lá sejam todos poupadinhos!

5.3. – Exploração da história “Pais à escolha num centro comercial perto de ti”

A família, por ser considerada como um lugar de afetos e partilha, “o nosso todo, a nossa unidade social, é a essência do saber, da competência, da idoneidade e da transmissão dos valores que nos acompanham ao longo da vida” (Caeiro, 2005, p. 21-22), julgamos ser essencial abordar esta temática juntos dos alunos, tendo em conta o assunto do estudo. Perceber que relação familiar mantêm, se consideram a família um organismo importante nas suas vidas, designadamente na gestão de situações difíceis, foi um dos objetivos previstos no estudo.

Deste modo, para introduzirmos esta temática, foi explorada a história “Pais à escolha num centro comercial perto de ti” de Maria Inês Almeida. Esta história conta a aventura de dois irmãos órfãos que vão a um centro comercial vocacionado para “a venda de pais” para crianças que estivessem interessadas. Havia pais para todo o tipo de gostos, pais que gostavam de crianças, que tinham muito dinheiro, que eram bonitos, pais muito inteligentes, pais que não ralhavam. “Há pais gordos, magros, bons, maus, trabalhadores, preguiçosos, espertos, menos espertos, assim-assim, pais contentes, pais tristes, pais que só pensam em si mesmos, pais que pensam primeiro em ti (...) Há pais que riem, há pais que gritam. Há pais carecas, com caracóis, barba ou bigode. Loiros, morenos, pretos ou brancos. Há pais com olhos cor de amêndoa, há pais com olhos cor de um rio. Há pais que te dizem que no mundo há sempre um final feliz.”

Depois de verem tantas possibilidades os meninos, a dada altura, começaram a ficar desanimados porque não se conseguiam decidir por que tipo de pais deviam optar. Em todos os pais que foram apreciando, havia sempre alguma coisa que não os satisfazia plenamente. Após muito procurarem, de repente, no último andar do centro comercial, encontraram uns pais pouco risonhos. Intrigados com esse estado de espírito, os irmãos abordaram-nos e ficaram a saber que aqueles pais, muito humildes, “apenas” tinham

amor para dar: “ - É que nós não temos nada de especial, só temos amor para dar...”. As crianças ficaram muito felizes e imediatamente optaram por aqueles pais, pois era precisamente isso que elas procuravam.

Esta pequena história, à qual os alunos se mostraram muito atentos e interessados, possibilitou um diálogo sobre as relações familiares e a importância que os afetos, nelas têm. Concluiu-se então que, independentemente das diferentes estruturas familiares, da fisionomia das pessoas e do contexto socioeconómico, o importante é que as crianças se sintam amadas e seguras, no seio da família.



Imagem 7 - Livro “Pais à escolha num centro comercial perto de ti”

5.4. – Tarefa “Malinhas da emigração”

Considerando a emigração como uma consequência da crise, em que muitas pessoas se veem de novo “obrigadas” a emigrar, procurando trabalho e melhores condições de vida fora do país, achamos pertinente abordar este assunto com os alunos. Para além deste factor, era do nosso conhecimento que alguns alunos têm familiares próximos emigrados tornando-se assim muito oportuno falar e discutir sobre as causas e consequências da emigração.

Para a realização deste trabalho, a professora/estagiária distribuiu a cada aluno, uma “malinha” em cartão, na qual os alunos, em colaboração com os pais, registaram os nomes dos familiares que se encontravam emigrados ou que já tivessem estado. No caso de algum aluno não ter familiares emigrados, poderia, em substituição, mencionar um país no qual gostaria de viver (apenas um aluno esteve nessa situação). O trabalho foi realizado com agrado pelos alunos que, além dos registos já citados, decoraram as “malinhas” com símbolos dos países onde residem ou residiram os seus familiares.



Imagem 8 – “Malinhas” distribuídas aos alunos



Imagem 10 – “Malinha” decorada por um aluno



Imagem 9 – “Malinha” decorada por um aluno



Imagem 11 – “Malinha” decorada por um aluno

Como complemento deste trabalho, foi proposto aos alunos que, na apresentação da sua “malinha” à turma, deveriam identificar no globo existente na sala de aula, o(s) continente(s) e o(s) país(es) que referiram no seu trabalho. Esta atividade foi, ainda, de encontro ao previsto no programa de estudo do meio, no bloco 4 – À descoberta das inter-relações entre espaços (4ºano), “Fazer o levantamento de países onde os alunos tenham familiares emigrados”.



Imagem 12 – Pesquisa de países no globo

As atividades aqui descritas, apesar de não terem sido objeto de recolha de dados, foram essenciais no enriquecimento e aquisição de novas aprendizagens dos alunos. Para além da importância e atualidade dos assuntos abordados, foi possível conhecer a opinião das crianças em relação a determinados temas e envolver os familiares na sua realização, como aconteceu com as “malinhas da emigração.” A concretização desta tarefa, para a qual atribuímos um devido destaque, proporcionou um momento, em sala de aula, muito enriquecedor, onde se partilharam histórias de familiares emigrados, tradições e símbolos de diversos países. Paralelamente, a tarefa promoveu uma partilha de histórias e experiências de vida, relatadas pelos mais velhos.

O meu bisavô já emigrou para Espanha no de 1920, até ao ano de 1935. Ele ia e vinha passando pela fronteira. A minha avó disse que o pai dela, o António, para passar a fronteira tinha que ter cuidado por causa dos polícias de vigilância. Mal os polícias pregavam o olho ele e outros atravessavam. Mas uma vez ele foi apanhado. Depois os polícias trancaram-no num comboio e saiu em Viana. (Registo de uma aluna da turma)

CAPÍTULO VI – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

De acordo com os objetivos do estudo, foram realizadas diversas tarefas de forma a recolher dados que possibilitassem a resposta a esses propósitos. Este capítulo é destinado à apresentação cronológica e análise dessas tarefas e dos dados recolhidos junto dos alunos, pais/encarregados de educação e docentes do Centro Escolar.

As tarefas implementadas no contexto escolar já referido, foram pormenorizadamente planeadas, de modo a dar resposta aos objetivos do estudo. No processo inicial de observação das aulas, pudemos caracterizar a turma a vários níveis, o que veio facilitar a proposta das tarefas, nomeadamente a adequação das mesmas relativamente ao público-alvo. Para estas crianças, por revelarem ser muito perspicazes e conhecedoras de assuntos atuais, falar de crise não seria, certamente, um assunto ao qual se mostrassem totalmente alheias. O facto de as crianças frequentarem o 4º ano de escolaridade veio também favorecer o trabalho de investigação, uma vez que nesta idade já é possível estabelecer um diálogo lógico e coerente. Piaget¹⁷ insere esta faixa etária, nos seus estádios de desenvolvimento cognitivo, como o estágio das operações concretas, no qual refere que as crianças já raciocinam com lógica e compreendem o mundo de uma forma que anteriormente não alcançavam tão facilmente.

As tarefas com os números 1, 2, 4, 5, 6 e 8, da tabela que segue, foram realizadas pela totalidade da turma - 25 crianças - as quais, na análise de dados, por razões de confidencialidade, serão identificadas por letras, ou seja, a cada criança será atribuída uma letra.

O seguinte quadro apresenta as tarefas realizadas, por ordem cronológica:

Tarefas	Data de implementação
1 – Gravação áudio/vídeo das concepções dos alunos	11 de Dezembro de 2012
2 – Inquérito preenchido pelas crianças	11 de Dezembro de 2012
3 – Inquérito preenchido pelos pais	7 de Janeiro de 2013
4 – Realização de um <i>brainstorming</i> a partir da palavra família	14 de Janeiro de 2013
5 – Realização de um texto expositivo sobre a importância da sua família	14 de Janeiro de 2013
6 – Divisão das despesas mensais	16 de Janeiro de 2013
7 – Inquérito preenchido pelos professores do Centro Escolar	28 de Janeiro de 2013
8 – Realização de um <i>brainstorming</i> a partir da palavra crise	30 de Janeiro de 2013

Quadro 5 - Tarefas realizadas e data de implementação

¹⁷ Citado em Sprinthall & Sprinthall – Psicologia Educacional (1993, p.108)

6.1. – TAREFA 1 – Gravação áudio/vídeo das concepções dos alunos

Data: 11 de Dezembro de 2012

6.1.1. – Objetivos:

- Aquilatar as concepções dos alunos relativamente à crise. (investigadora)
- Expressar as suas opiniões sobre um assunto atual do seu país. (alunos)

6.1.2. - Descrição da Tarefa:

A primeira tarefa consistiu na gravação áudio e vídeo da opinião e concepção individual de cada aluno sobre a crise, partindo da questão *“O que achas que é a crise que tanto ouvimos falar?”*. Esta foi a questão-base da entrevista semi-estruturada, dando origem a um diálogo natural entre a professora estagiária e os alunos.

Previamente foi mostrado aos alunos um pequeno vídeo (Anexo versão digital) com alguns excertos de notícias sobre a crise, retiradas de telejornais e outros programas. Esta fase inicial foi realizada com o objetivo de as crianças se enquadrarem melhor no tema, antes de serem entrevistadas. No entanto, este momento foi pautado por um grande silêncio, onde não foi permitido que os alunos fizessem qualquer comentário acerca do vídeo, de modo a não interferirem nem influenciarem a opinião geral. Será de realçar a preocupação na seleção das peças exibidas no vídeo, de forma a que o seu conteúdo não fosse suscetível de ser reproduzido mais tarde, pelos alunos, nas suas respostas.

As gravações foram realizadas individualmente numa sala para onde se deslocou a professora estagiária.

No fim de cada gravação, os alunos não voltavam para a sala inicial, para que não desvendassem o conteúdo da entrevista junto dos outros colegas. Deste modo, tentou-se preservar a opinião sincera de cada aluno, não condicionando o seu pensamento com ideias exteriores.

6.1.3. - Análise dos dados da tarefa¹⁸:

As questões colocadas aos alunos foram comuns a todos. No entanto, no decorrer de cada diálogo, foram sendo introduzidas outras perguntas. Apesar do tema abordado nas entrevistas ser um assunto sério e delicado, os alunos mostraram-se, de um modo geral, à vontade com as questões que lhes foram colocadas. Porém, apresentaram, por vezes, alguma hesitação ou um certo constrangimento na resposta, consequência do pouco conhecimento do tema, aspeto este lógico e compreensível, tendo em conta a sua faixa etária. É exemplo disso, a resposta, algumas (poucas) vezes repetida *“Não sei.”*

Ao analisarmos minuciosamente cada entrevista, pudemos constatar que a grande maioria dos alunos identifica a crise como sendo um problema relacionado com a falta de dinheiro, com o desemprego e com a diminuição do poder de compra. Na questão que colocamos inicialmente ***“O que achas que é a crise que tanto ouvimos falar?”***, as respostas não foram muito divergentes, como comprovam os seguintes exemplos:

- **Aluno A:** *“falta de dinheiro a Portugal.”*
- **Aluno C:** *“eu acho que a crise é a falta de dinheiro, que o país tem.”*
- **Aluno G:** *“é quando as pessoas têm a ficar sem dinheiro e também ficam desempregadas por causa da crise.”*
- **Aluno H:** *“é a crise de dinheiro, de desemprego, de falta de casas, não conseguir pagar as dívidas, as contas, a comida, a roupa.”*
- **Aluno I:** *“há pouco dinheiro e as coisas são muito caras, depois as pessoas não têm dinheiro para comprarem o que há.”*
- **Aluno J:** *“que o dinheiro começa a faltar, começa a haver mais guerras, que ainda faz mais crise, também cada vez os preços dos produtos estão mais caros, cada vez há mais pessoas pobres (pausa) há mais desemprego.”*
- **Aluno M:** *“acho que é que não há dinheiro para comprar as coisas.”*
- **Aluno N:** *“é uma coisa que as pessoas têm pouco dinheiro e que infelizmente a maioria das pessoas tá em crise.”*
- **Aluno P:** *“para mim a crise é quando nós gastamos muito dinheiro em dívidas e é por isso que Portugal está em crise.”*

¹⁸ A letra atribuída em cada resposta, na análise desta tarefa corresponde sempre ao mesmo aluno.

- **Aluno Q:** *“eu acho que a crise é cada vez mais falta de dinheiro em Portugal, pessoas cada vez a ficarem sem condições de viver.”*
- **Aluno R:** *“para mim a crise que se tanto fala é de dinheiro, as pessoas ao comprarem as coisas que gastam muito dinheiro, depois nós ficamos sem dinheiro e é por isso que estamos com crise.”*
- **Aluno T:** *“para mim a crise é não ter dinheiro para pagar os impostos, ver muitas casas a serem vendidas porque não têm dinheiro algumas pessoas e ver mais pobres na rua a pedirem moedas, dinheiros.”*
- **Aluno U:** *“a crise é sem emprego, as pessoas não conseguem arranjar emprego e ficam mais pobres.”*

Surgem também respostas, nas quais responsabilizam o Governo pela situação de crise que se vive:

- **Aluno D:** *“é quando o governo tá com muito dinheiro e não nos quer dar, enquanto nós precisamos.”*
- **Aluno E:** *“acho que a crise é que o governo nos tá a tirar o dinheiro.”*

Como exceção, será de destacar a resposta de um aluno que, contrariamente aos outros, refere-se à crise da seguinte forma:

- **Aluno V:** *“acho que a crise é o dinheiro que a gente tem.”*

Este entendimento pode ser decorrente de pouca noção da realidade - porque lhe parece que ela se deve ao dinheiro que as pessoas têm - ou, numa outra ótica, à má gestão que as pessoas e as famílias fazem do dinheiro que possuem.

Quanto ao facto de identificarem alguém como culpado da crise, de acordo com a pergunta **“De quem é a culpa?”**, a maioria identifica os dirigentes políticos como os principais culpados, designadamente o Primeiro-Ministro e o Presidente da República:

- **Aluno I:** *“do Primeiro-Ministro.”*
- **Aluno C:** *“Do governo, está a pôr todos os produtos mais caros, todos os alimentos, tudo, a gasolina e o gasóleo, a roupa.”*
- **Aluno M:** *“a culpa é do Presidente e do Ministro.”*
- **Aluno N:** *“é do Presidente.”*

- **Aluno W:** *“do Sócrates”*

Nota-se ainda neste contexto, uma pouca percepção dos cargos que exercem algumas das figuras apontadas, como são exemplo as seguintes respostas:

- **Aluno A:** *“Se calhar é do Cavaco Silva...compra carros super bons, mercedes. E dos outros presidentes que eu não sei quem. Dos outros presidentes não, dos coisos.”*
- **Aluno L:** *“do Governo e isso, da República e isso.”*
- **Aluno S:** *“Do Presidente, Passos Coelho.”*
- **Aluno K:** *“Ministro das Finanças, o Relvas.”*

Por outro lado, alguns alunos reconhecem como culpados da crise não só o Governo mas também a população em geral:

- **Aluno J:** *“um bocado do Presidente e de algumas pessoas como nós, por exemplo.”*
- **Aluno O:** *“a culpa é de todos nós que não poupamos no dinheiro ... e compramos coisas caras e quem é rico não poupa dinheiro e compra coisas muito caras e o dinheiro está a começar acabar.”*
- **Aluno R:** *“para mim a culpa somos nós, porque nós também gastamos muito dinheiro ao comprar, por exemplo a fazer compras de roupas, às vezes até roupas que há a 50€ e aí gastamos muito dinheiro.”*
- **Aluno Z:** *“a culpa da crise é dos políticos e um bocado nossa porque nós também gastamos.”*

Destaca-se ainda uma resposta inusitada, fazendo referência a uma figura de um passado, para eles já algo longínquo:

- **Aluno P:** *“o doutor Cavaco Silva e os seus companheiros. Era preciso vir outra vez o Salazar, que dizem que ele parou um bocado a crise, antigamente.”*

Para a questão **“Porque é que achas que esta crise está acontecer?”**, destacamos as seguintes respostas:

- **Aluno F:** *“Há cada vez mais austeridade, menos dinheiro, há cada vez mais desemprego, cortes.”*
- **Aluno X:** *“Talvez porque as pessoas não sabem mandar da maneira certa.”*

No mesmo contexto, a seguinte resposta indicia algum egoísmo mas, ao mesmo tempo, um conhecimento da realidade de um outro país, destacando a Grécia como um outro país em dificuldade:

- **Aluno D:** *“Porque há muitas pessoas na Europa e Portugal tá ajudar, acho que é a Grécia, já não me lembro, e enquanto nós precisamos de dinheiro eles tão-se a lembrar mais da Grécia do que nós.”*

Na pergunta **“Achas que toda a gente sente a crise? Afeta toda a gente?”**, a maioria dos alunos referiu que a população mais favorecida economicamente, comparada com aqueles que têm menos posses, não sente tanto a crise. Fazem uma comparação lógica, entre as pessoas desempregadas e as que têm emprego; revelam já algum conhecimento acerca do posicionamento socioeconómico das pessoas na sociedade, nomeadamente, a classe baixa, média e alta. Identificam ainda a emigração, como consequência da crise. Vejamos os seguintes exemplos:

- **Aluno A:** *“Todo o mundo?”*

Professora: *“Não, aqui em Portugal.”*

Aluno A: *“Depende, o Cristiano Ronaldo é português mas tem muito dinheiro e há portugueses pobrezinhos que estão a emigrar.”*

Professora: *“E por que é que tu achas que eles emigram?”*

Aluno A: *“Porque não têm dinheiro.”*

- **Aluno E:** *“Afeta toda a gente menos os ricos.”*
- **Aluno N:** *“Nem toda. Porque há pessoas que têm muito dinheiro e outras que têm pouco.”*
- **Aluno O:** *“Nem toda. Porque os que são ricos compram coisas caras e por isso querem comprar sempre coisas melhores para impressionar as outras pessoas.”*
- **Aluno Q:** *“Nem toda a gente, porque há pessoas que têm mais modos de viver do que outras, há pessoas mais ricas, há outras mais pobres.”*
- **Aluno S:** *“Nem toda, porque outras pessoas ganham muito dinheiro ... no trabalho, outras estão desempregadas, não têm dinheiro.”*
- **Aluno T:** *“Eu acho que não, afeta todos. Porque ... para mim só afeta os que não têm dinheiro e os normais, os que não são ricos nem pobres. Mas para mim os que não afeta são aqueles que têm muito dinheiro, que não se preocupam com nada.”*
- **Aluno W:** *“Não. Porque alguns são ricos e outros são pobres.”*

À pergunta **“Tu sentes essa crise? Como? Porquê?”**, as respostas são diversificadas, sendo que uns alunos referem sentir a crise e outros não; é também diferente o modo como cada um transmite esse sentimento, se bem que não há qualquer relato de situações de carências graves.

- **Aluno C:** *“Sinto. Porque sempre que vou ao Continente com a minha mãe ou a qualquer lado, vejo que tudo está muito caro.”*
- **Aluno I:** *“Sinto que chegue. Sinto que as coisas tão muito caras, é tipo um pacote de leite são 3€, depois ... uma manta são 19€, depois ... um garrafão de água são 2,99€, e depois a manteiga é cara, eu acho que tudo é caro.”*
- **Aluno D:** *“Sinto. Porque no Natal e nos anos recebo menos prendas; tenho ... os meus pais notam-se que ao trabalhar chegam a casa tão cansados e recebem pouco; a minha casa ainda tá em construção e preciso, os meus pais precisam de dinheiro para construir a casa e não o têm.”*
- **Aluno O:** *“Sim. Porque já não posso ter tudo o que quero, temos de começar a poupar, nos brinquedos não estragar para as outras pessoas, para os irmãos e assim, para as outras pessoas.”*
- **Aluno P:** *“Sim. Toda a gente sente, porque os pais não podem comprar muitas coisas caras e isso, pelo menos uma por ano, é o que eu quero.”*
- **Aluno K:** *“Às vezes, não conseguimos comprar coisas caras, nada disso. Eu tomo comprimidos todos os dias mas agora o meu pai compra mais baratos, dum sabor diferente.”*
- **Aluno G:** *“Eu não, ainda não cheguei a esse ponto.”*
- **Aluno H:** *“Não, acho que não porque sou criança, a minha mãe é que sente mais.”*

Professora: *“E por a tua mãe sentir, tu também não sentes?”*

Aluno H: *“Mais ou menos porque ouço a minha mãe todos os dias a queixar-se. Porque a minha irmã tá na universidade e ... pede dinheiro à minha mãe todos os dias ou quase todas as semanas e a minha mãe fica sem dinheiro para fazer qualquer coisa comigo e ... essas coisas.”*

- **Aluno R:** *“Sim. Por exemplo os meus pais e os pais das outras crianças, nós pedimos por exemplo “oh pai quero aquilo que custa 124€. Ai não compro porque tamos em crise e assim gasto mais dinheiro e ainda ficamos mais em crise.””*
- **Aluno V:** *“Muitas vezes não.”*
- **Aluno T:** *“Sinto. Porque os meus pais dizem para eu querer de prendas de anos coisas baratas, não muito caras porque não têm assim tanto dinheiro.”*

Relativamente à questão *“O que farias para a crise acabar?”*, os alunos mostraram uma grande preocupação pelos mais carenciados e, mais uma vez, atribuíram a responsabilidade da crise aos governantes, dado que, para resolver o problema, houve alguma unanimidade em propor a mudança do Governo. Destacamos o facto de darem muito relevo à figura do Presidente, transparecendo daí a ideia de que as crianças veem nessa figura o líder e, como tal, quem poderá mudar a situação.¹⁹ Vejamos os exemplos que seguem:

- **Aluno B:** *“Queria ser Presidente e punha isto no estado bom. Mas primeiro ainda era necessário saber coisas da política e isso, que eu cá não sei.”*
- **Aluno C:** *“Tornava-me Presidente e punha tudo mais barato.”*
- **Aluno D:** *“Trocava o governo tudinho. E trocava o governo tudinho por pessoas que fossem humildes e que tivessem paciência pa fazer as coisas. E que tivessem paciência e calma.”*
- **Aluno E:** *“Candidatava-me para Presidente e assim diminuía o valor da comida, diminuía o valor das coisas mais importantes que as famílias precisam.”*

Professora: *“E que é o quê?”*

Aluno E: *“comida, mantimentos, revestimento, emprego, casas e muitas mais coisas.”*

- **Aluno F:** *“Acho que mudava os Presidentes para Presidentes melhores”*
- **Aluno H:** *“Se conhecesse o Presidente dizia-lhe para acabar com a crise.”*
- **Aluno k:** *“Punha toda a gente a trabalhar.”*
- **Alunos Q:** *“Fazia com que os pobres tivessem mais maneiras de ser tratados, tivessem médicos, tivessem casas e fazia com que houvesse menos desperdícios.”*
- **Aluno S:** *“Dava um salário maior às pessoas, mais dinheiro.”*
- **Aluno T:** *“Eu o que fazia era dar dinheiro a alguns pobres ... e ajudar alguns que já não têm família e que não têm casa.”*
- **Aluno Z:** *“As pessoas trabalhem mais para não haver desemprego.”*

¹⁹ Curiosamente, num estudo realizado por Hess e Torney (1967), a crianças do 2º ao 8º ano, sobre as convicções políticas, estes revelaram que as crianças demonstram fortes laços emocionais a ligá-las ao seu país, designadamente às figuras políticas proeminentes, em especial, o Presidente. (As crianças consideram que as figuras políticas e, em especial, o presidente, são pessoas que respondem pessoalmente às solicitações dos cidadãos.) (Spodek, 2002, p.416)

É de realçar a resposta do **Aluno U** que, para a pergunta relativa aos culpados da crise, referiu que a culpa é *“dos que roubam e não deixam dinheiro para nós e ficam ricos.”* E para a presente questão, apresentou como solução para a crise a seguinte resposta:

- **Aluno U:** *“Mandava pôr camaras para não roubarem tanto dinheiro e prender os ladrões.”*

Professora: *“E quem são esses ladrões?”*

Aluno U: *“São os criminosos que não deixam nenhum dinheiro e só pensam em roubar.”*

Constatou-se, ao longo do diálogo, que o aluno em questão, único nesta apreciação, associa à crise o crime comum contra a propriedade.

Das respostas apresentadas, destaca-se também, pela sua abrangência e singularidade, denotando um conhecimento empírico da realidade do nosso país, a seguinte:

- **Aluno P:** *“Para a crise acabar eu dava os submarinos que deram muita crise a Portugal ... gastamos muito dinheiro e não temos dinheiro. Agora precisamos de fazer mais barcos para transportar mais comércio e assim podemos pagar a crise. Também ... abaixava um bocado os impostos, para não pagarem muito e para não reclamarem; construía mais lojas, mais talhos porque muitas pessoas querem carne para comer; mais supermercados e depois assim recebíamos mais dinheiro e podíamos conseguir acabar um bocado com a crise. Nós já podíamos ter metade da crise acabada mas o Passos Coelho gastou bastante dinheiro nos foguetes para a Madeira. Construía mais umas escolinhas; mais habitações para os pobres; mandava descer um bocado os impostos porque, se não, os empregados são poucos e eles trabalham menos; nas fábricas punhas mais empregados e os padrões pagavam menos um bocado e mais nada.”*

Para finalizar a entrevista, foi proposto a cada aluno um comentário breve sobre o tema. Sem qualquer restrição, obtivemos comentários que revelaram uma consciência social já muito desenvolvida e uma evidente criatividade na construção de algumas frases.

- **Aluno A:** *“A crise não é boa.”*
- **Aluno B:** *“A crise não ajuda ninguém.”*
- **Aluno C:** *“Devemos parar a crise.”*

- **Aluno D:** *“Para a crise acabar, o governo tem de mudar.”*
- **Aluno E:** *“A crise está a crescer.”*
- **Aluno F:** *“Para a crise acabar é preciso haver dinheiro.”*
- **Aluno G:** *“Para não acontecer a crise devemos não gastar dinheiro em coisas desnecessárias.”*
- **Aluno H:** *“Quero que a crise acabe para sempre, para a minha mãe voltar a ter - a minha mãe e toda a gente - voltar a ter mais dinheiro para conseguir sustentar melhor a minha irmã na universidade e a mim.”*
- **Aluno I:** *“Quero que acabe a crise.”*
- **Aluno J:** *“Antes da crise devemos poupar, em vez de gastar dinheiro.”*
- **Aluno K:** *“Devia estar mais gente a trabalhar e a ajudar.”*
- **Aluno L:** *“Podemos emigrar para receber mais e para nos mantermos felizes.”*
- **Aluno M:** *“Que não deve haver crise porque as pessoas ficam pobres.”*
- **Aluno N:** *“Não devíamos tar em crise porque o país assim fica mal visto.”*
- **Aluno O:** *“Devemos poupar dinheiro porque ele não nasce nas árvores.”*
- **Aluno P:** *“Temos que suportar a crise.”*
- **Aluno Q:** *“A crise tem de acabar para Portugal melhorar.”*
- **Aluno R:** *“Deve-se combater com a crise ... acabar com a crise.”*
- **Aluno S:** *“A crise está atingir toda a gente.”*
- **Aluno T:** *“A crise devia parar porque afeta as pessoas e se a crise acabasse era melhor.”*
- **Aluno U:** *“Para mim, a minha opinião devia ser acabar a crise.”*
- **Aluno V:** *“Acho que a crise tá-se a espalhar por todo o lado.”*
- **Aluno X:** *“Tentem melhorar as coisas do país, da melhor forma e tentem não ligar ao que as outras pessoas dizem, façam mais as coisas por si.”*
- **Aluno Z:** *“Não devemos gastar muito dinheiro.”*

Esta entrevista veio a revelar-se numa ótima e imprescindível tarefa de recolha de dados. Através dela, conseguimos reunir uma informação vasta e diversificada, traduzindo-se pela real opinião das crianças relativamente à crise. Os objetivos desta tarefa foram notoriamente alcançados, quer do ponto de vista dos alunos, quer da investigadora.

6.2. – TAREFA 2 – Preenchimento de inquérito pelos alunos

Data: 11 de Dezembro de 2012

6.2.1. – Objetivos:

- Aquilatar as concepções dos alunos relativamente à crise. (investigadora)
- Complementar a informação obtida nas entrevistas. (investigadora)
- Expressar as suas opiniões sobre um assunto atual do seu país. (alunos)

6.2.2. – Descrição da tarefa:

Esta tarefa realizou-se num momento posterior às entrevistas já referidas. Conforme as entrevistas fossem terminando, os alunos dirigiam-se para uma outra sala, onde preenchiam o inquérito individualmente. O inquérito continha as seguintes questões:

1. *O que é a crise de que tanto se fala na televisão?*
2. *Tu sentes, de alguma forma, a crise que se vive no nosso país?*
3. *Porque é que achas que esta crise está acontecer?*
4. *Quem são os culpados da crise?*
5. *O que farias para a crise acabar?*

6.2.3. – Análise dos dados da tarefa²⁰:

Através da análise dos inquéritos verificamos que os alunos se expressaram com maior facilidade nas entrevistas do que no registo escrito. Passar as suas ideias e opiniões para o papel, não foi uma tarefa simples e isso constatou-se, para além de alguma confusão na exposição, até na própria construção frásica, como se confirma nos seguintes exemplos:

- **Aluno P:** *“A crise de que tanto se fala na televisão é que não há tempo para fazer nada.”*
- **Aluno T:** *“A crise de que tanto fala-se na televisão é aumentar o desemprego não aumentar o emprego.”*
- **Aluno U:** *“Na televisão fala que as pessoas estão na crise que não tem dinheiro.”*

Algumas questões apresentadas no inquérito foram semelhantes às da entrevista, precisamente para permitir a comparação de dados e avaliar a coerência dos alunos. Na verdade, apesar do anonimato do inquérito, foi possível perceber que a maioria das respostas foi coincidente com as da entrevista, sendo as exceções raras. Isto está bem patente nas respostas relativas à primeira questão, ***“O que é a crise de que tanto se fala na televisão?”***, em que de novo referem a falta de dinheiro, a diminuição do poder de compra e o desemprego como consequências da crise. Vejamos:

- **Aluno A:** *“A crise é a coisa que nos prejudica a nós e a todos envolvidos nisto.”*
- **Aluno B:** *“A crise que tanto se fala na televisão é a falta de dinheiro que o governo não tem.”*
- **Aluno C:** *“A crise de que fala na televisão é que não há dinheiro para comprar coisas.”*
- **Aluno D:** *“A crise de que se tanto se fala na televisão é que as pessoas têm menos dinheiro.”*
- **Aluno E:** *“A crise é o nosso país a ficar sem dinheiro e sem modos de viver isso é que é a crise.”*
- **Aluno F:** *“A crise que fala é a do dinheiro as pessoas andam-se a manifestar para nada.”*

²⁰ A letra atribuída em cada resposta, não tem qualquer relação com a letra atribuída na análise de dados da entrevista (p.ex: O aluno A da entrevista não é o aluno A do inquérito). Esta situação deve-se ao facto de os inquéritos serem confidenciais e, portanto, ao invés do que acontece nas entrevistas, não conhecemos o autor de cada resposta.

- **Aluno G:** *“É a falta de dinheiro que os patrões precisam para pagar aos empregados mas com a crise isso é impossível.”*
- **Aluno H:** *“A crise é o aumento dos preços. É quando há pessoas desempregadas. E cada vez a serem mais pessoas despedidas.”*

Relativamente à segunda questão, ***“Tu sentes, de alguma forma, a crise que se vive no nosso país?”***, os alunos, embora com perspetivas diferentes, reponderam de forma afirmativa. Efetivamente, com uma única exceção – que referiu não a sentir -, os restantes alunos disseram sentir a crise; embora uns enquadrassem esse sentimento no campo pessoal, outros houve que se referiram à crise na sociedade em geral. São exemplos do primeiro grupo as seguintes respostas:

- **Aluno I:** *“Sim, porque o meu avô trabalhava e não recebia.”*
- **Aluno H:** *“Sinto. Porque cada vez mais os preços aumentam. Como por exemplo: eu e a minha irmã costumávamos ir a uma mercearia comprar batatas fritas. E, ao início, estavam a 0,45€ e agora já estão a um 1,00€.”*
- **Aluno C:** *“Sim, porque a minha mãe ia sempre às compras e trazia muitas coisas e agora traz poucas coisas.”*
- **Aluno B:** *“Sim, sinto eu costumo fazer férias todos os anos e o meu pai e a minha mãe já dizem que este ano talvez já não vai de férias este ano.”*
- **Aluno M:** *“Mais ou menos. A minha mãe esta sempre a queixar-se que não tem dinheiro.”*

Do segundo grupo, são exemplo os seguintes casos:

- **Aluno J:** *“Sim. Porque cada vez há mais emigrantes do nosso país.”*
- **Aluno K:** *“Sinto porque há muitas pessoas pobres não têm condições para viver.”*
- **Aluno L:** *“Sim sinto porque eu cada vez vejo mais pobres e casas a venderem-se.”*

Verificou-se ainda alguma peculiaridade nas respostas, uma vez que, algumas delas denotam já uma sensibilidade social, de que são exemplos as seguintes afirmações:

- **Aluno N:** *“Sim. À noite penso sempre nas pessoas que andam na rua, sem comida, família e ajuda. Por isso é que para o Natal só peso um prenda barata.”*
- **Aluno A:** *“Sim porque vejo muitas pessoas a pedir dinheiro a comer do lixo sem nada sem condições de vida.”*

Outro aluno, com algum dramatismo, pretende atribuir todos os males que grassam na sociedade à crise, como é o caso:

- **Aluno O:** *“Sim. Vejo os pobres, uns aleijados outros quase a morrer e uns sem abrigo.”*

Outro ainda demonstra já alguma preocupação com o seu futuro, conforme se pode constatar na seguinte resposta:

- **Aluno G:** *“Não mas posso vir a sentir, se isto não melhorar de qualquer forma. Eu espero não sentir mas é difíissil.”*

Quanto à pergunta - **“Porque é que achas que esta crise está acontecer?”**, os exemplos assinalados demonstram a convicção de que a responsabilidade é muitas vezes partilhada, entre o Governo e os cidadãos:

- **Aluno I:** *“Por causa da república.”*
- **Aluno H:** *“Porque às pessoas que têm a responsabilidade de mandar em Portugal não o fazem da maneira correta. E há pessoas que estão desempregadas, ou que trabalham mas é a única pessoa da família que o faz.”*
- **Aluno N:** *“Porque se as pessoas não desperdiza-se dinheiro à toa, tinham mais neste momento de crise, difícil.”*
- **Aluno O:** *“Porque o governo tem pouco dinheiro e por isso tiram-nos o dinheiro e se continuarmos assim podemos ficar sem casa e morrer.”*
- **Aluno G:** *“Está a acontecer porque as pessoas gastam dinheiro desnecessário.”*
- **Aluno P:** *“Porque á pessoas que não poupam no dinheiro.”*
- **Aluno Q:** *“Por causa do ministro das finanças que nos tira dinheiro.”*
- **Aluno R:** *“Acho que a crise está a acontecer porque as pessoas não têm salário.”*
- **Aluno S:** *“Porque os políticos gastam e nós o povo também gastamos.”*
- **Aluno B:** *“Eu acho que esta crise está a acontecer porque o estado gastou dinheiro em coisas desnecessárias.”*
- **Aluno A:** *“Porque o governo não sabe mandar neste país.”*
- **Aluno M:** *“Porque os políticos a fizeram.”*

É ainda de destacar o seguinte caso, em que o aluno refere a situação do país, como uma situação limite:

- **Aluno E:** *“Porque os presidentes não sabem governar e estão a chegar a um ponto que é como ter um pedregulho às costas e não conseguir segurar.”*

Já na quarta questão - **“Quem são os culpados da crise?”** – os alunos referiram de novo, tal como nas entrevistas, que os maiores responsáveis são os governantes, embora alguns apontem também as pessoas em geral:

- **Aluno N:** *“Para mim os culpados da crise é do S. Presidente Aníbal Cavaco Silva e de algumas pessoas.”*
- **Aluno O:** *“Os culpados da crise é o governo.”*
- **Aluno G:** *“Isso não sei talvez os culpados sejam os que gastam imenso dinheiro.”*
- **Aluno P:** *“São as pessoas ricas.”*
- **Aluno F:** *Os culpados são o D. Cavaco Silva com os seus companheiros.*
- **Aluno Q:** *“O ministro das finanças.”*
- **Aluno J:** *“Os culpados da crise, são o Cavaco Silva e o Passos Coelho, ganham dinheiro, muito dinheiro, e depois não dam uma parte aos pobres que tanto precisam de alimento e de pelo menos um par de camisolas e outro par de calças.”*
- **Aluno M:** *“Do Presidente e do primeiro ministro.”*
- **Aluno A:** *“O Passos Coelho e o seu companheiro Sócrates que é mais culpado do que o Passos Coelho.”*

Desta aparente uniformidade de respostas, apontamos uma exceção em que é notória a influência da proximidade de uma aula de Estudo do Meio, em que foi abordado o reino de Portugal e o nosso primeiro rei, percebendo-se que o aluno confundiu uma figura do passado, com o presente:

- **Aluno C:** *“Os culpados da crise são o Cavaco Silva e o D. Afonso Henriques.”*

Já na resposta seguinte, - **“O que farias para a crise acabar?”**, o mesmo aluno, coerentemente, volta a referir o monarca:

- **Aluno C:** *“Para a crise acabar eu trocava o presidente e o rei.”*

Na última questão do inquérito – **“O que farias para a crise acabar?”**, verifica-se que os alunos mantiveram a mesma tónica das entrevistas:

- **Aluno H:** *“Destruía todas as reuniões e todos os locais de debate do governo.”*

- **Aluno N:** *"Eu abaixava os preços e andava menos de carro, para comprar menos gasolina."*
- **Aluno W:** *"Ia falar com Passos Coelho, e descer os preços em lacticínios e mais alguns produtos."*
- **Aluno G:** *"Não gastava muito dinheiro, só na comida, produtos de higiene essas coisas."*
- **Aluno F:** *"Para acaba a crise eu tinha feito mais transportações para outros pais."*
- **Aluno E:** *"Eu fazia com que os pobres tivessem abrigos em condições não houvesse desperdícios e não houvesse tanta gente gananciosa."*
- **Aluno R:** *"O que faria era dar um salário maior às pessoas."*
- **Aluno D:** *"Eu dava dinheiro as pessoas e emprego."*
- **Aluno B:** *"Mudava para presidentes que não imponsem mais austeridade nem coisas do género."*
- **Aluno X:** *"Tornava-me presidente e acabava coma crise."*

O inquérito veio, de facto, reforçar as opiniões demonstradas nas entrevistas, salvo algumas exceções. É perceptível que muitos dos pareceres das crianças, têm como base as opiniões dos seus familiares e do que ouvem através dos meios de comunicação. Alguns alunos têm uma visão mais positiva do problema, enquanto outros revelam grande dramatismo nos seus relatos, referindo-se a situações que aparentemente não viveram mas que pensam ou sabem que acontece.

6.3. – TAREFA 3 – Preenchimento de Inquérito pelos pais/ encarregados de educação

Data: 7 de Janeiro de 2013

6.3.1. – Objetivos:

- Conhecer a opinião dos pais/encarregados de educação sobre o assunto em causa. (investigadora)
- Contribuir para que os pais/encarregados de educação reflitam sobre esta temática - crise/crianças. (pais/ encarregados de educação)

6.3.2. – Descrição da tarefa:

O inquérito entregue aos pais/ encarregados de educação foi distribuído juntamente com a autorização para a obtenção de registos escritos e de som e imagem dos alunos (Anexo 4), bem como para fornecerem dados pessoais, designadamente a sua atividade profissional e habilitações literárias (Anexo 5). A recolha desses inquéritos foi realizada de forma faseada, conforme a disponibilidade para a entrega de cada um.

O inquérito apresentou as seguintes questões:

1. *Como define a crise atual do país?*
2. *Sente de alguma forma a crise? Como?*
3. *Acha que a verdade deverá ser ocultada às crianças, ou deverá ser explicada de acordo com a sua faixa etária?*
4. *Acha que esta fase difícil que atravessamos afeta as crianças? De que forma?*
5. *Que papel entende que deverá ter a escola neste contexto?*

6.3.3. – Análise dos dados da tarefa:

No geral, todos os pais se mostraram interessados em colaborar no estudo, designadamente no preenchimento deste inquérito. Registou-se apenas um caso de recusa em responder às questões que, no entanto, referiu as suas habilitações literárias e profissão. Ao analisarmos a primeira questão já mencionada, podemos referir que as opiniões são semelhantes, definindo, na sua maioria, a crise atual como um momento de grande desânimo, incerteza, descrença, preocupação, alguma revolta e muitas críticas ao Governo. Agrupando estas opiniões, selecionamos as seguintes respostas:

1. Responsabilidade do Governo

- **Pais B:** *“A crise atual do país advém de erros políticos pelos quais temos que pagar.”*
- **Pais G:** *“A crise atual do país deve-se a vários anos de má gestão do estado e entidades bancárias.”*
- **Pais M:** *“A atual crise do país é o prolongar do mal governar que o país teve durante muitos anos.”*
- **Pais O:** *“A crise atual do país é uma consequência de uma má gestão do Governo, de alguns anos a esta parte. É uma fase difícil para todos, por causa de uns, agora pagam todos com as consequências.”*
- **Pais T:** *“Essencialmente pelo aumento significativo do desemprego, a diminuição do poder de compra que são o reflexo direto de políticas económicas e sociais desastrosas.”*

2. Preocupação com a família e problemas sociais

- **Pais A:** *“Neste país a crise define-se pelo empobrecimento e endividamento das famílias, principalmente a classe média.”*
- **Pais D:** *“Não creio que seja uma crise passageira, mas antes uma crise que tende a agravar-se, agravando os problemas sociais e as desigualdades.”*
- **Pais Q:** *“Uma má gestão económica mundial, que leva ao desemprego, e a falta de investimento, provocando problemas económicos em muitas famílias.”*

3. Responsabilidades partilhadas

- **Pais V:** *“Esta crise estava anunciada a muitos anos. Todos sabíamos que todos (estado, empresas e privados) estávamos a gastar mais dinheiro do que aquele que os nossos recursos o permitiam. Agora só temos que pagar as nossas dívidas e aprender alguma coisa com toda esta situação.”*
- **Pais E:** *“O preço a pagar pelo desgoverno de anos e anos em que não se fizeram contas a nada. Onde se gastou demais.”*
- **Pais H:** *“A crise atual do país define-se ao excesso de gastos em anos anteriores.”*

4. Dúvidas e incertezas

- **Pais N:** *“Esta crise que estamos a atravessar, não vai ser fácil e este ano 2013 não se esperam melhoras nenhuma, como defino não sei penso muita coisa.”*
- **Pais I:** *“Depois de pensar um pouco não consigo responder a esta questão. Não é possível definir uma situação tão complexa, tão ingrata e tão injusta. Sempre estivemos nesta situação de crise e continuaremos a estar enquanto existir discrepância brutal entre salários e toda a corrupção e injustiça.”*
- **Pais U:** *“A crise atual é difícil de superar. É tudo uma indefinição e incerteza.”*
- **Pais L:** *“Insustentável.”*
- **Pais K:** *“A crise económica do país traduz-se como catastrófica.”*
- **Pais J:** *“A crise atual do país é a maior da nossa geração.”*
- **Pais P:** *“A crise atual do país é desastrosa, pois na minha opinião estamos perante um “buraco” sem saída.”*

Nas respostas referentes à segunda pergunta, **“Sente de alguma forma a crise? Como?”** todos os inquiridos admitiram sentir, de alguma forma, a crise. Apenas um caso referiu que *“Até ao momento não, sempre fomos habituados a apertar os cintos e a ter contenção nas despesas, continuamos a ter esta atitude que sempre tivemos até hoje, e não só agora por causa da crise.”* Aqueles que responderam de forma afirmativa, justificaram esse sentimento como uma consequência do corte/redução nos vencimentos, do desemprego, do aumento de imposto e do preço de produtos essenciais, entre outros, como se verifica nos exemplos:

- **Pais A:** *“Neste momento todos os portugueses sentem a crise, pois parte dos nossos salários são entregues ao estado.”*
- **Pais C:** *“Sim, porque com toda esta instabilidade começa a ser impossível fazer projetos para o futuro porque não sabemos até que ponto a irresponsabilidade de quem governa nos vai continuar a penalizar e a reduzir nos salários.”*
- **Pais D:** *“Claro que sim. Neste momento penso duas vezes antes de comprar alguma coisa que não seja fundamental. Os bens básicos consomem quase todo o rendimento mensal e quase não sobra para extravagâncias.”*
- **Pais G:** *“Sinto de várias formas: dificuldade em arranjar emprego, cortes nos abonos, redução dos salários, aumento dos impostos. Em resumo: mais obrigações e menos direitos.”*
- **Pais I:** *“Claro que sinto! Uma pessoa licenciada com um salário de rececionista e com duas filhas a cargo, sem grandes apoios do estado tem que sentir a crise!”*
- **Pais L:** *“Sim, na redução de ordenado e subsídios, mais impostos e bens essenciais mais caros.”*
- **Pais M:** *“Ainda não passamos dificuldades mas sim de alguma forma sentimos a crise porque é preciso fazer mais contas e abdicarmos de coisas que antes fazíamos como passear, comer fora...”*
- **Pais N:** *“Sim, eu estou desempregada e farta de procurar trabalho e não consigo, e o meu marido trabalha mas só faz mesmo as 8h.”*
- **Pais P:** *“Sim sinto a crise, não pela falta de emprego, mas sim pelo aumento de impostos. A falta de emprego para já ainda não me afetou mas todos nos vivemos um momento de instabilidade permanente.”*
- **Pais V:** *“Sim sinto, pois o nosso orçamento familiar foi reduzido em cerca de 25% em consequência de cortes salariais.”*
- **Pais S:** *“Claro quando estamos mais ou menos orientados na vida, temos algumas surpresas como baixar salário, a esposa desempregada, etc, assim não podemos dar uma vida melhor aos nossos filhos.”*

Já na questão relacionada com o diálogo que os pais devem manter com os seus filhos, designadamente na abordagem e explicação de assuntos mais complexos como a crise, todos os pais referiram ser essencial não ocultar a verdade e esclarecer o quanto possível as crianças, como se comprova nas seguintes respostas:

- **Pais C:** *“Deverá ser explicada de acordo com a faixa etária. Nunca se deve ocultar a realidade por muito dura que ela seja.”*
- **Pais D:** *“Não devemos esconder às crianças a actual situação e explicá-la de acordo com o entendimento que eles conseguem alcançar. Não devemos deixá-las viver de aparências ou numa realidade de que não existe.”*
- **Pais F:** *“Não. As crianças devem estar a par de tudo o que se passa. Ou pelo menos explicar o básico.”*
- **Pais H:** *“Deverá ser explicada, para assim terem consciência das dificuldades.”*
- **Pais I:** *“Deverá ser sempre tudo explicado às crianças de acordo com sua faixa etária. No que concerne a este caso específico da crise é positivo passar-lhes esta informação, pois conhecendo a realidade conseguem compreender melhor os sacrifícios que eu, neste caso, mãe e família monoparental pago por elas (minhas duas filhas).”*
- **Pais J:** *“A verdade não deve ser ocultada às crianças. A política cá em casa é de que os problemas têm de ser falados e discutidos. A crise é por vezes um dos assuntos... e é explicado realmente de acordo com a faixa etária, mas também é levada em consideração a parte cognitiva da criança.”*
- **Pais K:** *“A verdade às crianças deve ser sempre transmitida embora a sua explicação deve ser feita de acordo com a idade. Não vamos dizer a uma criança que o PIB do país é reduzido, ou falar em termos económicos. Devemos dar informação conforme a idade, mas isso é para tudo.”*
- **Pais N:** *“Não. Eu acho que a minha filha tem que ter a noção do que é a crise, tem de perceber o porquê de muitas vezes levar um não em certos pedidos.”*
- **Pais O:** *“Acho que deve ser explicada de acordo com a sua faixa etária, aliás sempre fizemos assim, em casa.”*
- **Pais R:** *“Não. Deve ser explicada para que elas entendam que haverá alturas em que nós os pais teremos mais dificuldades em dar-lhes o que nos pedem.”*
- **Pais S:** *“Na minha opinião acho que deve ser explicado as crianças, de maneira a que elas percebam o que originou esta crise, para que no futuro quem sabe alguma destas crianças possam fazer melhor pelo nosso país.”*
- **Pais T:** *“Penso que as crianças devem ter noção do que se passa, pois muitas sentem em casa que algo não está bem. Na minha opinião, a realidade e a verdade nunca devem ser ocultadas às crianças, apesar de ter de ser contada com algum cuidado para que percebam e não fiquem assustadas.”*

Na quarta questão ***“Acha que esta fase difícil que atravessamos afeta as crianças? De que forma?”***, os pais, na sua generalidade, deram respostas abrangentes, não particularizando a sua situação familiar, circunstância que, aparentemente, poderá indiciar que a crise não os afeta de uma forma preocupante:

- **Pais W:** *“Não. Elas têm que ser educadas a gerir o dinheiro conforme as possibilidades que têm, se assim for vão aprender a ser mais responsáveis. Agora se os pais não tiverem dinheiro para as alimentar penso que isso poderá influenciar na vida delas sim.”*
- **Pais V:** *“Afeterá pois existem crianças que devem ter muitas dificuldades a todo o nível como alimentação. Por outro lado, esta crise traz-nos a oportunidade de dar-mos valor a coisas não materiais como o amor e a paz familiar. Valores que estavam muito esquecidos.”*
- **Pais U:** *“Afeta algumas crianças principalmente com pais desempregados. Algumas crianças não conseguem ter refeições mais completas.”*
- **Pais T:** *“Sim, uma vez que elas ouvem os adultos, têm acesso à informação de variadíssimas formas e sentem a instabilidade que se vive em casa não só pelos problemas económicos que a crise acarreta, mas também pelos problemas emocionais e psicológicos que afetam os mais velhos.”*
- **Pais Q:** *“Algumas, principalmente quando são os pais a ficarem desempregados, elas apercebem-se das dificuldades das famílias.”*
- **Pais P:** *“Claro que afeta as crianças, pois elas têm sentimentos e sentem as preocupações dos pais. Se algum dia sairmos desta crise talvez as crianças, de hoje, saiam mais fortes.”*
- **Pais O:** *“Algumas crianças, sim, se estavam habituadas a ter certas regalias e um modo de vida que agora os pais não poderão manter, sim talvez fiquem afetadas.”*
- **Pais K:** *“Crianças são afetadas de várias formas. Em casa, falta muita coisa em algumas casas nomeadamente aquelas que foram afetadas pelo desemprego. Ao nível do ensino, os “cortes” fazem com que o ensino seja cada vez mais precário. Ex: turmas maiores, falta de materiais essenciais nas escolas.”*
- **Pais I:** *“Sim afeta as crianças. Afectando os adultos directamente irá afectar as crianças indirectamente. Eu pessoalmente nunca tive uma “fase fácil” ou facilitada mas neste momento, tendo uma filha na faculdade dificulta muito em todos os aspetos a nossa vida familiar a três.”*
- **Pais H:** *“Afeta, pois muitas nem os bens de primeira necessidade têm.”*

- **Pais G:** *“Sim. Afeta de várias formas: menos poder de compra, menor qualidade de vida e menor estabilidade familiar e emocional.”*
- **Pais E:** *“Sim ou não diretamente. Se os pais sentem dificuldades económicas é natural que os filhos se apercebam. Depende muito de cada caso. E do estilo/ tipo de vida que cada um estava habituado a ter.”*
- **Pais C:** *“Claro que afeta. Nas situações mais problemáticas, quando os bens essenciais começam a escassear os problemas aparecem. As notícias que todos os dias nos entram em casa pela televisão dando conta das grandes dificuldades porque passam tantas famílias, não podem deixar ninguém indiferente.”*

Neste contexto, será oportuno realçar uma resposta, na qual é manifestada alguma apreensão pelo facto da turma do seu filho, devido aos cortes no orçamento para a educação, ter sofrido um aumento de um número de alunos para praticamente o dobro.

- **Pais J:** *“Sim, vou dar um exemplo: a turma do meu filho passou de 13 a 26 alunos, ou seja, as medidas tomadas pelo nosso governo acabou por atingir as nossas crianças. Além de muitos sentirem problemas a nível familiar (desemprego, fome, falta de atenção por alguns dos seus familiares...) ainda têm de fazer parte de turmas numerosas.”*

Como conclusão do inquérito e tendo sido colocada a pergunta ***“Que papel entende que deverá ter a escola neste contexto?”***, houve concordância no reconhecimento da importância da escola na vida das crianças, nas suas diversas vertentes, nomeadamente no apoio e esclarecimento que esta deve prestar, na promoção da educação para a cidadania, no desenvolvimento de noções de poupança, entre outros pontos, como se verifica nos seguintes exemplos:

- **Pais A:** *“A escola e as famílias devem inculcar às crianças a necessidade de não desperdiçar comida e respeitar o meio que as rodeia de forma a não estragarem nada.”*
- **Pais B:** *“A escola deve consciencializar as crianças de acordo com a sua faixa etária para os problemas do país e dos cidadãos.”*
- **Pais C:** *“Para além do seu principal papel que é ensinar a escola deverá fazer todos os possíveis por criar bons cidadãos.”*

- **Pais E:** *“Educação para a cidadania engloba aspetos do dia-a-dia. Saber adaptar a realidade à situação atual.”*
- **Pais F:** *“Algum. Tentar da melhor forma explicar as crianças o que é a crise. E os pais em casa também. Assim tudo se torna mais fácil para eles.”*
- **Pais G:** *“A escola deverá apoiar as crianças carenciadas relativamente à alimentação e ao apoio escolar.”*
- **Pais K:** *“A escola deve ter o “papel” de apoiar e diagnosticar casos de crianças que não tem bem essenciais (refeições); deve procurar dinamizar actividade que incentivem as crianças a economizar, a não esbanjar.”*
- **Pais L:** *“A escola deverá apoiar as crianças com mais necessidades através da alimentação, vestuário e apoio psicológico.”*
- **Pais M:** *“A escola deverá mais que nunca estar atenta ao comportamento das crianças porque muitas famílias por vergonha não são capazes de dizer quê estão a passar por dificuldades e por vezes as crianças vão com fome para a escola.”*
- **Pais O:** *“Acho que a escola deve esclarecer as crianças do melhor modo possível e não dramatizar, nalguns casos a escola talvez consiga explicar melhor a situação do que os pais.”*
- **Pais Q:** *“Ter em atenção, se existe alguma criança com problemas com a alimentação ou o vestuário, e procurar ajuda, até mesmo com a associações de pais, ou outras entidades da freguesia, como a igreja ou a junta de freguesia.”*
- **Pais V:** *“A escola deve educar para a cidadania responsável. A escola deve estimular os alunos a aprenderem alguma coisa com esta crise económica e financeira. A escola deve – sem tomar “partido” – discutir a cidadania e a democracia.”*

É importante que a escola tenha acesso à opinião dos pais, aos seus anseios e preocupações, principalmente em tempos difíceis como o que atravessamos. Ao falarmos da estabilidade emocional das crianças, era inevitável termos um contacto com os seus familiares e percebermos a sua visão perante este assunto.

Com isto, este inquérito foi essencial não só para conhecer a opinião dos pais mas também para dar um pequeno contributo para que estes pudessem colocar as crianças no centro da análise deste fenómeno. Muito provavelmente, depois do preenchimento do inquérito, algumas das famílias, abordaram este assunto pela primeira vez, em conjunto.

6.4. – TAREFA 4 - Realização de um *brainstorming* a partir da palavra família

Data: 14 de Janeiro de 2013

6.4.1. – Objetivos:

- Conhecer que palavras os alunos associam à família. (investigadora)
- Reconhecer a importância da família, designadamente em momentos difíceis como num contexto de crise. (alunos)

6.4.2. – Descrição da tarefa:

Partindo da história intitulada “Pais à escolha num centro comercial perto de ti” de Maria Inês Almeida, a professora estagiária criou um diálogo com os alunos sobre a importância da família. Conduziu o diálogo de modo a que os alunos concluíssem que, independentemente das diferentes estruturas familiares, da fisionomia das pessoas e do contexto socioeconómico, o importante é que haja uma boa e sólida relação familiar. De seguida, e individualmente, os alunos realizaram um *brainstorming* a partir da palavra família, registando-o numa folha que lhes foi distribuída.



Imagem 13 – Exemplo da folha de registo, distribuída a cada aluno

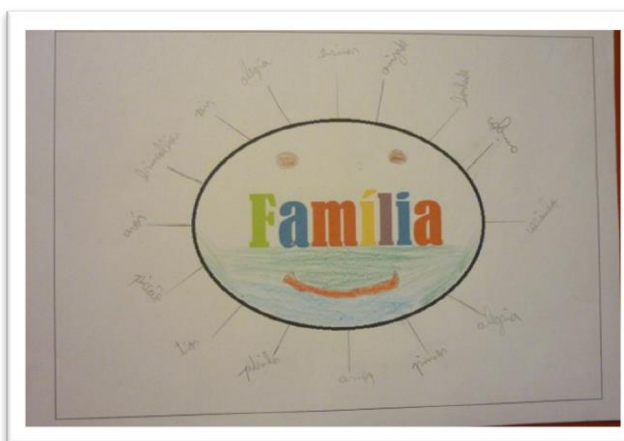


Imagem 14 – Registo de palavras de um aluno



Imagem 15 – Registo de palavras de um aluno

No final, cada aluno leu em voz alta as palavras que registou, criando-se novamente um diálogo, no qual foram comparadas as palavras que cada aluno mencionou.

6.4.3. – Análise dos dados da tarefa:

Com esta tarefa pudemos perceber que a grande maioria dos alunos mantém uma relação próxima e de grande afetividade com os seus familiares. As palavras que mencionaram foram no geral positivas, transparecendo, na sua generalidade, sentimentos de segurança, apoio, ternura e compreensão. No entanto, é importante referir um aluno que registou a palavra “separamento” que, no diálogo realizado após o *brainstorming*, pudemos perceber que se referia a uma zanga entre os pais e os avós e, daí, a separação. Curiosamente, embora existindo alguns casos de alunos com pais divorciados, nenhum deu relevância a esse facto.

Aquando da explicação da tarefa, demos a liberdade aos alunos de escreverem palavras relacionadas com a sua família, sem qualquer condicionalismo. Por esse motivo, encontramos frases e palavras que traduzem sentimentos, graus de parentesco, adjetivos, entre outras. De muitas palavras/ frases que os alunos enunciaram, enumeramos aqui um exemplar de cada uma:

<i>Abonos</i>	<i>Contente/ Contentamento</i>	<i>Pais</i>
<i>Abraços</i>	<i>Cuidadosos</i>	<i>Paixão</i>
<i>Adoram-nos</i>	<i>Dão-nos roupa</i>	<i>Partilha</i>
<i>Acariciar</i>	<i>Educação</i>	<i>Paz</i>
<i>Ajuda</i>	<i>Emprestam</i>	<i>Pessoas simples</i>
<i>Ajudam-nos nos trabalhos de casa</i>	<i>Ensinar/ Ensino</i>	<i>Prendas</i>
<i>Alegria</i>	<i>Espertos</i>	<i>Preocupação</i>
<i>Alimentam-me/ Alimentos</i>	<i>Família reunida</i>	<i>Primos (primo e prima)</i>
<i>Amigos</i>	<i>Famosa</i>	<i>Protectora/ protegem-nos</i>
<i>Amigos do coração</i>	<i>Felicidade/ Feliz</i>	<i>Querida</i>
<i>Amizade</i>	<i>Fixe</i>	<i>Ralhar/ Ralhetes</i>
<i>Amor</i>	<i>Fofa</i>	<i>Saudável</i>
<i>Amorosa</i>	<i>Forte</i>	<i>Saúde</i>
<i>Animada</i>	<i>Humildade</i>	<i>Separação/ Separamento</i>
<i>Árvore genealógica</i>	<i>Gosto</i>	<i>Simpatia/ Simpática</i>
<i>Avós (avô e avó)</i>	<i>Irmãos (irmão e irmã)</i>	<i>Sinceridade</i>
<i>Beijos/ Beijinhos</i>	<i>Leitores</i>	<i>Solidariedade/ Solidários</i>
<i>Bisavós (bisavô e bisavó)</i>	<i>Levam-me a passear</i>	<i>Sorrisos</i>
<i>Bondade</i>	<i>Mãe</i>	<i>Super</i>
<i>Brincar/ Brincalhões/ Brincadeiras</i>	<i>Majestosa</i>	<i>Sustentam-nos</i>
<i>Carinho/ Carinhosa</i>	<i>Meigo</i>	<i>Tenho sorte ter família</i>
<i>Chorar de alegria</i>	<i>Melhores amigos</i>	<i>Tios (tio e tia)</i>
<i>Companhia</i>	<i>Padrasto</i>	<i>Todos juntos</i>
<i>Compram/ Compram roupa</i>	<i>Padrinhos</i> <i>(padrinho e madrinha)</i>	<i>União</i>
<i>Conselheira</i>	<i>Pai</i>	

Quadro 6 - *Palavras relacionadas com a família*

A opção da realização desta tarefa partiu da necessidade de percebermos, ainda que de modo superficial, a relação familiar dos alunos. A professora estagiária teve o cuidado de explicar, inicialmente, que não existem palavras consideradas certas ou erradas para descrever a nossa família. Cada pessoa deve descreve-la conforme ela é na realidade mesmo que, por vezes, os termos aplicados não evidenciem uma saudável relação. Felizmente, não verificamos qualquer caso preocupante de má ou instável relação familiar.

6.5. – TAREFA 5 – Realização de um texto expositivo sobre a importância da sua família

Data: 14 de Janeiro de 2013

6.5.1. – Objetivos:

- Perceber o tipo de relação que os alunos mantêm com a sua família. (investigadora)
- Reconhecer a importância da família num contexto de crise. (alunos)

6.5.2. – Descrição da tarefa:

Após a realização do *brainstorming* a partir da palavra família (TAREFA 4), foi proposto aos alunos a redação de um texto expositivo em que teriam de abordar o assunto da sua família: a estabilidade que lhe proporciona; a sua relação com os membros do agregado familiar e o apoio que sentem por parte deles.

6.5.3. – Análise dos dados da tarefa:

Constatou-se com esta tarefa a enorme importância que os alunos atribuem às suas famílias, transparecendo com evidência, o grande apoio que eles sentem por parte dos seus familiares. Demonstram já uma grande noção da realidade, no sentido de, para além de fazerem referência à natural afetividade, reconhecerem que é a família que os sustenta, aconselha e cuida em todas as circunstâncias. Apresentamos aqui alguns desses exemplos:

- *“A minha família para mim é importante porque ajudame com os deveres, ensinam-me algumas coisas e compram-me o necessário para viver. Quando tenho um problema falo logo com os meus pais para me ajudar a resolver esse problema.”*

- *“Para mim a minha família é importante porque é ela que me compra coisas para eu comer, para eu vestir, pagam a escola que eu frequento. Às vezes também me compram coisas que eu quero. Ajudam-me quando eu tenho duvidas em alguma coisa, o meu irmão ajuda-me nos trabalhos de casa. Quando estou triste vêm me perguntar o que é que eu tenho. A minha família é maravilhosa!”*
- *“A família é importante porque me ajuda nos momentos difíceis faz-me de mim um rapaz contente não me deixa sozinho e está sempre ao meu lado. Quando tenho duvidas tenho os meus pais para-me ajudar tenho os meus pais para brincar tenho os meus pais para me sustentar. Nunca estou só nem nunca estarei. Jesus não me podia dar melhor família amor amigos e carinho. Não sou rico nem pobre tenho dinheiro que preciso e a família que nessecito.”*
- *“A minha mãe é gordinha nas pernas e nas bochechas, tem muita força, ralha-me quando me porto mal, exemplo quando levo recado na caderneta. A minha família é importante porque se não a tive-se não vivia em harmonia e era infeliz.”*
- *“A minha família pensa em tudo, antes de fazer seja o que for. Avisam-me para vestir uma roupa quente, se tenho as mãos geladas, dizem-me para pôr luvas, se tenho os pés frios ponho mais um par de meias... sempre preocupados comigo.”*
- *“Algumas fezes gosto de fazer partidas à minha família os meus pais ralham-me para o meu bem e eu bem preciso. Adoro a minha família nunca trocaria a minha família por nada.”*
- *“Eu acho que a família é muito importante porque sem ela não tinha companhia e também se todas as crianças não tivessem família o que seria delas e assim não tinham ajuda dos pais para comprarem os seus almoços.”*
- *“A minha família é muito importante, porque me dá de comer, dá-me roupa, acolhe-me, brinca comigo... Quando tenho um problema sei que posso contar à minha família, e ela vai ajudar-me a ultrapassa-lo. A minha família é a melhor do mundo!!!”*
- *“Quando eu estou doente a minha mãe leva-me sempre ao médico para eu ficar boa.”*
- *“Eu quando tenho algum problema às vezes costumo falar com a minha mãe mas a minha mãe não costuma falar comigo quando tem algum problema para não me preocupar. Mas o meu pai já costuma falar um bocado mais dos problemas dele. Costuma falar de o divórcio entre ele e a minha mãe.”*
- *“A minha família é muito importante porque cuida de mim com amor e carinho e se tenho algum problema vou falar com os meus pais e eles falam comigo.”*

- *“A família é muito importante porque ela toma conta de nós.”*
- *“Eu nunca irei trocar a minha família por outra portanto a minha família é a melhor do mundo!”*

Das respostas apresentadas, será oportuno destacar a que segue, uma vez que retrata com alguma ingenuidade mas também com muito realismo a vivência de uma família tradicional, onde se evidencia o papel de mãe como responsável pelas principais lides domésticas.

- *“Para mim a minha família é importante porque sem ela eu não estava aqui, não tinha de comer, não tinha dinheiro para estar numa escola, não tinha amigos e não tinha animais. Estava no orfanato e não gostava nada de estar lá até porque eu gosto muito da minha família. Quando tenho algum problema vou perguntar à minha irmã ou ao meu pai não pergunto à minha mãe porque ela ou está a fazer o comer ou a limpar a casa.”*

A forma e as palavras escolhidas pelos alunos para caracterizarem a sua relação familiar, deixa qualquer leitor enternecido. Comprovam, de forma clara, a ternura e boa relação que os alunos mantêm com os seus familiares. Esta tarefa possibilitou-nos ter essa noção de uma forma mais aprofundada, confirmando o que transpareceu nos dados obtidos no *brainstorming*, realizado anteriormente.

6.6. – TAREFA 6 – Divisão das despesas mensais

Data: 16 de Janeiro de 2013

6.6.1. – Objetivos:

- Avaliar a perspetiva dos alunos relativamente aos gastos mensais de uma família. (investigadora)
- Compreender a diferença entre o necessário e o supérfluo. (alunos)
- Saber o que é poupança e quais os seus objetivos. (alunos)

6.6.2. – Descrição da tarefa:

Para a realização desta tarefa, os alunos foram divididos em 5 grupos, representando cada um, uma família cujo apelido e grau de parentesco foi por eles escolhido. Teve início na aula de matemática e foi proposto a cada família a utilização de 1000€ virtuais que deveriam gerir nas despesas mensais do agregado familiar. Posteriormente, na aula de Estudo do Meio, a professora estagiária distribuiu adereços por cada aluno, de modo a que cada um representasse o seu papel na família. Cada grupo apresentou-se à restante turma, indicando o seu apelido e o papel de cada um dos membros, e expôs o seu orçamento familiar. No final, foram comparados os dados apresentados por cada família com posterior análise crítica (que gastos foram essenciais ou supérfluos bem como a noção da realidade que cada família demonstrou), efetuada em grande grupo.

6.6.3. – Análise dos dados da tarefa:

Esta tarefa teve o total empenho e interesse por parte dos alunos, que a encararam sobre um aspeto sério e ao mesmo tempo lúdico. O facto de serem eles

próprios a escolherem o apelido da sua “família”, distribuírem os diferentes graus de parentesco e ainda colocarem alguns adereços representativos do seu papel, enriqueceu deveras a tarefa.

Como já referimos anteriormente, foi proposto a cada grupo imaginar que o seu agregado familiar receberia mensalmente 1000€ e que deveria gerir essa quantia conforme achasse adequado. No entanto, alguns grupos excederam esse valor, enquanto outros não o atingiram. É de salientar ainda que um dos grupos, destinou algum desse dinheiro à poupança, enquanto outro criou uma rubrica para “extras”, denotando assim já alguma consciência da importância de economizar.

Curiosamente, no momento em que a professora estagiária revelou que o dinheiro disponível seria de 1000€, ouviu-se na sala comentários opostos sobre essa quantia: “Só?”/“Ui, tanto!”. Esta situação pode revelar uma diferença substancial entre os rendimentos das famílias dos alunos ou, em alternativa, a noção que cada um deles tem sobre o valor em causa.

Na generalidade, os alunos mostraram uma noção real sobre os bens necessários para o dia-a-dia de uma família, tal como a água, alimentação, luz, gás, despesas escolares, entre outros. Porém, compreensivelmente, verificou-se uma incorreta noção dos valores que cada um desses gastos envolve, nomeadamente quanto à sua percentagem relativa. Efetivamente, no caso da “Família Pereira”, foi estimado um gasto de 100€ para comida, e um gasto de 125€ para a eletricidade. Também a “Família Parente” atribuiu um gasto de 300€ para gás e água, enquanto que, para a alimentação, apenas 95€.

Será útil evidenciar algumas particularidades encontradas neste contexto. Na verdade, nota-se em alguns casos uma certa e natural imaturidade na eleição dos gastos selecionados, uma vez que a distinção entre o supérfluo e o essencial não é a mais correta. Exemplo disso, é o caso da “Família Feliz” que atribuiu 60€ para a alimentação e, por outro lado, 35€ para cinema, 25€ para o *Mac Donalds* e ainda 60€ para brinquedos.

Outro caso tem que ver com o meio predominantemente rural onde os alunos vivem, já que elencam gastos relativos à agricultura e a ração para animais. Aspeto este que, crianças citadinas, certamente não refeririam.

Transparece também o conhecimento de gastos recentes nas suas próprias famílias, quando destinam parte do orçamento para a compra de “mobília”, “pneus”, “flores para oferecer à mulher” ou “dois livros para a filha mais velha ler”.

As suas vivências são, deste modo, notoriamente refletidas nas suas concepções relativamente aos gastos familiares.

Seguem os quadros construídos com base nos dados apresentados por cada grupo, bem como, alguns registos fotográficos.

FAMÍLIA NEIVA	
Eletricidade	60€
Água	32€
Gás	85€
Gasolina	27€
Roupa	15€
Alimento	50€
Brinquedos	10€
Cantina escola	36€
Material para a escola	73€
Dois livros para a filha mais velha ler	4,50€
Higiene	7€
Ração para os animais	59€
Medicamentos	20€
Agricultura	17€
Pneus	51€
Flores para oferecer à mulher	3,10€
Divertimentos	20€
Banco	353€
Total	922,60€



Imagem 16 - Elementos da “Família Neiva”

Quadro 7 - Informação da “Família Neiva”

FAMÍLIA RESENDE DIAS	
Gás	57€
Água	52€
Electricidade	80€
Telefone	30€
Prestações carro	100€
Alimentos	150€
Gasolina	50€
Infantário	70€
Internet	50€
Creche	61€
Propinas	300€
Total	1000€

Quadro 8 - Informação da “Família Resende Dias”



Imagem 17 - Elementos da “Família Resende Dias”

FAMÍLIA PEREIRA	
Comida	100€
Roupa	50€
Impostos da casa	175€
Eletricidade	125€
Gás	150€
Água	100€
Gasolina	50€
Agricultora	50€
Internet	100€
Escola	100€
Total	1000€

Quadro 9 - Informação da “Família Pereira”



Imagem 18 - Elementos da “Família Pereira”

FAMÍLIA PARENTE	
Electricidade	150€
Água	150€
Combustível do carro	45€
Gás	105€
Comida	95€
Roupa	70€
Consultas médicas	50€
Material escolar	100€
Renda da casa	170€
Mobiliária	200€
Extras	65€
Total	1200€



Imagem 19 - Elementos da “Família Parente”

Quadro 10 - Informação da “Família Parente”

FAMÍLIA FELIZ	
Renda	60€
Escola	99€
Gás	120€
Luz	90€
Alimentação	60€
Gasóleo	25€
Roupa	40€
Cinema	35€
Mac Donalds	25€
Material escolar	30€
Brinquedos	60€
Animais	250€
Água	100€
Total	994€



Imagem 20 - Elementos da “Família Feliz

Quadro 11 - Informação da “Família Feliz”

Com a realização desta tarefa, foi possível, para além dos objetivos pretendidos, o incentivo do trabalho de grupo e assim, a partilha de opiniões e decisões, entre os alunos. Aparentemente tratava-se de uma tarefa simples mas, contudo, revelou-se uma atividade muito rica, envolvendo a participação entusiasmada dos alunos.

Creemos que com a exploração dos dados registados pelos alunos e, posterior diálogo, estes ficaram com uma melhor perceção da economia doméstica e mais sensibilizados para aquilo que é necessário e dispensável, no dia-a-dia.

6.7. – TAREFA 7 - Preenchimento de Inquérito pelos professores do Centro Escolar
--

Data: 28 de Janeiro de 2013

6.7.1. – Objetivos:

- Conhecer a opinião dos professores sobre a problemática da crise. (investigadora)
- Conhecer a realidade da escola através da visão dos docentes. (investigadora)

6.7.2. – Descrição da tarefa:

O inquérito referido (Anexo 5) foi distribuído a cada docente do Centro Escolar (4 professoras), ao qual se prontificaram de imediato a responder e a colaborar. As questões apresentadas no inquérito foram as seguintes:

1. *Acha que a crise tem afetado o bom desempenho dos alunos na sala de aula?*
2. *Na sua perspetiva que papel deverá ter a escola em casos de famílias mais afetadas pela crise?*
3. *Sente de algum modo que a crise tem vindo afetar as condições de ensino (falta de materiais, recursos, entre outros)?*

6.7.3. – Análise dos dados da tarefa:

Apesar do nosso público-alvo do estudo ser apenas uma turma de 25 crianças, pertencente ao 4º ano de escolaridade, achamos pertinente conhecer, ainda que de modo superficial, a realidade das restantes turmas do Centro Escolar. Daí, o preenchimento deste inquérito por parte das docentes, que se revelou de extrema importância para esse fim.

Fazendo uma análise global das respostas às três questões sugeridas, podemos constatar que as quatro docentes mostraram não ter conhecimento de situações preocupantes ou precárias nas suas turmas, daí não poderem afirmar que a crise tenha vindo afetar o bom desempenho dos alunos na sala de aula. No entanto, a professora responsável pela turma do 1º ano referiu não se poder pronunciar sobre essa questão, dado não dispor de outros elementos de comparação: *“Não tenho dados para afirmar que a crise tem afectado os alunos, pois entraram este ano para a escola e como tal não posso comparar o seu desempenho com períodos anteriores.”*

Relativamente ao apoio que a escola deve prestar em casos de famílias afetadas pela crise, a opinião foi unânime, como se verifica nas respostas aqui transcritas:

- *“A escola deve tentar minimizar os efeitos da crise na vida das crianças, angariando formas de fornecer alimentação e tornando a frequência dessas crianças completamente gratuita.”*
- *“Ajudar as crianças incondicionalmente em todas as vertentes: psicológica, afectiva, material, emocional... e fazer-lhes compreender que é um episódio que não vai durar para sempre.”*
- *“Estar atenta e colaborar com essas famílias apelando ao espírito de solidariedade de toda a comunidade educativa.”*
- *“Deve prestar o melhor apoio às crianças dessas famílias, contribuindo com refeições completas (almoço e lanche), no sentido de assegurar o rendimento escolar das mesmas.”*

Quanto ao facto da crise se fazer sentir ou não nas condições de ensino, três das quatro professoras inquiridas revelaram sentir a crise, designadamente na falta de verbas ao nível da impressão e fotocópias de materiais para os alunos e ainda ao nível dos recursos humanos. Por outro lado, uma outra docente referiu que *“Nesta escola tudo tem decorrido com toda a normalidade e a crise ainda não se faz sentir.”*

Como já referimos, foi importante conhecer a opinião das docentes, acerca deste assunto. Nas suas respostas, unanimemente, demonstraram o interesse e a preocupação que a escola deve ter com os seus alunos, designadamente na deteção de qualquer situação mais preocupante.

6.8. – TAREFA 8 - Realização de um *brainstorming* a partir da palavra crise

Data: 30 de Janeiro de 2013

6.8.1. – Objetivos:

- Perceber que palavras os alunos associam à crise. (investigadora)

6.8.2. – Descrição da tarefa:

Esta tarefa foi realizada de modo a concluir a recolha de dados junto dos alunos, com vista a resumir o entendimento geral sobre o tema. Para tal, foi proposto a realização individual de um *brainstorming* a partir da palavra crise, que ficou registado numa folha que lhes foi distribuída.

6.8.3. – Análise dos dados da tarefa:

Ao analisar cada registo, constatou-se que, não obstante o elevado número de expressões que os alunos associaram à crise, muitas delas são comuns a todos, como é o caso das seguintes palavras/ expressões:

- “Desemprego”
- “Falta de dinheiro”
- “Tristeza”
- “Pobreza”

Verificou-se também alguns casos em que notoriamente os alunos aplicam expressões que ouviram associadas à crise mas cujo significado dificilmente conhecerão, como é o caso de:

- “Troika”
- “Fmi”
- “Tiram-nos os abonos”

É de realçar a grande consciência que cada um demonstrou nos seus registos, dado que, apesar de em alguns casos não a sentirem diretamente, associam à crise palavras/expressões com elevada lógica e sentido. No quadro que segue, apresentamos um exemplar de cada uma delas.

<i>As pessoas passam fome</i>	<i>Lágrimas</i>	<i>Pedintes</i>
<i>As pessoas sem casa porque não têm dinheiro para pagar ao banco</i>	<i>Lojas à falência</i>	<i>Perder o subsídio de férias</i>
<i>Aumento da dívida</i>	<i>Mais austeridade</i>	<i>Pessoas a ficar sem casa</i>
<i>Cada vez a piorar</i>	<i>Mais caros</i>	<i>Pessoas passam fome, sede</i>
<i>Coisas mais caras</i>	<i>Mais desemprego</i>	<i>Pessoas vivem na rua</i>
<i>Comprar pouca roupa</i>	<i>Mais tristeza</i>	<i>Pobres/ Pobrezinhos</i>
<i>Comprar pouco material</i>	<i>Mau governo</i>	<i>Pobres sem casa</i>
<i>Comprar poucas canetas para escrever no quadro</i>	<i>Medo</i>	<i>Pobreza</i>
<i>Compras baratas</i>	<i>Menos brinquedos</i>	<i>Políticos que não sabem governar</i>
<i>Culpa do governo</i>	<i>Menos coisas</i>	<i>Pouca comida</i>
<i>Desemprego</i>	<i>Menos comida</i>	<i>Pouco ambiente</i>
<i>Desespero</i>	<i>Menos condições de vida</i>	<i>Pouco dinheiro</i>
<i>Dividas</i>	<i>Menos dinheiro</i>	<i>Pouco trabalho</i>
<i>Egoísta</i>	<i>Menos ricos</i>	<i>Preços aumentam/ Preços das lojas aumenta/ preços sobem</i>
<i>Entregas de casa</i>	<i>Mercados fechados</i>	<i>Problemas com o salário</i>
<i>Falta de alimentos</i>	<i>Muitas casas abandonadas</i>	<i>Salários mais baixos</i>
<i>Falta de casa</i>	<i>Muitas lojas fechadas</i>	<i>Sem abrigos/ Pessoas sem abrigo</i>
<i>Falta de dinheiro</i>	<i>Muitas mais dividas</i>	<i>Sem automóvel</i>
<i>Falta de governo</i>	<i>Muitos desempregados</i>	<i>Sem casa</i>
<i>Falta de roupa</i>	<i>Muitos sem abrigo</i>	<i>Sem comida</i>
<i>Ficar sem dinheiro</i>	<i>Muitos trabalhadores</i>	<i>Sem dinheiro</i>
<i>Fmi</i>	<i>Não há dinheiro suficiente para comprar coisas que nós queremos</i>	<i>Sem emprego</i>
<i>Fome</i>	<i>Não podemos comprar nada</i>	<i>Sem feriados</i>
<i>Gaspar</i>	<i>Não se consegue pagar as despesas</i>	<i>Sofrimento</i>
<i>Gastando mais dinheiro em compras entre outras</i>	<i>Nós e os políticos é que criamos isto</i>	<i>Tiraram-nos os abonos</i>
<i>Gasta-se muito dinheiro</i>	<i>Os impostos sobem</i>	<i>Tristes</i>
<i>Governo</i>	<i>O preço do gás aumenta</i>	<i>Tristeza</i>
<i>Impostos</i>	<i>Pagar menos dinheiro da cantina da escola</i>	<i>Troika</i>
<i>Ladrões de dinheiro</i>	<i>Para mim a crise devia acabar</i>	<i>Vai piorar</i>

Quadro 12 - Palavras relacionadas com a crise

Tendo sido esta a última tarefa realizada com os alunos, muitas das suas ideias face a esta problemática terá sido um pouco alterada. Isto porque, depois de iniciarmos o processo de recolha de dados, certamente que a sua atenção às notícias aumentou, bem como o diálogo mantido com os seus familiares. Também o nosso contributo, no esclarecimento de alguns factos, poderá ter influenciado, se bem que, em certos casos, as opiniões iniciais prevaleceram. Será de registar que esta tarefa constituiu mais um complemento dos trabalhos anteriores, sobre as concepções das crianças relativamente à crise.

6.9. – Análise global

Todas as tarefas aqui apresentadas foram pensadas de modo a constituírem o suporte de todo o percurso do estudo, fundamentando as conclusões onde se dá resposta aos quesitos inicialmente enumerados. Podemos mesmo afirmar que este capítulo traduz-se como o cerne de todo o estudo, que envolveu todo um trabalho de pesquisa, empenho e dedicação. Cada tarefa foi planeada de forma lógica, organizada e coerente.

Apesar do nosso público-alvo ser os alunos, o tema em questão tornava premente conhecer também a opinião dos pais e dos professores. Por isso, foi recolhida a opinião dos elementos constitutivos desses grupos, cujos resultados foram alvo de análise neste capítulo. Relativamente aos alunos, verificou-se que a sua prestação, em cada momento, foi sempre muito interessada e realizada com grande entusiasmo. Por ser um assunto atual e aparentemente desconhecido das crianças, todo o processo de recolha de dados decorreu sempre com grande expectativa, sendo muitas vezes surpreendente aquilo que elas iam referindo ao longo de cada tarefa. Nesse contexto, é de referir o conteúdo rico e interessante que obtivemos em determinadas situações, prestado, muitas vezes, por um raciocínio bastante lógico e coerente, como é o caso do seguinte exemplo:

Professora: ***“Achas que toda a gente sente a crise? Afeta toda a gente?”***

- **Aluno A:** *“Todo o mundo?”*

Professora: *“Não, aqui em Portugal.”*

Aluno A: *“Depende, o Cristiano Ronaldo é português mas tem muito dinheiro e há portugueses pobrezinhos que estão a emigrar.”*

Professora: *“E porque é que tu achas que eles emigram?”*

Aluno A: *“Porque não têm dinheiro.”*

Pelas respostas obtidas percebe-se claramente as influências que contribuem para o entendimento que cada aluno tem da realidade. Efetivamente, o seu conhecimento de assuntos que é suposto não preocuparem os mais novos, advém de informação que, muitas vezes sem qualquer cuidado de rigor, lhes é transmitida através das conversas dos

adultos. Esta situação leva até que, muitas vezes, as crianças façam uma interpretação literal de expressões que ouvem, deturpando assim o seu real sentido. Será neste contexto que se percebe a resposta:

- **Aluno L:** *“Para a crise acabar eu matava o Passos Coelho.”*

A influência familiar, das pessoas mais próximas e mesmo dos *mass media* revela-se também, por vezes de forma perfeitamente explícita, em algumas respostas, como é o caso das seguintes:

- **Aluno H:** *“a minha mãe diz que é do Presidente Aníbal Cavaco Silva.”*
- **Aluno X:** *“do governo talvez, é o que toda a gente diz.”*
- **Aluno T:** *“para mim a culpa da crise estar acontecer é do Presidente, o Aníbal Cavaco Silva porque na televisão, no jornal eu vejo muitas pessoas a terem cartazes a dizer coisas sobre o Aníbal Cavaco Silva.”*
- **Aluno H:** *“Os culpados da crise são as pessoas do governo. Que é o que toda a gente diz.”*

No próximo capítulo faremos uma análise sucinta dos resultados das tarefas aqui descritas.

CAPÍTULO VII – CONCLUSÕES

Neste capítulo constam as conclusões do estudo, com base na informação recolhida e analisada, dando assim resposta às questões iniciais.

A finalidade da investigação é ficarmos a saber mais acerca do mundo para podermos torná-lo num lugar melhor.

(Lee Shulman)

(Graue & Walsh, 2003, p.9)

A circunstância do nosso país atravessar neste momento uma crise impar na história recente, traduzida em aspetos todos eles intimamente relacionados e penalizadores das condições de vida das pessoas, levou a que se entendesse ser oportuno abordar este tema no estudo relativo à Prática de Ensino Supervisionada II.

Esta opção surgiu precisamente por o tema ser atual e talvez pouco tratado junto das crianças, designadamente no sentido de perceber as consequências que esta problemática possa estar a causar nas suas vidas. Aliado a este fator, esteve também presente o interesse e a curiosidade pessoal, uma vez que desta forma, foi possível ouvir a opinião das crianças neste contexto.

Todo o trabalho foi organizado e planeado de forma sequencial, de modo a obter conclusões válidas e fiáveis. São exemplo disso as questões de investigação inicialmente enumeradas, a que pretendemos dar resposta no término do estudo, neste capítulo. A revisão bibliográfica possibilitou-nos, para além da aquisição de novos conhecimentos, sustentar melhor alguns factos descritos ao longo do trabalho.

Relativamente à planificação das tarefas realizadas, como forma de recolher e obter informação necessária e oportuna, procuramos ter em consideração, para além da opinião das crianças, a visão dos pais e dos docentes do Centro Escolar, no qual se desenvolveu a prática pedagógica.

Quanto às tarefas exploradas com os alunos, tentamos propor atividades o mais adequadas possível à sua faixa etária e ao seu desenvolvimento, criando situações lúdicas e formulando questões simples e objetivas. Tendo em conta a complexidade do tema, tentou-se não criar momentos maçadores e/ou constrangedores, optando-se assim, por exemplo, por uma entrevista semi-estruturada, sem obedecer a uma fórmula rígida.

Tendo em vista os aspetos observados/analísados e respondendo à primeira questão orientadora ***“Quais as concepções das crianças em relação à crise?”***, podemos referir que os alunos, não obstante a simplicidade e pureza das suas ideias, mostraram

uma consciência aproximada da realidade, do que é a crise e dos efeitos perversos que esta causa nas pessoas e nas famílias. Revelaram opiniões um pouco ingénuas, próprias de alguma imaturidade, mas com lógica e sentido, associando perfeitamente a crise com a falta de dinheiro, o desemprego e a diminuição do poder de compra. O facto de não terem conhecimento prévio da realização e do assunto das entrevistas e dos inquéritos, permitiu-nos obter uma informação genuína e sincera. Contudo, foi perceptível a influência das pessoas com quem contactam no dia-a-dia as quais, por vezes, não tem a preocupação de explicar aos mais novos o sentido de determinados termos utilizados nas conversas. Assim, muitas vezes, as crianças sem conhecimentos objetivos das questões e o consequente sentido crítico, interpretam de forma errada aquilo que ouvem. Nesse contexto, os adultos devem ter um cuidado e atenção acrescidos nos conteúdos televisivos, de modo a evitarem a visualização de programas inapropriados e de teor especulativo/alarmista.

Constatou-se também que os alunos, na sua generalidade, mostraram não sentir a crise com o dramatismo que se encontra noutros contextos, designadamente na falta de bens essenciais. Neste caso, dizem sentir a crise mas de um modo um pouco superficial, dando relevo aos presentes que já não são tantos nem tão bons como estavam habituados a ter e a restrições de diversa ordem, quer nas férias que passam ou na qualidade dos artigos que adquirem.

Acresce ainda o facto de, em muitos casos, a responsabilidade da crise ter sido atribuída aos governantes, pese embora a falta de rigor na identificação dos cargos que estes ocupam.

Ainda nesta contextura, traduzida pela questão - ***“Qual é a noção das crianças relativamente às despesas familiares?”*** - verificamos que os alunos, demonstraram já uma noção muito real do que é necessário para o dia-a-dia de uma família, tal como água, alimentação, luz, gás e despesas escolares. No entanto, constatou-se alguma dificuldade na atribuição dos valores razoáveis para cada um dos gastos. Alguns deles revelaram ainda alguma perceção sobre a necessidade de economizar ou reservar parte do rendimento para fazer face a imprevistos que possam eventualmente surgir.

Neste âmbito, aliada à educação para a cidadania, surge com grande pertinência a educação financeira, onde se espera desenvolver conhecimentos sobre o que é supérfluo e necessário na vida das pessoas, bem como a importância da poupança e da proporção que cada necessidade pesa no orçamento familiar.

Relativamente à questão - ***“Qual a importância que as crianças atribuem às suas famílias em momentos difíceis?”*** – o seu resultado foi notoriamente positivo. Efetivamente, na análise dos dados obtidos transparece, com evidência, a boa relação familiar dos alunos, pautada pela entajuda, segurança e afeto. Esta constatação é bem patente nas palavras de cariz muito positivo, indicadas pelos alunos para definir a sua família, bem como na preocupação demonstrada pelos pais relativamente aos seus filhos.

Quanto à importância da família, traduzida na questão - ***“Qual o papel da família enquanto elemento estabilizador?”*** - pudemos concluir, a partir da análise dos dados recolhidos e em consonância com o constante na revisão de literatura, que a família assume um papel fundamental no bem-estar das crianças. Nesse sentido deve proporcionar-lhes uma sólida estabilidade, de modo a garantir que passem por esta fase crítica sem grandes mazelas e preocupações.

Apesar de muitos dos pais revelarem, com algum desânimo e revolta, estarem preocupados com o futuro dos seus filhos e admitirem ser afetados pela crise, a sua dimensão não é das mais preocupantes, postura essa coincidente com a dos alunos.

Ainda no contexto familiar e para a questão - ***“Deverá ocultar-se a verdade às crianças?”*** – os pais, demonstrando uma atitude sensata, unanimemente, consideraram muito importante esclarecer os seus filhos sobre o momento que vivemos, embora de forma adequada às suas idades. Alguns referiram mesmo que essa postura já faz parte do seu quotidiano familiar.

Quando classificamos esta opinião de sensata, queremos dizer que ela é defendida pela generalidade dos estudiosos e académicos que se debruçam sobre esta temática. Neste contexto, os pais manifestaram-se a favor de, aproveitando esta fase, incutir nas crianças valores morais e, ao mesmo tempo, transmitir-lhes noções de poupança e do valor e utilidade do dinheiro.

À questão ***“Que papel poderá ter a escola neste contexto?”***, resulta claro o entendimento geral, quer dos pais, quero dos docentes, da sua importância na perceção dos problemas dos alunos e no consequente apoio nas suas diversas vertentes. Além disso, pretende-se uma escola esclarecedora, promovendo conversas e debates sobre situações atuais, de modo a contribuir para a formação intelectual e moral das crianças. De facto, a educação para a cidadania com destaque para valores como a responsabilidade, solidariedade, respeito e partilha deverão estar sempre presentes na formação dos alunos.

Ainda neste âmbito, o corpo docente do Centro Escolar, não referenciou situações problemáticas, no seio dos alunos, relacionadas com a crise. Porém, referiu existir alguns problemas relativos à redução do orçamento escolar, designadamente a falta de recursos humanos e de alguns materiais.

Respondendo à última questão ***“De que forma este problema social se reflete na sua estabilidade emocional?”***, poderemos concluir que a crise que grassa no nosso país, não parece afetar de forma evidente o público-alvo do estudo e, consequentemente, a sua estabilidade emocional. Esta conclusão, que nos parece ser positiva relativamente a outras realidades do país, decorrerá sobretudo do meio em que a comunidade se insere, nomeadamente do estatuto socioeconómico das famílias e da segurança e boa relação familiar que esta proporciona aos seus filhos, não obstante o facto de, como se verifica no gráfico 2, 18% dos pais se encontrarem desempregados.

Como **dificuldades do estudo**, será de apontar o facto deste coincidir com a prática pedagógica, o que complicou a gestão dos tempos dedicados a cada um deles. Conciliar cada trabalho exigido na preparação das aulas a lecionar, com a elaboração do relatório final, revelou-se uma tarefa difícil.

Reconhecemos que o presente trabalho é suscetível de ser melhorado e complementado, uma vez que o tempo disponível para a sua realização foi limitado e, por isso, o universo tratado não foi mais abrangente. Assim, as conclusões, que foram condicionadas pela análise do contexto socioeconómico de uma pequena comunidade, espelhando uma realidade local, não podem ser entendidas como verdades universais.

Ao refletirmos sobre todo o processo do estudo, achamos pertinente apontar algumas propostas para **trabalhos futuros**. Assim, seria de extrema importância alargar o estudo a todas as instituições escolares do país, de modo a conhecer melhor a situação neste âmbito e tirar conclusões mais abrangentes e reais. Posteriormente os dados obtidos poderiam ser utilizados para criar estruturas de apoio, de modo a fazer face aos problemas que fossem surgindo.

Não devo deixar de realçar o prazer que as diversas tarefas implementadas ao longo do trabalho me proporcionaram, impondo-se no entanto referir a preocupação em manter uma total imparcialidade na análise dos dados expostos, o que penso ter conseguido.

A relação mantida com os alunos, ao longo de todo o semestre foi muito positiva, tendo a empatia existente sido fundamental para o envolvimento necessário em todos os momentos. A participação e colaboração dos pais e professores, que se mostraram sempre disponíveis, constituiu também um grande contributo para o trabalho e um incentivo acrescido para o meu empenho. É de realçar também a forma como a professora cooperante acolheu este projeto, incentivando-o e apoiando-o em todas as ocasiões.

Em súmula, é essencial mencionar que o presente estudo, apesar da exigência e da responsabilidade requeridas, representou uma mais-valia no meu percurso académico e pessoal. Com isto, não posso deixar de manifestar a minha confiança e esperança no futuro e desejar que quer esta, quer as próximas gerações, vivam felizes e com mais estabilidade do que no presente.

Nenhum pessimista jamais descobriu o segredo das estrelas, ou navegou até uma terra desconhecida, ou abriu uma nova porta para o espírito humano.

(Helen Keller) (Oliveira & Oliveira, 2012, p. 21)

(...) a esperança e a educação são exigidas porque ambas coincidem na sua própria natureza: tanto no que se refere ao conhecimento das coisas, na progressão daquele que aprende e do que virá a ser e, especialmente, porque ambos os conceitos são projetos de futuro.

(Jares, 2006, p.248)

CAPÍTULO VIII – REFLEXÃO FINAL

O presente capítulo visa fazer um balanço final de todo o percurso do mestrado, nomeadamente sobre a Prática de Ensino Supervisionada realizada no Pré-Escolar de Março a Junho de 2012 e no 1º Ciclo, realizada de Outubro a Janeiro de 2013.

Quando eu for grande queria ser educadora de bebés. (Carolina Pereira, Janeiro de 2000)

Escrevi esta frase quando tinha 10 anos. Lamento não ter encontrado mais, nos meus cadernos antigos porque, na verdade, frases como esta acompanharam todo o meu percurso escolar e a minha vida. De facto, não me recordo de desejar ter outra profissão, senão educadora. Na minha candidatura ao ensino superior, tinha a possibilidade de optar por 6 cursos (conforme a preferência), e recordo-me de ter colocado sempre “Educação Básica”.

Foi com este desejo que iniciei a Licenciatura em Educação Básica, que me permitiu adquirir conhecimentos nas diferentes áreas curriculares e possibilitou um contacto com crianças de diferentes idades e fases de desenvolvimento. (Pré-Escolar, 1º e 2º Ciclo). Apesar desse contacto ter sido de curta duração (apenas 5 semanas em cada área), foi a partir dele que o meu interesse em trabalhar com crianças do 1º ciclo despertou. Daí, a minha opção pelo mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo, ter acontecido naturalmente.

A realização do mestrado foi uma componente essencial no meu percurso académico, sendo que o seu grau de exigência me possibilitou um grande enriquecimento pessoal, a vários níveis. Inevitavelmente a prática pedagógica constituiu grande parte desse enriquecimento. Formosinho (2001) caracteriza a prática pedagógica como “a componente curricular da formação profissional de professores cuja finalidade explícita é iniciar os alunos no mundo da prática docente e desenvolver competências práticas inerentes a um desempenho docente adequado e responsável.” (Formosinho, 2001, p.50)

A prática pedagógica é, efetivamente, a fase fulcral do processo de formação de qualquer futuro professor. É nesta fase que se aplicam os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da formação; é o momento onde pela primeira vez entramos num contexto educativo como futuros profissionais, em que interagimos, experienciamos, aprendemos, contactamos e vivenciamos situações novas. Foram, de facto, experiências muito desafiantes e ao mesmo tempo muito enriquecedoras.

Não obstante, esta fase da formação de professores exige um inevitável empenho e esforço acrescido por parte dos mestrandos. Pessoalmente, conciliar a realização das planificações e das reflexões semanais; conciliar os trabalhos no âmbito de algumas

disciplinas e/ou seminários e a prática pedagógica em si foi, de facto, um processo difícil, trabalhoso e intensivo. Contudo, penso que este método de prática pedagógica encerra muitos aspetos positivos, designadamente pelo apoio e ajuda que os professores supervisores nos oferecem. As reuniões realizadas semanalmente com os professores das diferentes áreas curriculares e com o par de estágio, mostraram-se momentos essenciais no esclarecimento de dúvidas, correção de algumas situações e partilha de experiências e preocupações. Também as planificações, traduzidas pelo esboço das atividades a realizar durante a semana de intervenção, com base nos conteúdos e objetivos pretendidos, revelaram-se um ótimo instrumento de trabalho, funcionando como um guia em todas as circunstâncias. “Os formatos dos planos de aula podem variar, mas em geral um bom plano inclui a exposição clara dos objetivos, a sequência das actividades de aprendizagem e o meio de avaliação da aprendizagem.” (Arends, 1995, p. 68) Contudo, é importante que o professor não se sinta limitado pela planificação que concebeu. Ao longo da minha prática, foram várias as vezes que entendi como vantajosas algumas adaptações e improvisações dos planos da aula, que não devem ser vistos como modelos imutáveis. “A planificação e a tomada de decisão são vitais para o ensino e interação com todas as funções executivas do professor.” (Arends, 1995, p.44)

Ainda neste contexto, uma das dificuldades que senti em ambos os estágios, consistiu na gestão dos tempos dedicados às diversas atividades. Por vezes, o tempo previsto para executar determinada tarefa, por circunstâncias várias, pode ser insuficiente ou excessivo. Este facto pode estar inteiramente relacionado com a falta de experiência, já que “a gestão do tempo na sala de aula é extremamente complexa. Requer conhecimento do currículo, dos princípios da aprendizagem, de cada aluno na sala, e de boas práticas de gestão.” (Arends, 1995, p.79)

As reflexões também nos ajudam a pensar sobre as nossas ações, sobre o sucesso/insucesso de determinadas atividades; ajudam-nos a ultrapassar dificuldades e a resolver problemas que surjam. “O professor como prático-reflexivo pode ser definido a partir das três atitudes referidas por Dewey (1968), abertura de espírito (disponibilidade para admitir outras opiniões e aceitar construtivamente os seus erros, evitando uma atitude defensiva e insegura no seu relacionamento com a instituição e com os seus pares), responsabilidade (pelos seus actos e ponderação sobre os efeitos que estes podem ter nos alunos) e sinceridade e

empenhamento na sua actividade, ao mostrar-se motivado para a renovação e para a mudança, contrariando, a rotina que, inevitavelmente, se instala.” (Jacinto, 2003, p.51)

O facto de podermos observar antes de intervir é crucial, uma vez que nos permite ir conhecendo as crianças, o modo como a educadora/professora trabalha, os métodos que utiliza e, portanto, constitui uma ajuda fundamental na integração do contexto em geral. *O observador é como um navegador que constantemente procura a sua situação em relação à rota que deve seguir. Navega em cada momento, reconhecendo os pontos de referência ou marcos e situando uns em relação aos outros, tendo em conta as mudanças de perspectiva que sucedem à medida que se desloca. Entretanto, é para si próprio imprescindível situar-se em relação ao conjunto daquilo que vê.* (Postic & De Ketele, 1992, p. 11) (Formosinho, 2002, p.173)

Relativamente ao facto da prática pedagógica ser realizada a pares, e pela experiência que tive, parece-me que, embora daí resultem alguns benefícios, nem sempre decorrerá da melhor forma. Independentemente da utilidade de se incentivar o trabalho em parceria, as diferentes perspetivas com que cada um dos elementos encara as situações poderá causar algumas divergências entre o par.

“Embora seja genericamente caracterizado como um ano de grande conflitualidade, ambiguidade e incerteza a nível sócio-profissional, relacional e epistemológico, o estágio pedagógico pode também ser um período de elevado valor formativo, pela variedade e riqueza das aprendizagens realizadas.” (Vieira, Moreira, Barbosa, Paiva & Fernandes, 2010, p.47)

A experiência no Pré-Escolar, mais especificamente, possibilitou-me um contacto com uma turma muito heterogénea (crianças de 3, 4 e 5 anos), o que se revelou um desafio diário, ao tentar adequar as planificações e as atividades propostas a todas as crianças, de diferentes idades. Senti que tive um crescimento muito significativo enquanto aprendiz e inexperiente numa situação que exige um grande rigor e proficiência. Na verdade, embora com alguns naturais receios no início, ao longo do tempo senti-me mais segura, tranquila e capaz. Essa evolução levou a decidir com mais facilidade o tipo de trabalhos e materiais que deveria utilizar nas diversas intervenções, de modo a cativar o interesse das crianças, motivando-as e, desse modo, facilitando a sua aprendizagem.

Devo realçar também o apoio continuado da educadora cooperante que se mostrou sempre pronta a ajudar em todas as situações. A sua grande experiência, o saber

e a vontade em partilhar os seus conhecimentos, revelaram-se fundamentais para a minha evolução ao longo do estágio. Constatei rapidamente que um bom ambiente de trabalho é fundamental para o sucesso de todos. Essa relação revelou-se muito importante para minimizar algumas dificuldades sentidas, designadamente, como já referi, a adaptação das atividades a cada criança, a gestão do tempo das mesmas e a falta de alguma expressividade na leitura de histórias.

Por outro lado, a empatia criada com as crianças, muito afetuosas, veio proporcionar momentos inesquecíveis e reforçar o meu gosto por esta área. “A relação individualizada que o educador estabelece com cada criança é facilitadora da sua inserção no grupo e das relações com as outras crianças. Esta relação implica a criação de um ambiente securizante que cada criança conhece e onde se sente valorizada.” (Ministério da Educação OCEPE, 1997, p.35)

A nível pessoal, parece-me importante também referir o facto de ter tido a possibilidade de festejar o meu aniversário com as crianças que transformaram esse dia num momento muito especial. Foram elas a confeccionar os *cupcakes* que serviram mais tarde de bolo, dedicaram-me canções e



presentearam-me com flores (colhidas no recreio) e desenhos. Certamente irei recordar este dia para sempre, com saudade.

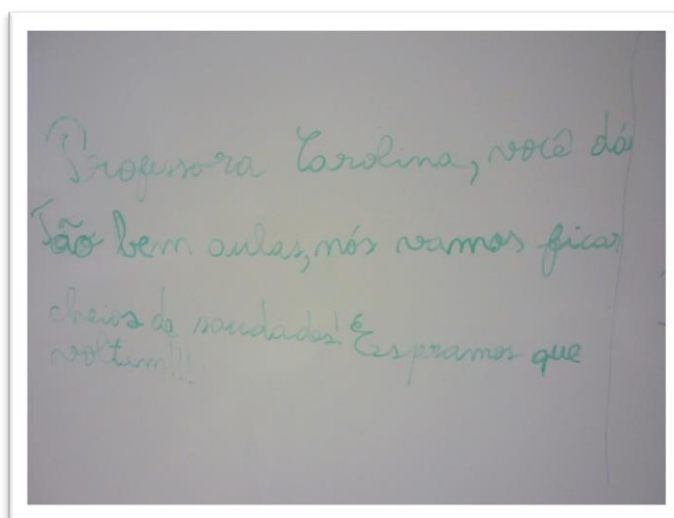
A transição do estágio do Pré-escolar para o 1º ciclo foi um pouco difícil, constituindo uma mudança grande a vários níveis, com a necessária adaptação a um contexto novo e muito diferente do anterior. Nesse momento tive a consciência da responsabilidade de trabalhar com uma turma do 4º ano de escolaridade que, para além da exigência acrescida de conhecimentos científicos, requeria um cuidado especial dado se encontrarem no último ano do 1º ciclo, com a realização de exames nacionais, no final

do ano letivo. Contudo, de novo, ao longo do tempo, essa adaptação foi sendo progressiva e natural.

Constatei claramente que o sucesso e o interesse dos alunos pela aprendizagem depende muito do modo como o professor explica e esclarece os conteúdos e, sobretudo, o tipo de atividades que apresenta. Quanto mais apelativos e lúdicos forem os materiais, maior é a motivação e o empenho dos alunos na aquisição de novos conhecimentos.

Tive, novamente, a oportunidade de trabalhar com uma turma constituída por alunos encantadores, muito dinâmicos e interessados em aprender, educados e queridos. No entanto, dado tratar-se de uma turma extensa (25 alunos), por vezes o normal decorrer das aulas era perturbado com algum barulho e agitação. Neste contexto, notei alguma dificuldade em alterar a minha atitude, talvez um pouco permissiva, para uma postura mais rígida.

O facto de um dos alunos ser portador da síndrome de Asperger possibilitou-me também ter um contacto próximo com os sintomas e comportamentos característicos desta perturbação. Apesar do aluno em causa ter um bom desempenho escolar, a sua falta de concentração nas aulas



era muito frequente, exigindo um apoio reforçado em algumas tarefas. Neste âmbito, é de realçar o apoio que senti por parte da professora cooperante e do meu par de estágio, que muito ajudaram no bom ambiente em que as aulas decorreram.

Tal como registei na experiência da minha prática no Pré-escolar, a nível pessoal, no 1º Ciclo, destaco a Visita de Estudo que planeei e organizei com a turma, pela cidade de Viana do Castelo, como um momento que irei recordar sempre com muita alegria e satisfação. Apesar das más condições meteorológicas, a visita de estudo foi muito positiva pois, para além dos objetivos pedagógicos pretendidos, este tipo de situações serve para, num momento mais informal, criar uma aproximação e boa relação entre os alunos e a professora, tal como aconteceu. O mesmo aconteceu na festa de carnaval do Centro Escolar, que decorreu já após o período de estágio, na qual, participei com o meu par. A alteração das rotinas e o facto de saírem da sala de aula e poderem ter um dia diferente do habitual, deixa os alunos extremamente felizes e interessados.

«Um bom docente» é aquele que evidencia conhecimento profissional, ou seja, conhecimento de conteúdo, do currículo, pedagógico geral, conhecimentos dos fins, objetivos e valores educacionais, conhecimentos dos aprendentes e das suas características, conhecimento pedagógico de conteúdo, dos contextos e conhecimento de si próprio (Shulman, 1986, 1987; Elbaz, 1987; Alarcão & Sá-Chaves, 1996). (Morais & Medeiros, 2007, p. 109)



É sempre gratificante e constitui um forte incentivo para um redobrado empenho saber que o nosso trabalho foi reconhecido e elogiado e, por esse motivo, guardarei sempre, com muito carinho, as palavras da educadora e da professora cooperante, quando dizem:

A mestranda conseguiu transmitir, ao longo de todo o tempo que cá esteve, bastante segurança na forma de leccionar as aulas e também na forma como apresentou aos alunos os conteúdos a tratar. Soube cativá-los e dar-lhes a atenção necessária nestas idades. Integrou-se perfeitamente na vida da comunidade escolar. (Professora cooperante, Janeiro 2013)

Quanto a esta semana só tenho a dizer que a Carolina mostrou um grande empenho e rigor na planificação, na contextualização das atividades propostas, nos materiais utilizados pois que atrativos e promotores de interação das crianças e de aprendizagens significativas e agradáveis.

As crianças têm uma proximidade intensa com a Carolina e recebem com entusiasmo as suas propostas. (...) Esta foi a última semana de intervenção da Carolina. Vou ter saudades desta menina doce, tranquila, atenta, responsável e muito receptiva e disponível. (Educadora cooperante, Junho 2012)

Faço um balanço muito positivo deste percurso, no qual penso ter correspondido àquilo que se espera de um futuro professor/educador competente. Julgo que a minha prestação se pautou sempre pela responsabilidade que a prática implica, pelo bom senso e capacidade reflexiva, por uma saudável integração e relação com a comunidade escolar, pela segurança, tranquilidade e clareza em comunicar e em lecionar e, sobretudo, no empenho que dediquei a esta fase da minha formação. Contudo, espero que a vontade de melhorar, inovar e aperfeiçoar a minha prática esteja sempre presente ao longo da minha vida profissional e pessoal.

A construção de um profissional da educação começa-se a desenvolver na formação inicial, que é, sem dúvida, uma fase importante mas não suficiente para fomentar em plenitude todas as suas competências. O crescimento pessoal e profissional do professor deve ser feito ao longo da vida, tendo em vista o desenvolvimento das suas capacidades de investigação e reflexão, competências curriculares e pedagógico-didáticas, valores e atitudes pessoais e relacionais. (Alonso & Roldão, 2005, p. 102)

Termino esta reflexão com um sentimento de verdadeira nostalgia e esperança na possibilidade de vir a exercer a minha profissão o mais breve possível. Na realidade, o fim desta etapa significa o início de uma nova fase.

Quem avança confiante na direção de seus sonhos e se empenha em viver a vida que imaginou para si encontra um sucesso inesperado no seu dia-a-dia.

Henry Ford



É bom crescer com os pés na Terra...e com a cabeça na Lua, com projectos e sonhos, sensíveis e sensatos, mas crianças...para sempre.

(Eduardo Sá, 2006, p.19)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcão, Isabel (2001). *Professor-Investigador: Que sentido? Que formação?* Cadernos de Formação de Professores, Nº1, 2001. Recuperado em 03/2013, de <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/sd/textos/alarcao01.pdf>
- Albarello, Luc; Digneffe, Françoise; Hiernaux, Jean-Pierre; Maroy, Christian; Ruquoy, Danielle; Saint-Georges, Pierre (1997). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva
- Alonso, Luísa; Roldão, M. do Céu (2005). *Ser Professor do 1º Ciclo: Construindo a Profissão*. Coimbra: Edições Almedina, SA
- Arends, I. Richard (1995). *Aprender a Ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill
- Bell, Judith (1997). *Como realizar um projeto de investigação*. Lisboa: Gradiva
- Bogdan, Robert; Biklen, Sari (1994). *Investigação qualitativa em educação – Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora
- Brunschwig, Hélène (2008). *Uma família inventa-se*. Casal de Cambra: Caleidoscópio
- Caeiro, Teresa (2005). *Educação e Família – Seminários e Colóquios*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação
- Caritas Europa (2013). *“A study of the impact of the crisis and austerity on people, with a special focus on Greece, Ireland, Italy, Portugal and Spain”*. Recuperado em 02/2013, de http://www.caritas-europa.org/module/FileLib/CaritasCrisisReport_web.pdf
- Carreira, Medina (2011). *O fim da ilusão*. Carnaxide: Objectiva
- Coutinho, Clara (2008). *Métodos de Investigação em Educação: Técnicas e instrumentos de recolha de dados*. Universidade do Minho. Recuperado em 03/2013, de http://faadsaze.com.sapo.pt/12_tecnicas.htm
- Coutinho, Clara; Sousa, Adão; Dias, Anabela; Bessa, Fátima; Ferreira, Mª José; Vieira, Sandra (2009). *Investigação-acção: metodologia preferencial nas práticas educativas*. Psicologia, Educação e Cultura, vol. XIII, nº2. Instituto de Educação, Universidade do Minho. Recuperado em 03/2013, de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/10148>

- *Dicionário Houaiss – Sinónimos e antónimos* (2003). Rio de Janeiro: Objetiva
- Esteves, L. Máximo (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto: Porto Editora
- Estrela, Albano; Ferreira, Júlia (2001). *Investigação em Educação: Métodos e Técnicas*. Lisboa: Educa
- Ferreira, Ricardo (2013). *Educação Financeira das Crianças e Adolescentes...em função da idade*. Lisboa: Escolar Editora
- Formosinho, J. (2001). *A formação prática de professores. Da prática docente na instituição de formação à prática pedagógica nas escolas*. Porto: Porto Editora
- Formosinho, J. Oliveira (2002). *A Supervisão na Formação de Professores I Da Sala à Escola*. Porto: Porto Editora
- Formosinho, J. Oliveira (2008). *A Escola Vista pelas Crianças*. Porto: Porto Editora
- Gomes, Pedro (2010). *Como explicar a crise às crianças*. Diário de Notícias, (Edição online - 6 de Junho de 2010). Recuperado em 02/2013, de http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1586563
- Graue, M. Elizabeth; Walsh, Daniel J. (2003) *Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Grilo, Eduardo Marçal (2010). *Se não estudas, estás tramado*. Lisboa: Edições Tinta da China
- Jacinto, Manuela (2003). *Formação inicial de professores – Concepções e práticas de orientação*. Lisboa: Ministério da Educação
- Jares, R. Xesús (2006). *Educar para a Verdade e a Esperança*. Porto: Edições ASA
- Luçart, Liliane (1995). *Tempos cativos: as crianças TV*. Lisboa: Edições 70
- Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação
- Ministério da Educação (2012). Decreto-Lei nº11886-A/2012, Diário da República, 2ª série – Nº 173 – 6 de Setembro de 2012. Recuperado em 02/2013, de <http://pt.scribd.com/doc/109368549/Despacho-11886-A-ASE-2012-2013>

- Ministério da Educação (2008). Decreto-Lei nº75/2008, Diário da República, 1ª série – Nº 79 – 22 de Abril de 2008. Recuperado em 02/2013, de <http://dre.pt/pdf1s/2008/04/07900/0234102356.pdf>
- Ministério da Educação (2010). *Metas de Aprendizagem para o Ensino Básico/1ºCiclo*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2004). *Organização Curricular e Programas*. Lisboa: Ministério da Educação
- Ministério da Educação (2012). *Linhas orientadoras para a Educação para a Cidadania*. Lisboa: Ministério da Educação
- Miranda, Fernando (2011). *Investigação por questionário: teoria e prática*. Trabalho académico, Universidade de Lisboa - Instituto de Educação, Lisboa, Portugal.
- Morais, Filomena; Medeiros, Teresa (2007). *Desenvolvimento profissional do professor*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores
- Moreira, Carlos Diogo (1994). *Planeamento e estratégias da investigação social*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas
- Morissette, D.; Gingras, M. (1999). *Como Ensinar Atitudes – Planificar, Intervir, Avaliar*. Lisboa: Edições ASA
- Neves, J. César (2011). *As 10 questões da crise*. Alfragide: D. Quixote
- Oliveira, M. Carmo; Oliveira, M (2012). *Viver em tempos de mudança*. Lisboa: Esfera dos Livros
- Papalia, Diane E.; Olds, S. Wendkos; Feldman, R. Duskin (2001). *O Mundo da Criança*. Amadora: McGraw-Hill
- Pereira, A. Santos (2011). *Portugal na hora da verdade*. Lisboa: Gradiva
- Portugal, Gabriela (2009). *A educação das crianças dos 0 aos 12 anos*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação
- Sá, Eduardo (2006). *Crianças para Sempre*. Alfragide: Oficina Do Livro
- Sampaio, Daniel (2011). *Da Família, da Escola e Umas Quantas Coisas Mais*. Alfragide: Caminho

- Sampieri, R. Hernández; Collado, C. Fernández; Lucio, P. Baptista (2006). *Metodologia de Pesquisa*. São Paulo: McGraw-Hill
- Santos, B. de Sousa (2011). *Ao fundo do túnel*. Revista Visão nº 956, p.4
- Savater, Fernando; Castillo, R. Moreno; Crato, Nuno; Damião, Helena (2010). *O valor de educar, o valor de instruir*. Porto: Porto Editora
- Silva, S. Marques (2008). *Estratégias Juvenis para «fintar» fragilidades – A construção de pertença a uma casa da juventude no Norte de Portugal* (Revista Educação, Sociedade & Culturas nº27, 27-49). Recuperado em 03/2013, de http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC27/27_sofia.pdf
- Spodek, Bernard. (2002). *Manual de Investigação em Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Sprinthall, A. Norman; Sprinthall, C. Richard (1993). *Psicologia Educacional*. Lisboa: McGraw-Hill
- UNICEF (1990). *A Convenção sobre os Direitos da Criança*. Recuperado em 03/2013, de http://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf
- UNICEF (2007). *Pobreza Infantil em perspectiva: Visão de conjunto do bem-estar da criança nos países ricos*. Recuperado em 03/2013, de <http://www.unicef-irc.org/publications/445>
- UNICEF (2002). *Medición de la pobreza infantil*. Recuperado em 03/2013, de http://www.unicef-irc.org/publications/pdf/rc10_esp.pdf
- Vieira, Flávia; Moreira, M. Alfredo; Barbosa, Isabel; Paiva, Madalena; Fernandes, I. Sandra (2010). *No Caleidoscópio da Supervisão: Imagens da Formação e da Pedagogia*. Mangualde: Edições Pedago
- Williams, J. Mark; Watts, N. Fraser; Macleod, Colin; Mathews, Andrew (2000). *Psicologia cognitiva e perturbações emocionais*. Lisboa: Climepsi: Editores
- Zabalza, A. Miguel (1987). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Lisboa: Edições ASA

ANEXOS

Anexo 1: Exemplar do questionário realizado aos alunos

Inquérito

1. O que é a crise de que tanto se fala na televisão?

2. Tu sentes, de alguma forma, a crise que se vive no nosso país?

3. Porque é que achas que esta crise está acontecer?

4. Quem são os culpados da crise?

5. O que farias para a crise acabar?

Anexo 2: Exemplar do questionário realizado aos docentes do Centro Escolar

Inquérito

1 – Acha que a crise tem afetado o bom desempenho dos alunos na sala de aula?

2 – Na sua perspetiva que papel deverá ter a escola em casos de famílias mais afetadas pela crise?

3 – Sente de algum modo que a crise tem vindo afetar as condições de ensino (falta de materiais, recursos, entre outros)?

Anexo 3: Exemplar do questionário realizado aos pais/encarregados de educação

Inquérito

1. Como define a crise atual do país?

2. Sente de alguma forma a crise? Como?

3. Acha que a verdade deverá ser ocultada às crianças, ou deverá ser explicada de acordo com a sua faixa etária?

4. Acha que esta fase difícil que atravessamos afeta as crianças? De que forma?

5. Que papel entende que deverá ter a escola neste contexto?

Anexo 4: Exemplar do pedido de autorização aos pais/ encarregados de educação para a recolha de dados junto dos seus educandos

Exmo. Sr. ou Sra.

Encarregado (a) de Educação

No âmbito do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, pretendo realizar um trabalho na área do Estudo do Meio Social. Tentarei perceber, junto dos alunos, em que medida a atual crise afeta a estabilidade emocional da criança e a sua aprendizagem.

Serão propostas algumas tarefas sobre esta temática, designadamente o preenchimento de inquéritos e análise das concepções dos alunos relativamente à crise. Para além disso, pretende-se esclarecer algumas dúvidas que os alunos possam ter, explicando, de uma forma adequada à faixa etária em questão, os diversos contornos do problema.

Desta forma, será fundamental para o meu estudo obter dados, através de registos audiovisuais e de documentos com as tarefas realizadas pelos alunos. Assim, venho solicitar a sua compreensão, autorizando a recolha desses elementos, sendo que essa informação é confidencial e apenas será utilizada para o desenvolvimento deste trabalho de investigação. Nesse mesmo contexto, e para os mesmos fins, agradecia o preenchimento do inquérito que junto.

Estou disponível para qualquer esclarecimento adicional, respondendo a questões e dúvidas que possam surgir relativamente a esta situação.

Grata pela atenção,

Viana do Castelo, 6 de Janeiro de 2013

A mestrandas,

Carolina Pereira

Eu _____ Encarregado (a) de Educação do (a) _____

declaro que autorizo a gravação audiovisual e a participação do meu educando nas atividades propostas.

(Assinatura)

**Anexo 5: Exemplar da ficha destinada aos pais/encarregados de educação
(profissão, habilitações literárias e situação atual de emprego)**

Profissão: _____

Habilitações literárias:

- ☐ 1º, 2º, 3º ou 4º ano (antiga instrução primária)
- ☐ 5º ou 6º ano (antigo ciclo preparatório)
- ☐ 7º, 8º ou 9º ano (antigo 3º, 4º e 5º liceal)
- ☐ 10º, 11º ou 12º ano (antigo 6º e 7º liceal)
- ☐ Ensino pós-secundário (cursos de especialização tecnológica)
- ☐ Bacharelato
- ☐ Licenciatura
- ☐ Mestrado

- ☐ Doutoramento

Situação atual de emprego:

- ☐ Ativo
- ☐ Desempregado
- ☐ Reformado
- ☐ Outro. Qual? _____

Anexo 6: Versão digital das planificações e reflexões semanais do período de estágio no 1º Ciclo e Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada